

EDNIR DAMASCENO MATIAS

**A CACHAÇA DE ALAMBIQUE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA
INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE
PRESIDENTE BERNARDES - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Luana Melo e Silva

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2020

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

- M433c
2020
- Matias, Ednir Damasceno, 1985-
A cachaça de alambique como patrimônio cultural e sua
influência no desenvolvimento socioeconômico do município de
Presidente Bernardes – MG / Ednir Damasceno Matias. - Viçosa, MG,
2020.
167 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.
- Inclui anexos.
Orientador: Luana Melo e Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.150-154.
1. Comunidades - Desenvolvimento - Presidente Bernardes. 2.
Cachaça - Aspectos econômicos. 3. Cachaça - Aspectos sociais. 4.
Patrimônio cultural. 5. Turismo. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio
Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22 ed. 307.14

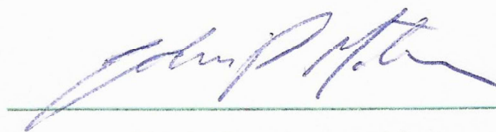
EDNIR DAMASCENO MATIAS

**A CACHAÇA DE ALAMBIQUE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA
INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE
PRESIDENTE BERNARDES - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

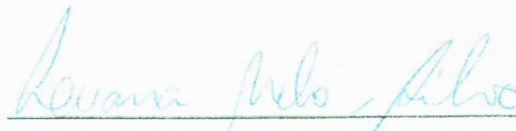
APROVADA: 10 de julho de 2020.

Assentimento:



Ednir Damasceno Matias

Autor



Luana Melo e Silva

Orientadora

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível se não contasse com tantas pessoas, coisas e eventos em geral, que, ao longo de minha vida, foram se dispondo para chegar até aqui e a tudo isso passo a agradecer ou reiterar agradecimentos.

O primeiro importante agradecimento que faço é a Deus, todo poderoso e misericordioso que, pela intercessão de Santo Expedito, sempre me ajudou a vencer a procrastinação e o cansaço neste percurso e, pela intercessão de São Longuinho, me ajudou a encontrar luz e criatividade, mesmo quando tudo parecia cair.

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa (UFV) pela disponibilização desta formação que considero não apenas acadêmica/ profissional, mas, sobretudo, formação humana.

Agradeço à professora Luana, minha orientadora que se fez tão amiga. Muito obrigado por ter acreditado neste projeto e por ter estado comigo na realização deste, com tanta paciência e atenção.

Agradeço à professora Alistandra e professor Jonas pela participação na banca de defesa e por tanto terem contribuído. Também agradeço ao professor Leonardo que também contribuiu enormemente em ocasião da apresentação do seminário (qualificação) junto com o professor Jonas. Estendo este agradecimento também aos demais professores e professoras do programa de pós-graduação.

Agradeço à Mileny, secretária do programa, por toda disposição, dedicação e paciência em cada atendimento, agradecimento este que se estende também a todos os colaboradores dos Departamentos de Geografia e História da UFV.

Agradeço imensamente também aos colegas da turma do mestrado de 2018, por todo companheirismo, descontrações, incentivos, tudo em que nos ajudamos nesses anos. Agradeço também aos demais colegas veteranos e calouros que oportunamente nos encontramos em algum momento e também contribuíram muito.

Agradeço aos produtores de cachaça de Presidente Bernardes (Calambau) e a todos seus colaboradores e familiares. Especialmente destaco alguns com os quais tive o prazer de fazer contatos mais diretos e que dispensaram horas valiosas

em favor desta pesquisa, tais sejam o Toninho, o Albertinho, o Carlos, o Luís, o Miltinho, o Juvenil e o Otacílio.

Agradeço ao amigo senhor Murilo, que tive o prazer de conhecer e que tanto me indicou caminhos, bem como aos demais membros do Conselho Municipal de Patrimônio de Presidente Bernardes.

Ao Prefeito Doutor Jason e ao Secretário de Cultura, José Geraldo (Zé Padre), por meio dos quais agradeço também aos demais colaboradores da Prefeitura Municipal de Presidente Bernardes. Destes agradeço especialmente à Gabriela e demais colaboradoras, que, zelosamente, muito me atenderam e colaboraram nas visitas à Biblioteca Municipal.

Agradeço de uma forma geral a tantos e todos que participaram da pesquisa expressando suas opiniões em algum momento, sejam em questionário, entrevista ou mesmo em simples conversas. Agradeço aos participantes, prestadores de serviços e demais colaboradores do primeiro Canaviagem, pela experiência incrível naquele dia maravilhoso.

Agradeço ao meu pai Francisco e minha mãe Maria Inês, que, mesmo não tendo recebido oportunidades sequer parecidas, conseguiram se desdobrar e dar tanta esperança e perseverança aos seus seis filhos. A estes meus irmãos Edmilson, Edvando, Ednéia, Edgar e Edjane, também agradeço muito por todo apoio, incentivo, exemplo, orações, torcida... Por menor que pareça algum gesto, creiam que é tudo pra mim.

Neste sentido agradeço também aos demais familiares que sempre estiveram presentes lembrando especialmente de todos cunhados e cunhadas, tanto por parte de irmãos e irmã quanto por parte de cônjuge, meu sogro e sogra, todos os primos e primas, tios e tias... Muito obrigado. Vocês são fantásticos.

Agradeço aos colegas de trabalho da UFV, especialmente da Diretoria de Material por todos estes anos juntos compartilhando sonhos e esperanças além do trabalho. Agradeço à Danúbia e demais colegas do Serviço de Capacitação de Pessoal e todos da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas por todo apoio. Agradeço ainda o apoio dos colaboradores da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Gráfica Universitária e da Biblioteca Central.

Mesmo estando incluída em agradecimentos anteriores, agradecendo outros amigos, específico agradecimento à Patrícia, veterana, servidora, considerada por

mim uma co-orientadora desde antes da seleção para o mestrado e, principalmente, amiga há muitos anos e que tanto me ajudou.

Foram ainda tantos amigos e amigas que tiveram papel fundamental para mim na realização deste trabalho. Agradeço aos amigos da Comunidade São Judas Tadeu e de toda a Paróquia São João Batista, especialmente aqueles com quem a amizade foi fortalecida por meio do EAC, do ECC, do Terço dos Homens, da assessoria à Juventude e agradeço também ao nosso padre Geraldo e todos que por aqui passaram. Agradeço aos amigos que fiz no grupo de jovens JSC e que permanecem para a vida, bem como os amigos de pedalada.

Como não podia deixar de ser, faço um agradecimento mais que especial à esposa Marinei. Na verdade é até difícil agradecer quando sinto que este trabalho é também dela quanto meu, minha primeira confidente, tanto ouviu com paciência as ideias, desde as mais loucas, e com conselhos amáveis, tanto ajudou mais este sonho se tornar realidade. Marinei fazia com que nosso filho e filha sentissem que as viagens de pesquisas parecessem passeios ou simples férias. De fato, todo trabalho foi muito mais divertido também para mim com as suas companhias e tudo isso só aumenta em mim o desejo de retribuir tanto apoio. Muito obrigado, meus amores.

Infelizmente não conseguiria citar nominalmente a todos que me ajudaram nesta lista. Assim, de uma forma geral reitero o agradecimento que oportunamente já foi feito a todos que emprestaram de alguma forma seus sentidos e contribuíram para a realização deste sonho, compartilharam ideias e, como eu, esperam ver bons frutos de tudo isso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos e todas, muito obrigado! Que Deus vos conceda sempre graça e paz!

Resumo

MATIAS, Ednir Damasceno, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2020.
A cachaça de alambique como patrimônio cultural e sua influência no desenvolvimento socioeconômico do município de Presidente Bernardes – MG. Orientadora: Luana Melo e Silva.

A cachaça é um tradicional produto brasileiro que vem cada vez mais conquistando lugar de destaque na cultura nacional. Embora a valorização da cachaça tenha ampliado nas últimas décadas, este bem cultural, em geral, ainda precisa ser mais bem explorado pela sociedade, pelos órgãos públicos e pela iniciativa privada para que este patrimônio e seus componentes sejam salvaguardados. Em Presidente Bernardes (MG), cidade produtora de cachaça em grande quantidade desde o período colonial, a realidade é ainda mais delicada, sendo que as atividades de muitos dos alambiques antigos já se encerraram e outros caminham para o encerramento. A pesquisa realizada de forma exploratória teve como objetivo investigar alguma relação entre o patrimônio cultural relacionado à cachaça e o desenvolvimento local em Presidente Bernardes – MG. Assim, o estudo realizado identificou que a população de Presidente Bernardes ainda apresenta forte identidade com este patrimônio cultural e que este, se trabalhado em conjunto com outras políticas públicas e planejamento municipal, tem o potencial de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da cidade por meio da exploração do turismo que envolve a cachaça. Assim, a exploração da atividade turística com a cachaça e outras curiosidades que envolvem o meio rural tem o potencial de colaborar com a salvaguarda deste patrimônio, ao incentivar a permanência das pessoas no campo juntamente com os investimentos consequentes.

Palavras-chave: Cachaça. Patrimônio. Turismo. Desenvolvimento. Presidente Bernardes

Abstract

MATIAS, Ednir Damasceno, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2020.
Alembic cachaça as a cultural heritage and its influence on the socioeconomic development of the municipality of Presidente Bernardes - MG. Advisor: Luana Melo e Silva.

Cachaça is a traditional Brazilian product that is increasingly gaining a prominent place in national culture. Although the valorization of cachaça has increased in recent decades, this cultural thing, in general, it still needs to be better explored by society, public agencies and private initiative to safeguard everything related to this heritage. In Presidente Bernardes (MG), a city that has been producing cachaça in large quantities since the colonial period, the reality is even more delicate, because the activities of many of the old stills are already over and others are closing. The exploratory research aimed to investigate some relationship between the cultural heritage related to cachaça and local development in Presidente Bernardes - MG. Thus, the study identified that the population of Presidente Bernardes still has a strong identity with this cultural heritage and that, if worked together with other public policies and municipal planning, has the potential to contribute to the socioeconomic development of the city through the exploration of tourism that involves cachaça. Than, the exploration of tourism with cachaça and other curiosities that involves the countryside has the potential to help safeguard this heritage encouraging the permanence of people in the countryside along with the consequent investments.

Keywords: Cachaça, Heritage, Tourism, Development, Presidente Bernardes

Lista de ilustrações

Figuras

Figura 1 – Localização de Presidente Bernardes.....	11
Figura 2 - Capela de Santo Antônio de Calambau em 1775	60
Figura 3 - Mesa e muro de pedra colonial na Fazenda Bananeiras	70
Figura 4 – Chegada Festa da Cana e Festival da Cachaça 2019	78
Figura 5 – Cartaz Festa da Cana e Festival da Cachaça 2019	79
Figura 6 – Localização de Presidente Bernardes.....	111
Figura 7 - Fazenda Água Limpa	119
Figura 8 - Fazenda Bananeiras	119
Figura 9 - Cachaça sem Nome - Canavial	120
Figura 10 - Pesque e Pague do Tilé.....	120
Figura 11 - Cachoeira Grande (cachoeira do Zé Bento ou Antero)	122
Figura 12 - Parque de Exposição Kaquim Quintão	123
Figura 13 - Divulgação do teste de conceito do Canaviagem	136
Figura 14 - Lembrancinha do Canaviagem	138
Figura 15 - Apresentações da Cachoeira Grande no Rio Xopotó	139
Figura 16 - Visita ao Alambique Engenho Calambau.....	140
Figura 17 - Apresentação do engenho Agua Limpa	141

Gráficos

Gráfico 1 - Citações de bebidas em músicas	42
Gráfico 2 - Ponto de equilíbrio do pacote com hospedagem.....	132

Lista de siglas e abreviaturas

ABGTUR - Associação Brasileira de Guias de Turismo
ABRABE - Associação Brasileira de Bebidas
ACSM - Arquivo da Casa Setecentista de Mariana
AMPAQ - Associação Mineira dos Produtores de Cachaça de Qualidade
APACS - Associação dos Produtores Artesanais de Cachaça de Salinas
Cadastur - Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais
CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
INSS - Instituto Nacional do Seguro Nacional
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISS - Imposto Sobre Serviço
JK – Juscelino Kubitschek
MEI - Microempreendedor Individual
MG – Minas Gerais
Minas Caixa - Caixa Econômica Estadual de Minas Gerais
Op. Cit. - opus citatum (da obra citada)
PP - Partido Progressista
PRM - Partido Republicano Mineiro
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SWOT - forças e fraquezas, oportunidades e ameaças (traduzida)
TBC - Turismo de Base Comunitária
UDN - União Democrática Nacional
Ufeviana – Aquela originada da UFV
UFV – Universidade Federal de Viçosa
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

Introdução geral	11
1. O lugar da cachaça no patrimônio cultural brasileiro.....	24
1.1 Fundar, construir e beber: a cachaça na memória e identidade brasileira	26
1.2 Cachaça ou água de côco pra mim tanto faz? Modernidade e globalização	37
1.3 Os processos de patrimonialização da cachaça no Brasil	44
2. Trezentos anos de cachaça: de Calambau a Presidente Bernardes	55
2.1. Raízes e frutos de Calambau	61
2.2. As cachaças e curiosidades de Calambau e Presidente Bernardes	63
2.3. A “Festa da Cana” e o “berço da cachaça mineira”	77
2.4. Cachaça, cidade e identidade	80
3. Cachaça: de produto comercial a experiência social e desenvolvimento	85
3.1. Exemplos de sucesso na exploração turística da cachaça	88
3.2. O enoturismo e o turismo de cachaça	94
3.3 O interesse regional quanto à cachaça de Presidente Bernardes.....	99
Conclusões gerais	107
PARTE II	109
4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PRÁTICA	110
4.1 Canaviagem: turismo de cachaça e curiosidades em Presidente Bernardes....	113
4.1.1 Primeiro dia	117
4.1.2 Segundo dia	118
4.1.3 Terceiro dia	123
4.2 A estruturação do negócio para realização do Canaviagem	123
4.2.1 Recursos Humanos	125
4.2.2 Recursos logísticos	125
4.2.3 Análise Ambiental.....	126
4.2.4 Contatos, parcerias e preços.....	129
4.3 Teste de conceito do Canaviagem	133
4.3.1 A preparação do teste	134
4.3.2 Relatório da experiência Canaviagem.....	138
4.3.3 Resultados do teste de conceito	143
4.4 Considerações finais	147
Bibliografia.....	150
Anexos	155

Pedro Maciel Vidigal³ conta que a colonização na cidade iniciou por volta do ano de 1710 com a vinda de bandeirantes paulistas que buscavam encontrar mais ouro e capturar índios. Um dos primeiros bandeirantes na região foi João Siqueira Afonso, vindo de Taubaté, seguido por muitos outros mais tarde. Inicialmente a cidade foi denominada de Calambau, por influência dos índios *botocudos*, que assim tratavam aquela terra nas proximidades do então rio Guarapiranga como sendo, grosso modo, *“lugar onde o mato não era fechado, era ralo, vazio e oco”*.⁴

Como Calambau ficou conhecido o distrito pertencente a então vila de Guarapiranga e, finalmente, ao município de Piranga, até o ano de 1953, quando o processo de emancipação do distrito, após cerca de um ano de tramitação, foi concluído com a sua elevação à categoria de município com a Lei Estadual nº 1.039 de 13 de dezembro de 1953, passando a denominar Presidente Bernardes.⁵

Embora a emancipação política da cidade seja recente, ela se destaca na região pelo seu patrimônio cultural, como suas edificações, a exemplo da Igreja Matriz de Santo Antônio, construída em 1953, mas ainda conserva em seu interior bens do início do século XVIII, como a pia batismal. Também são marcantes as tradições religiosas como a folia de reis e congado e, ainda, seus casarões e suas paisagens “naturais” com a Mata Atlântica e cachoeiras.⁶

A produção da cachaça em Presidente Bernardes também é uma antiga tradição. Segundo o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Presidente Bernardes existem informações de que a Fazenda Bananeiras já produzia esta bebida no século XVIII. Todavia, por ser imprecisa esta informação, considera-se como marco da tradição cachaceira na cidade o início da produção regular de cachaça pela Fazenda da Água Limpa, em 1882, quando passou a atender os mercados de Ouro Preto, Mariana e São João Del Rei.⁷ Esta dissertação também

³ VIDIGAL, Pedro Maciel. **Os antepassados**: a sua terra. Belo Horizonte: Editora Imprensa Oficial, 1979.

⁴ ibidem.

⁵ PRESIDENTE BERNARDES. **300 anos de história - 1710/2010 - de Calambau a Presidente Bernardes**. Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, 2010. Disponível em: <http://culturacpb.blogspot.com.br/2010/12/um-pouco-sobre-nossa-historia-e-cultura.html>. Acesso em 24 de abril de 2018.

⁶ ibidem

⁷ ibidem

discute adiante confirmações históricas da comercialização da cachaça na região a qual se situa a cidade pesquisada já no século XVIII.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Cultura do município, em 2010 existiam 16 (dezesseis) alambiques em atividade e 21 (vinte e uma) marcas de cachaças.⁸ Em um levantamento no ano de 2018 a pedido deste pesquisador, a Secretaria Municipal de Cultura identificou 24 (vinte e quatro) marcas de cachaça. Todavia são desconhecidos estudos acadêmicos sobre estes alambiques em Presidente Bernardes, suas origens, sua importância.

Um reflexo da marcante tradição de produção da cachaça a partir da cana-de-açúcar na cidade e seus distritos é a realização anual, desde 1984, do *“Festival da Cachaça de Presidente Bernardes e a Festa da Cana”*. Neste evento é promovida degustação das cachaças produzidas pelos diversos engenhos da cidade, com premiação às melhores cachaças, *shows*, cavalgadas, entre outros detalhes marcantes da cultura local, recebendo visitantes de diversas cidades mineiras e até de outros estados.⁹ Outra marca clara da valorização, ou da tentativa de valorização da tradição da produção da cachaça em Presidente Bernardes é a sua tentativa de auto titulação como “berço da cachaça mineira” pelo poder público, titulação esta que será discutida adiante.

Por outro lado, reflete-se que o desenvolvimento socioeconômico do município parece não acompanhar o aparente valor patrimonial da cachaça. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁰ mostram que o município se encontra apenas na 644ª posição no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano de 2010 (IDH igual a 0,632) entre as cidades mineiras. A Produção Agrícola Municipal (Lavoura Temporária) em 2015 contou com a participação da cana-de-açúcar em aproximadamente 29% (vinte e nove por cento) da produção total do município.

Diante destes fatos, a pesquisa buscou analisar a tradicional produção da cachaça no município de Presidente Bernardes, no interior de Minas Gerais, suas origens e importância para o município, bem como a sua participação na formação

⁸ ibidem

⁹ ibidem

¹⁰ IBGE. **op. cit.** p. 12.

da identidade daquele povo e, assim, verificou sua potencialidade para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico municipal.

A importância do trabalho reside em investigar a situação patrimonial da cachaça em Presidente Bernardes ao passo que apontou formas de salvaguardar essa herança cultural histórica imaterial promovendo o desenvolvimento econômico e social do município.

De acordo com a definição de Regina Abreu e Mário Chagas,¹¹ ao patrimônio cultural imaterial estão incluídos bens que possuem processo de produção e outros aspectos que fazem parte do legado histórico do povo. Assim a cachaça pode ser entendida além de um mero produto comercial. Além disso, conforme salienta Luís da Câmara Cascudo,¹² a cachaça já era mencionada na Carta II de Sá Miranda entre os anos de 1481 e 1558, sendo mais valorizada como moeda de troca para o tráfico de escravos africanos a partir do início do século XVII.

Por outro lado, mesmo com os apontamentos da importância da cachaça para o Brasil no período colonial e também no imperial como em Luís da Câmara Cascudo,¹³ Camila Moraes Marques¹⁴ e José da Paz Dantas,¹⁵ há considerações, como em Lucas Endrigo Brunozi Avelar,¹⁶ de que a bebida hoje no Brasil seria cercada de preconceitos e levada ao esquecimento. O autor cita que os objetos imateriais têm atributos de valores e sentidos que não vêm deles, mas da sociedade em que estão inseridos. Esta consideração foi importante para a verificação do

¹¹ ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (ors). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos – 2. ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

¹² CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**: Etnografia, História e Sociologia da aguardente no Brasil. Natal: Coleção Canavieira, 1967. p. 9.

¹³ Ibidem

¹⁴ MARQUES, Camila Moraes. **À margem da economia**: Cachaça e protocampesinato negro no litoral sul Fluminense (1800-1888). Dissertação (Mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

¹⁵ DANTAS, José da Paz. **Um brinde à cachaça**: o patrimônio histórico-cultural e seus usos turísticos nos alambiques do rio grande do norte. Dissertação (Mestre em Turismo) do Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGTUR/UFRGN - Natal, 2016.

¹⁶ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **A moderação em excesso**: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial. Dissertação (mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

sentimento dos bernardenses sobre o patrimônio cultural relacionado à cachaça ainda fabricada artesanalmente como há alguns séculos.

Neste ponto é importante destacar que a pesquisa buscou dar atenção especial à cachaça artesanal. Esta é produzida em menor quantidade que a cachaça industrializada, pois exige maiores custos e prazos maiores de processamento. Todavia a cachaça artesanal é amplamente considerada de melhor qualidade e consequentemente seu preço de mercado tende a ser mais elevado quando comparada àquelas feitas de forma industrial.

As principais características gerais das cachaças industriais são utilização de diversas canas de diversos produtores e colheitas; utilização de queimada e máquinas para a colheita da cana; uso de destiladores contínuos também conhecidos por colunas; destinação de toda produção para o consumo, sem fazer a separação das partes mais prejudiciais que causam dores de cabeça, por exemplo; tem processo mais rápido e barato para cada unidade, porém com qualidade inferior percebida; a produção, em geral, é em massa, ou seja, em grandes quantidades.

Por sua vez as principais características da cachaça artesanal, ou de alambique tradicional são fabricação a partir de apenas uma variedade de cana e da mesma safra; colheita da cana apenas por meio do corte geralmente manual; destilação feita em alambiques reutilizando bagaços na combustão; separa-se para o consumo como bebida apenas entre 60% e 80% do produto, percentual menos prejudicial popularmente chamado de coração, descartando ou dando outra utilização (combustível etanol ou higienização, por exemplo) ao restante inicial e final (cabeça e rabo) que contêm mais impurezas; o processo é mais caro para cada unidade produzida e mais demorado, porém tem produto de melhor qualidade; a produção geralmente é em pequenas quantidades.

Néstor Canclini¹⁷ é um dos autores que consideram o sentimento de identidade pelo povo como capaz de valorizar o seu patrimônio. Tal consideração também pode ser feita ao constatar, nas análises das cachaças produzidas em Presidente Bernardes, que o sentimento de identidade dos munícipes para com a

¹⁷ CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução: Maurício Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23, p. 94-112, 1994. p. 109.

tradição da produção de cachaça tem o potencial de valorizar tal bem cultural, tanto em termos de memória quanto em termos monetários, ao passo que permite a salvaguarda quase automática do patrimônio.

Uma das consequências da valorização cultural, ao destacar o sentimento de identidade da comunidade para com a produção artesanal da cachaça, conforme também apontaram estudos do SEBRAE,¹⁸ seria a possibilidade da exploração cultural e econômica do patrimônio como alternativa para o desenvolvimento da região através do turismo com a utilização dos espaços de produção e comercialização da cachaça.

O empenho dos órgãos municipais na promoção dos citados eventos culturais relacionados à cachaça caracteriza forte interesse público na preservação da memória e do saber fazer, bem como o interesse no possível desenvolvimento regional, o que tornou viável a execução deste estudo.

O objetivo principal da pesquisa foi analisar alguma relação entre o patrimônio cultural relacionado à cachaça e o desenvolvimento local mediante momentos de valorização ou esquecimento da bebida pela população. Este objetivo foi atendido a partir das análises do caso das cachaças de Presidente Bernardes como relatado nos capítulos que se seguem nesta dissertação.

Para alcançar o objetivo principal, também foi necessário alcançar objetivos intermediários que ajudaram a solucionar o citado problema de pesquisa, tais sejam: revisar e ampliar a bibliografia existente quanto ao patrimônio cultural da produção da cachaça; avaliar as possibilidades turísticas para o desenvolvimento do município; analisar o sentimento de identidade dos bernardenses a respeito da cachaça em determinados períodos; e planejar exploração turística junto às fazendas e engenhos produtores como a parte prática (produto) do trabalho.

O objeto de pesquisa, ou seja, a tradição de fazer cachaça em Presidente Bernardes e o desenvolvimento necessitou transitar também sobre o conceito de memória e de identidade. Isto porque o consumo de massa, a globalização, tende a

¹⁸ SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cachaça artesanal**: série de estudos mercadológicos. SEBRAE: 2012.

uniformizar as culturas e até sufocar os traços de diversidade das culturas atuais.¹⁹ Considera-se importante definir que à expressão “fazer / produzir cachaça”, algumas vezes foi adicionada a palavra “comercializar”, todavia a expressão “produção e comercialização de cachaça” não se refere necessariamente a dois objetos de estudo diferentes nesta pesquisa e sim, a duas ações indissociáveis na prática alambiqueira da cachaça.

Natália Brayner²⁰ lembra que a concepção da palavra patrimônio origina-se da palavra pai (*pater*), estando relacionada, por muitos anos, à ideia daquilo que é deixado pelo pai ao seu filho. Segundo a autora, tornou-se comum a utilização da palavra patrimônio para referir-se aos bens ou riqueza. Com a Revolução Francesa no século XVIII, a palavra patrimônio começou a adquirir sentido de propriedade coletiva quando revolucionários buscavam destruir bens que para eles representavam um sistema político a ser superado. Houve, portanto, movimento intelectual contrário a esta destruição apontando que o valor histórico daqueles bens estavam diretamente relacionados à história do próprio povo francês como um todo.²¹

Essas representações culturais de cada povo, entretanto, não se trata mais exclusivamente dos bens tangíveis, mas também a tradição, os saberes, entre outros. Tornou-se então necessário diferenciar o Patrimônio Material e o Patrimônio Imaterial. O primeiro, de acordo com Chiara Bortolotto,²² se refere ao conjunto de bens culturais classificados, segundo sua natureza, como arqueológico, paisagístico e etnográfico, histórico, belas artes e das artes aplicadas, divididos em bens imóveis e móveis. O Patrimônio Imaterial, por sua vez, constitui-se das referências

¹⁹ COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania?** (10ª reimpressão da 3ª edição de 1995). São Paulo: Brasiliense, 2002

²⁰ BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 3ª. ed., Brasília (DF): IPHAN, 2012. 36 p. : il. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf.

²¹ ibidem

²² BORTOLOTTI, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n.4, p.5-17, dez. 2010/mar.2011.

identitárias na visão dos grupos que as praticam, sendo exemplos os saberes, ofícios, festas, rituais, as expressões artísticas e lúdicas.²³

Neste sentido, David Lowenthal²⁴ esclarece que a frequência de atualização e reinterpretação da memória enfraquece a identidade coerente. De acordo com as conceituações deste autor, memória são as lembranças, individuais e principalmente as coletivas, que nos permite conhecer e relatar o passado. Identidades seriam as memórias do passado que se perpetuam das confrontações de relatos e experiências, tornando o grupo possuidor de um patrimônio cultural que tende a ser uma característica especial deste.

Ainda de acordo com David Lowenthal,²⁵ o passado seria constituído a partir de narrativas do presente, seja em enfoque amplo ou em menor alcance, como as tradições familiares ditas “passadas de pai para filho”, por exemplo. Nota-se assim que a produção de cachaça trata-se de uma dessas tradições, pois é passada de gerações a gerações, de pai para filhos e até mesmo de senhores aos escravos libertos por meio de inventários.²⁶

A cachaça, tradicional produto comercializado no mundo todo, passou a ser reconhecida como exclusivo do Brasil em 2005. O reconhecimento como patrimônio cultural, entretanto, tem ocorrido apenas no âmbito de alguns municípios (Paraty – RJ, Salinas – MG), estando ainda pendente o reconhecimento deste patrimônio a nível nacional.²⁷ Todavia o processo de valorização e preservação das memórias relacionadas a este bem, que é cultural e ao mesmo tempo comercial, deve ser bem acompanhado para evitar que aquilo que seria tradicional e, logo, fonte do saber e do conhecimento, venha ser desvirtuado e perca seu efeito e valor na memória coletiva.²⁸

²³ ibidem

²⁴ LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, no. 17, nov.1998. p. 63-201. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>.

²⁵ ibidem

²⁶ MARQUES, Camila Moraes. **op. cit. p. 14.**

²⁷ MACCARI, Lauren Dal Bo Roncato. **Cachaça: como legalizar seu empreendimento: conheça os procedimentos para formalizar sua empresa de produção ou comercialização de cachaça e aguardente de cana.** Brasília: Sebrae, 2013.

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, nº. 3, pg. 3-15, Rio de Janeiro: 1989.

Essa referência ao passado presente na cachaça, encontrada em Câmara Cascudo²⁹, por exemplo, permite manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.³⁰

Seguindo as considerações de Michael Pollak,³¹ de que o patrimônio seria resultado da construção a partir dos relatos (sejam verbais, documentais, artísticos, científicos), que se fazem a partir da memória coletiva, é possível investigar o real valor cultural do modo tradicional de fazer cachaça no município bernardense.

Os alambiques e as fazendas onde se produzem cachaças no município de Presidente Bernardes, com suas paisagens, também são lugares de memória contando a história do povo. Ulpiano de Meneses³² afirma que a paisagem é um fato cultural que envolve a ação humana, a interação e o objeto, que no caso considera-se serem os alambiques e as fazendas. De fato, a paisagem tem sido mobilizada no campo da identidade, ao passo que se torna um dos motores fundamentais do turismo com o foco mercadológico da diferenciação.³³

Neste sentido, as considerações de vários autores, como já apontava Cássio Oliveira et al,³⁴ de que o turismo é uma das atividades rurais não agrícolas que mais vem se destacando no Brasil, não podem ser ignoradas, bem como seus possíveis reflexos na comunidade exploradora da fabricação artesanal da cachaça. A explicação para a expansão do turismo rural no Brasil, segundo Cássio Oliveira et al,³⁵ está na vontade das pessoas, principalmente moradores das grandes cidades, de reencontrar suas origens e conviver com a natureza, com a tranquilidade e calmaria do campo, bem como na necessidade que o produtor rural tem de diversificação de fonte de renda e valorização de seus produtos.³⁶

²⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. **op. cit.** 1967. p. 14.

³⁰ POLLAK, Michael. **op. cit.** p. 19.

³¹ *ibidem*

³² MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In YÁZIGI, E. (org). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

³³ *ibidem*

³⁴ OLIVEIRA, Cássio Garkalns de Souza e MOURA, José Carlos de. **Turismo: novo caminho no espaço rural brasileiro**. Piracicaba: FEALQ, 2000.

³⁵ *ibidem*

³⁶ *ibidem*

A exploração turística deste patrimônio consequentemente em Presidente Bernardes implica na necessidade de transformações significativas no município, tanto as comportamentais quanto as estruturais e, logo, paisagísticas. Eduardo Yázigi³⁷ salienta que *“quem decide se uma área é turística ou não, boa ou má, é o turista”*. Segundo ele, *“lugar turístico é aquele dotado de densidade de frequência turística, equipamentos e serviços da mesma natureza, assim como uma imagem que o caracterize como tal”*.

A sociedade medieval europeia já utilizava de elementos materiais de separação entre o urbano e a periferia, que até então era exclusivamente rural. Ainda de acordo com Eduardo Yázigi,³⁸ o muro e o fosso, que podiam ser ultrapassado apenas através de uma ponte levadiça, também separavam dois estilos de vida muito diferentes. Embora este muro e o fosso separadores atualmente não sejam mais elementos materiais e sim metáforas imateriais para as barreiras culturais e principalmente socioeconômicas que separam os dois lados, o autor questiona se as favelas atuais seriam melhores que as que circundavam os feudos há mais de cinco séculos.³⁹

O ambiente rural, ainda que seja representado por belas fazendas, paisagens com natureza exuberante, romantizada, também reflete esta realidade de periferia. Nota-se em todo ambiente rural a frequente carência de infraestruturas urbanas. As estradas de terra e mal cuidadas já é por si só um sinal comum a identificar o meio rural. O mesmo pode-se dizer das condições e nível das escolas que por ventura existirem, dos meios de transportes públicos, dos serviços de saúde, dentre outros.

Antônio Augusto Arantes.⁴⁰ ao analisar a zona turística da Costa do Descobrimento, no sul do estado da Bahia, apontou que o turismo surgiu como atividade econômica alternativa à cultura do cacau, acarretando investimentos tanto públicos, em infraestrutura (estradas), como privados, no setor imobiliário

³⁷ YÁZIGI, Eduardo A.. Periferias e Turismo: Mitos & Realidades. **Revista Rosa dos Ventos** – Turismo e Hospitalidade, 9(IV), pp.675-689, out-dez, 2017. p. 676.

³⁸ ibidem

³⁹ ibidem

⁴⁰ ARANTES, Antônio Augusto. Paisagem de História: a devoração dos 500 anos. **Projeto História**, São Paulo nº. 20, p. 63-96, abr. 2000.

(condomínios) e hoteleiro. Embora as consequências apontadas pelo autor para o turismo ali seja predominantemente prejudiciais à população, aparentemente esta seria também uma alternativa para outras culturas como a própria cachaça de Presidente Bernardes caso esta se torne definitivamente ultrapassada e perca sua auto sustentabilidade econômica.

A produção e comercialização da cachaça e tudo o que ela representa para a cultura nela envolvida, como os alambiques, as vendas, as fazendas e canaviais, é valorizada na patrimonialização considerando os apontamentos de Simoni Scifoni⁴¹ quanto ao fervor contemporâneo pelo culto ao passado. Por outro lado a autora ainda salienta que há uma valorização maior à simplicidade e ao rústico comparado ao monumental. Busca-se identificação com a natureza nos materiais.⁴²

Marcos Vinícius Braga e Ilana Kiyotani⁴³ estudaram a possibilidade da exploração turística da cachaça contribuir para o conhecimento cultural e histórico do Brasil, ao passo que representaria uma nova alternativa de renda e emprego aos produtores e a sociedade como um todo. Nesta linha de raciocínio eles apontam o *turismo cultural*, uma modalidade que trabalha com a “preservação e o resgate histórico de todo o legado cultural de um determinado destino”.⁴⁴ Portanto, não se trata apenas de ver o patrimônio como bens materiais dos alambiques, canaviais e outros locais a serem visitados e seus objetos. Trata-se, sobretudo, de conhecer o patrimônio imaterial que também é significativo na cultura de determinado povo.

Neste sentido, o morador de Presidente Bernardes, Fernando Peixoto, em seu livro “Manuel da Cachaça”,⁴⁵ narra uma série de contos que relacionam a cachaça, os tempos de escravidão, as manifestações religiosas e tantos outros fatos culturais que expressam a identidade do povo bernardense. Neste conjunto de

⁴¹ SCIFONI, Simoni. Os Diferentes Significados do Patrimônio Natural. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 10, n. 3, p. 55-78, 2006.

⁴² *ibidem*

⁴³ BRAGA, Marcus Vinícius Fernandes e KIYOTANI Ilana Barreto. A cachaça como patrimônio: turismo cultura e sabor. **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 3, n. 2, p. 254-275, jul./dez. 2015.

⁴⁴ *ibidem*

⁴⁵ PEIXOTO, Fernando André Carneiro. **Manuel da cachaça (contos & casos de boteco)**: contos recolhidos do tropeiro/alambiqueiro da Fazenda Bananeiras, Emanuel Dorcelino Américo, filho de escravos, que aqui viveu no século passado. [Presidente Bernardes: s. n.], [2010?].

pequenos contos que aguçam a curiosidade a respeito da veracidade ou não, pode-se encontrar relatos comuns da cidade e suas cachaças em tempos passados, a maioria engraçados e outros contos divertidos de assombração.

Todavia, conforme ainda destacam Marcos Vinícius Braga e Ilana Kiyotani,⁴⁶ “a bebida nacional, também está diretamente ligada a problemas sociais, causados em sua maioria por seu consumo sem controle”, que pode trazer dependência e outros prejuízos à saúde e outros problemas sociais como a violência e acidentes de trânsito. Contudo, os autores bem lembram que estas não são desvantagens únicas da cachaça, mas de todas as bebidas alcoólicas. Neste sentido também salienta Lucas Avelar⁴⁷ que há muitos questionamentos sobre os acidentes de trânsito provocados pelo álcool, mas que pouco se questiona a alta lucratividade cervejeira, ou quiçá das grandes fabricantes de cachaças, como responsável pelo elevado consumo alcoólico.

No estudo buscou-se descrever, a partir de uma abordagem qualitativa, como a produção da cachaça historicamente se relaciona com o desenvolvimento do município de Presidente Bernardes, interpretando os dados à luz das referências históricas no Brasil, como um todo, descrita em Câmara Cascudo⁴⁸ e Gilberto Freyre,⁴⁹ por exemplo, e também na de outros municípios, conforme Camila Marques.⁵⁰ Quanto ao procedimento técnico para coleta de dados adotou-se pesquisa bibliográfica, documental, pesquisa de levantamento e, principalmente o Estudo de Caso, permitindo descrever o processo social que envolve o patrimônio cultural da cachaça bernardense e sua relação com o desenvolvimento socioeconômico.⁵¹

O estudo adotou a delimitação da amostra como sendo o município de Presidente Bernardes, situado na Zona da Mata mineira, pelas peculiaridades do

⁴⁶ BRAGA Marcus Vinícius Fernandes e KIYOTANI Ilana Barreto, **op. cit.** p. 21

⁴⁷ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **op. cit.** p. 15.

⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **op. cit.** 1967. p. 14.

⁴⁹ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos [recurso eletrônico]:** decadência do patriarco rural e desenvolvimento do urbano / Gilberto Freyre; apresentação de Roberto DaMatta; biobibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas por Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2013.

⁵⁰ MARQUES, Camila Moraes. **op. cit.** p. 14

⁵¹ BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História:** da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

mesmo quanto a tradição de produção de cachaça, conforme aprofundado no Capítulo 2. Todavia não se trata de limitar as vivências simbólicas e educativas a um único contexto cultural específico. Ao contrário, a partir das referências culturais locais da cidade de Presidente Bernardes puderam-se acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes.⁵²

Foi adotada a aplicação de questionários para avaliar e pontuar a percepção quanto ao patrimônio, entrevistas estruturadas com a finalidade exclusiva de consultar opiniões e observação participante, diário de campo em visitas realizadas ao longo do estudo junto aos produtores, autoridades públicas, turistas e a comunidade como um todo.

A desigual relação entre os dados necessários e disponíveis, bem como as limitações de recursos financeiros e prazos para a pesquisa, nos levou a reduzir o campo de estudo para apenas alguns dos alambiques de Presidente Bernardes, considerando relevância histórica e/ ou a viabilidade de acesso.

O presente trabalho se divide em duas grandes partes, conforme requisitos do programa de pós-graduação ao qual faz parte, sendo que a **primeira parte** segue dessa introdução e compreende os capítulos 1, 2 e 3, os quais apresentam a pesquisa realizada e os resultados obtidos.

A **segunda parte**, por fim, também denominada *intervenção prática* ou *produto* trata-se de uma proposta de um roteiro turístico denominado Canaviagem, explorando as cachaças de Presidente Bernardes conforme planejamento detalhado.

⁵² BRANDÃO, Carlos Rodrigues [et al.] **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

Capítulo 1

O lugar da cachaça no patrimônio cultural brasileiro

As revoluções modernas merecem destaque nas reflexões a respeito do patrimônio, sua gestão, sua institucionalização. Esta relevância da modernidade para o entendimento da humanidade não se deve às inovações ou rupturas propriamente ditas advindas deste processo, mas, acima disso, destaca-se a ampliação do alcance das discussões em todo o mundo. A globalização trouxe à tona que, como afirma David Harvey,⁵³ “Ouro e prazer estão no coração disso tudo”. Por sua vez, Luís da Câmara Cascudo⁵⁴ afirma que “toda a existência humana decorre do binômio estômago e sexo”. Estas afirmações aparentam ser bem similares. Talvez as equações propostas na verdade nem se tratem de um binômio, mas de variações de expressões do sistema de poder que tanto se expandiu a partir das revoluções modernas: ao qual hoje chama-se de *capitalismo global*. De fato, todas as lutas e conflitos, ou seja, todos os momentos marcantes da história do Brasil e do mundo, bem como histórias locais foram desencadeados a partir das disputas por poder, riqueza, paixões, alimento e liberdade entre outras necessidades humanas. Seja como for, a cachaça é um produto presente em importantes reflexões sobre essas necessidades em diversos momentos no Brasil e em outros países, ora como motor de disputas, ora como resultado destas.⁵⁵

A consequência mais notável das tendências da modernidade, ou seja, da tentativa de ruptura radical com o passado, como ainda apontado por David Harvey, é, em contrapartida, “buscar no passado uma explicação do presente e uma preparação para o futuro”.⁵⁶ Todavia, o passado não está mais disponível como antes e sua busca ocorre por meio de sua representação, por meio da memória, do patrimônio cultural de um povo, de uma nação. Estes conceitos serão discutidos

⁵³ HARVEY, David. **Paris: A capital da modernidade**. Trad. Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 54.

⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 17

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ HARVEY, David. 2015. **Op. cit. p. 25**. p. 25

adiante cabendo antecipar a definição de Néstor Canclini⁵⁷ de que “o patrimônio cultural expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social”.

Neste capítulo reflete-se sobre a cachaça tanto como bem cultural e também como prática que identifica o brasileiro e, assim, direta ou indiretamente, teria contribuído e tem o potencial de ainda contribuir para a construção da ideia do *nacional*.

O estudo que se apresenta é parte de um conjunto de estudos sobre a tradição relacionada à cachaça na cidade de Presidente Bernardes, situada na Zona da Mata mineira, há cerca de 60 km (sessenta quilômetros) da cidade de Viçosa, onde se produz mais de 20 (vinte) rótulos da bebida supostamente desde o século XVIII.⁵⁸ Trata-se, grosso modo, de buscar formas de salvaguardar essa herança cultural histórica imaterial e investigar as potencialidades desta tradição para o desenvolvimento econômico e social daquele município.

O patrimônio cultural relacionado à cachaça de Presidente Bernardes, entretanto, carece de estudos acadêmicos mais aprofundados. Talvez essa carência de estudos não seja exclusiva da bebida naquela cidade, sendo que ela, assim como outros bens culturais, se insere ou se excluem do patrimônio por meio das disputas econômicas, políticas e simbólicas entre ações do setor privado, do Estado e da sociedade civil organizada.⁵⁹

As discussões deste primeiro capítulo orbita em torno da seguinte questão: qual seria a participação da cachaça na formação do chamado *patrimônio cultural brasileiro*?

A justificativa para o tema deste capítulo passa pela importância de tentar consolidar as referências bibliográficas relacionadas ao patrimônio cultural da cachaça no Brasil de forma a embasar as reflexões sobre o caso das cachaças de

⁵⁷ CANCLINI, Néstor Garcia. **Op. cit.** p. 16. p. 96.

⁵⁸ PRESIDENTE BERNARDES. **300 anos de história - 1710/2010 - de Calambau a Presidente Bernardes**. Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, 2010. Disponível em: <http://culturacpb.blogspot.com.br/2010/12/um-pouco-sobre-nossa-historia-e-cultura.html>. Acesso em 24 de abril de 2018.

⁵⁹ CANCLINI, Néstor Garcia. **op. cit.** p. 16.

Presidente Bernardes. Além de analisar e revisar as principais referências acadêmicas sobre o tema permite-se contribuir também ao levantar novas considerações para a discussão. O estudo ainda se justifica pela viabilidade uma vez que a bibliografia no Brasil sobre a cachaça, embora dispersa em várias áreas do conhecimento, é ampla e na maioria acessível. Isso permite aprofundar discussões em torno do patrimônio cultural, refletindo a participação da cachaça na memória coletiva e identidade, bem como sua relação com a modernidade e globalização.

Assim, o presente capítulo teve por objetivo principal refletir sobre a cachaça como patrimônio cultural brasileiro. Para isso foram objetivos intermediários: revisar a bibliografia sobre o tema; verificar nesta literatura elementos de conexão entre uma identidade nacional e a cachaça e, de modo especial, pensar a cachaça enquanto patrimônio cultural à luz de conceitos como memória, identidade, patrimônio e globalização.

A investigação da questão adotou a metodologia de pesquisa bibliográfica e levantamento de dados em sites oficiais e especializados, legislação específica e em estatísticas oficiais. Os resultados foram tratados por meio de análises qualitativas.

Os resultados são apresentados adiante divididos em subtítulos que agrupam as considerações teóricas da cachaça em uma reflexão sobre os temas como patrimônio, identidade, modernidade e globalização. O primeiro subtítulo discute a influência da cachaça no jogo social da *memória e identidade*, o segundo tópico aborda os reflexos da *modernidade e globalização* na bebida, por fim, no terceiro tópico são estudados processos de *patrimonialização* da cachaça no Brasil.

1.1 Fundar, construir e beber: a cachaça na memória e identidade brasileira

O jogo social da memória e da identidade, de acordo com Joel Candau,⁶⁰ ocorre a partir de uma tentativa de criar um imaginário mínimo de continuidade. Assim, tende a designar determinados públicos como heróis de uma aventura por muitas vezes predominantemente fantasiosa, embelezada, enobrecida. Segundo o

⁶⁰ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

autor essa busca por identidade se dá por meio da memória genealógica e familiar, que, salvaguardando a memória de ancestrais ao encurtar o distanciamento de raízes, protege também a própria memória e garante a continuidade.

Outra forma de buscar a identidade, segundo Joel Candau, é por meio da chamada memória geracional, que, na forma antiga, tem-se a consciência de ser continuador dos predecessores e, na forma moderna, constrói-se a memória da própria geração de acordo com a imaginação.⁶¹ Neste sentido também contribui Néstor Canclini ao discorrer sobre a imaginação da *nação*. Para ele a ideia da cultura nacional varia em cada época prevalecendo uma construção imaginária.⁶² Também Regina Abreu e Mário Chagas⁶³ citam que a construção de narrativas, comemorações ou representações em busca de preservar a memória coletiva quanto a fatos, pessoas ou ideias é uma prática humana universal. Autores como Benedict Anderson, por sua vez, apontam o nascimento desse nacionalismo como sendo no final do século XVIII e início do século XIX, com o iluminismo e o secularismo racionalista, movimentos de independência e reações à Revolução Francesa. Para ele a construção da identidade nacional, por meio do que chamou de comunidades imaginadas, teria surgido como tentativa de atenuar o sofrimento em lugar do vazio que teria ficado após o consequente declínio da fé religiosa.⁶⁴

Todavia, realmente é preocupante a consequente crise identitária diante do aparente esgotamento de sentidos das comemorações, como argumentado por Joel Candau. Segundo o autor “a atividade de memória que não se inscreve em um projeto do presente não tem carga identitária, e, com mais frequência, equivale a nada recordar”.⁶⁵ De acordo com Stuart Hall,⁶⁶ isto se dá, pois, enquanto a identidade nacional impunha uma hegemonia cultural que não se importava com as diferenças de classes, gêneros, etc., a globalização mudava essa identidade com as aspirações do capital não mais determinada por fronteiras. Ele aponta três possíveis

⁶¹ Ibidem

⁶² CANCLINI, Néstor Garcia. **Op. cit.** p. 16.

⁶³ ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (ors). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos** – 2. ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

⁶⁴ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

⁶⁵ CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 37.

⁶⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guarcira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

consequências da globalização sobre as identidades culturais: desintegração das identidades nacionais a partir da homogeneização cultural, resistência à globalização reforçando identidades nacionais e locais ou particulares, identidades híbridas tomando lugar das identidades nacionais em declínio.

Ressaltando a extensa área geográfica brasileira, esta crise parece cada vez mais insolúvel. Stuart Hall⁶⁷ cita ainda que a globalização não é igual em todas as regiões e classes, o que chamou de geometria de poder. De fato, a intensidade de produtos e referências culturais globais a que se encontra exposta cada casa e cada pessoa, vai influenciar na sua identidade e na sua concepção de identidade coletiva.

Esta preocupação com a crise identitária se faz presente também em algumas incoerências relativas à cachaça e algumas comemorações que se encontram em processo de aparente fracasso de apropriação, como alguns festivais da cachaça pelo país e a própria tentativa de instituição do “Dia Nacional da Cachaça”⁶⁸ que serão tratados adiante.

Regina Abreu⁶⁹ fala desses processos de patrimonialização como um movimento moderno ocidental. De fato, tais processos se fundamentavam, em um primeiro momento, na valorização nacional, passando mais tarde, tendo como marco a criação da UNESCO, ao conceito antropológico da cultura. Por fim, o terceiro momento da trajetória patrimonial é marcado pelo que Abreu chamou de “patrimonialização das diferenças”, ou seja, pela tentativa de preservar, dar atenção especial ao singular, ao especificamente local, frente à homogeneização proposta pelo capitalismo globalizado e neoliberal. Essa patrimonialização, então, tornaria as identidades menos voláteis, freando as rápidas e massivas atualizações.

Neste sentido, David Lowenthal⁷⁰ esclarece que a frequência de atualização e reinterpretação da memória pode enfraquecer a identidade coerente. De acordo com as conceituações deste autor, memória são as lembranças, individuais e principalmente as coletivas, que nos permite conhecer e relatar o passado.

⁶⁷ **ibidem**

⁶⁸ DIAS, Nathália Caroline. **A cachaça é nossa: cultura e ideologia na construção da identidade nacional**. **ABET**, Juiz de Fora, V.4, N.1, P.35 -44, jan./abr. 2014

⁶⁹ ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, C. (Org.) ; DODEBEI, Vera (Org.). **Memória e novos patrimônios**. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93: 2015.

⁷⁰ LOWENTHAL, David. **Op. cit. p. 18.**

Identidades seriam as memórias do passado que se perpetuam das confrontações de relatos e experiências, tornando o grupo possuidor de um patrimônio cultural que tende a ser uma característica especial deste.

Ainda de acordo com David Lowenthal,⁷¹ o passado seria constituído a partir de problemas do presente e, pelo aproveitamento de resíduos do passado conhecido ou que se possa conhecer, busca-se explicá-los e torná-los inteligíveis através de uma narrativa. Essa narrativa pode variar pelo enfoque amplo em alguns casos ou pela menor amplitude de alcance, como aquelas ditas passadas de pai para filho, em outros casos.

A produção de cachaça, por sua vez, trata-se de um exemplo preciso dessa tradição passada de gerações a gerações, de pai para filhos e até mesmo pelos inventários de senhores aos escravos libertos.⁷²

Os alambiques e as fazendas onde se produzem cachaças também são lugares de memória contando a história do povo. De acordo com Joel Candau,⁷³ os *lugares de memória*, contrapondo-se com os *lugares de amnésia*, são fundamentados em uma detenção do tempo, bloqueando o esquecimento. O lugar ou território em si, não fortalece a memória sozinho, mas sim a reflexão que este proporciona quanto a uma sucessão de lugares e acontecimentos do passado.

Essa referência ao passado presente na cachaça, encontrada em Câmara Cascudo,⁷⁴ por exemplo, permite manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.

A essa oposição entre o que se deve guardar e o que se deve esquecer, presente na construção identitária das nações, Joel Candau chama de “jogo social da memória”.⁷⁵ De fato há conflitos frequentes, uma vez que o passado sempre se

⁷¹ LOWENTHAL, David. **op. cit.** p. 18.

⁷² MARQUES, Camila Moraes. **A margem da economia: Cachaça e protocampesinato negro no litoral sul Fluminense (1800-1888)**. Dissertação (Mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

⁷³ CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 27.

⁷⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. **Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil**. Natal: Coleção Canavieira, 1967.

⁷⁵ CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 27.

trata de uma leitura feita por diversos atores sociais do presente. Para tanto, a memória coletiva se torna, por vezes, resultado da manipulação.

Exemplos da manipulação da memória são citados por Joel Candau⁷⁶ quando afirma que

No Brasil, a manipulação da memória pelos brancos consiste em manter a memória da escravidão, pois esta é concebida como um meio de inferiorizar os negros, construindo uma identidade americana ou euro-americana com lembranças “afro”. Nos Estados Unidos, a busca de identidade por certos grupos de negros é um esforço para conferir um passado a eles próprios. Os únicos modelos disponíveis eram os dos grupos brancos, logo, os negros engajados nessa busca vão tomar de empréstimo, manipular e “bricolar” esses modelos para criar algo novo: evocações de leituras (...), uso de imagens extraídas da história do Islã ou de revoluções, recurso a memórias de grupos minoritários (CANDAU, 2014, p. 167 e 168).

As memórias, de fato, sempre se confrontam, seja no foro individual, seja publicamente. Lucas Avelar⁷⁷ aponta que a cachaça passou, e ainda, passa por marcantes conflitos relacionados ao jogo da memória, como proibição de produção no período colonial brasileiro, associação à criminalidade, outrora elitizada, mas sempre a mercê da força dos atores sociais responsáveis pela manipulação da memória.

Estes atores sociais, que Néstor Canclini os separa em três precisos grupos principais,⁷⁸ podem ser assim definidos:

Setor privado: compreendido por empresas e investidores em geral, que agem sob a ótica setorial e competitiva, geralmente manipulando a memória com o objetivo predominante de exploração capitalista (turismo ou especulação imobiliária). Nem sempre sua ação é sinônima de degradação do patrimônio;

Estado: neste grupo se encontra o poder público, ou seja, nas esferas executivas, legislativas e judiciárias, tanto no âmbito federal, quanto estadual e municipal. Este grupo é o responsável final pela criação de medidas legais de proteção, incentivo e diversas políticas públicas pela institucionalização das memórias e identidade nacional; e

⁷⁶ CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 27. p. 167-168.

⁷⁷ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **Op. cit.** p. 15.

⁷⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. **op. cit.** p. 16.

Movimentos sociais: este grupo é composto pela grande maioria da população e assim, tem recebido maior relevância nas ações do próprio Estado pela preservação e fundação da memória, sendo que esses são mais diretamente sensíveis às reais *necessidades* globais da sociedade.

Todavia, nem sempre a composição desses atores sociais bem como a respectiva atuação é facilmente diferenciada. Muitas das vezes membros dos movimentos sociais também possuem interesses privados e também se tornam representantes públicos ou exercem forte influência sobre estes. No caso da cachaça e sua participação no jogo da memória, claramente este pertencimento a vários grupos impede ou dificulta a unificação da memória, tornando-a fragmentada.

Um dos exemplos destes fragmentos, embora historicamente improvável, são as memórias transmitidas pelos africanos escravizados, que acidentalmente teriam descoberto a bebida no início do século XVI, conforme descreve Alessandra Garcia Trindade.⁷⁹ Segundo ela, durante a fervura da garapa nos engenhos, a espuma que surgia nos tachos seria jogada nos colchos para os animais, ali o produto fermentava-se e tornava-se um caldo que parecia revigorar os animais. Os escravos teriam experimentado, gostado e passado a consumi-lo com frequência. Esta narrativa é empiricamente controversa, pois a extração de álcool a partir de produtos naturais que contenham açúcar é um conhecimento muito mais antigo, tanto pelos europeus quanto pelos africanos. Todavia, considerando que cachaça é o nome dado por força de lei ao destilado provindo da cana de açúcar produzida no Brasil, essa narrativa é comumente repetida.

A memória transmitida pelos portugueses, que teriam aplicado técnicas de destilação em alambiques para descoberta da nova bebida a partir da cana de açúcar no Brasil, é outro exemplo dos fragmentos da memória apontado por Alessandra Trindade. Em outro exemplo de fragmentação das memórias há a narrativa transmitida pelos comerciantes da bebida, os quais teriam a usado como moeda de troca nos mercados diversos e lutado contra as barreiras impostas pelo Estado. O Estado, por sua vez, transmite um fragmento da memória que, ainda hoje,

⁷⁹ TRINDADE, Alessandra Garcia. **Cachaça, um amor brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 2006. p. 27.

ora caracteriza a repressão ao álcool por questões de saúde pública, ora caracteriza incentivo à bebida por questões culturais e econômicas.⁸⁰

Esses exemplos de fragmentações da memória, conforme aponta Joel Candau,⁸¹ são resultados da ausência de grandes memórias organizadoras que leva cada indivíduo, ou grupo de indivíduos a buscar seu próprio caminho e apropriações na construção identitária, desaparecendo-se as grandes memórias coletivas. Uma grande memória coletiva seria, no caso da cachaça, um tipo de narrativa oficial. O problema é que nenhum historiador se dedicou a escrever a história da cachaça no século XIX, pois esta era marginalizada. A dedicação estava somente em escrever sobre os grandes homens do Estado, as guerras, as histórias nacionais, a história do império. A memória da cachaça sobrevive, então, a partir de narrativas orais, de mitologias em torno dela, bem como pelas narrativas de tentativas de proibição pelo Estado.

De acordo com Joel Candau, estas mutações e crises de identificação são causadas pelas transformações na relação das sociedades com o tempo. Na tentativa de frear a degradação da memória, por vezes, tende-se a *petrificação das memórias e identidades*, por meio de museu ou outras formas de transmissão, todavia Joel Candau aponta que este “medo da perda” leva o passado a se perder mais. Para ele esta salvaguarda deve ocorrer por meio do que denomina “memórias e identidades vivas”, dando a devida importância à transformação dos meios de memória acima da preocupação com o desaparecimento.⁸²

Em outras palavras, para que a memória coletiva se mantenha viva é necessário que ela seja praticada no cotidiano dos sujeitos.⁸³ Assim, a tentativa de identificação nacional com a tradição da cachaça precisa ser democrática, em ampla discussão e consenso entre os diversos atores sociais para que se constitua em algo mais amplo que as diferenças de narrativas e memórias individuais.

⁸⁰ Ibidem

⁸¹ CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 27.

⁸² CANDAU, Joel. **op. cit.** p. 26. p. 189

⁸³ DIAS, Nathália Caroline. **Uma dose de “Paraty”**: estudo de caso sobre a reinvenção dos significados da cachaça. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Juiz de Fora, 2016.

A partir desta constituição ampla surgiria o sentimento de *nação* brasileira ou mesmo da cachaça brasileira. Neste sentido, Stuart Hall⁸⁴ seleciona cinco elementos principais da narrativa da *cultura nacional*. O primeiro elemento é a narrativa da nação, como é contada e recontada, dando significado e importância à sua existência. O segundo é a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, que às vezes adormece, mas sempre se encontra pronta para ser acordada. Em terceiro lugar vem a invenção da tradição, fortalecida mais pela repetição do que o próprio valor histórico. O *mito fundacional* é o quarto elemento da narrativa, com a ideia de que a nação se origina em um passado distante. Por fim, o quinto elemento principal citado está na ideia de pureza, originalidade do povo.

Nota-se que estes elementos são encontrados também nas tentativas de apropriação da cachaça nas narrativas nacionais. Câmara Cascudo⁸⁵ conta que a cachaça igualmente se insere na narrativa do início da nação, quando ainda iniciava-se sua colonização por Portugal, tendo sido mencionada já na Carta II de Francisco de Sá Miranda (1481 e 1558). Na verdade a carta correta mencionada por Cascudo deveria ter sido a Carta V, contendo poema no qual Sá Miranda elogiava as quintas fidalgas para o seu amigo António Pereira, senhor de Basto.⁸⁶ Todavia, muitas vezes esta inserção da cachaça ficava às sombras, às margens ou até submersa nas narrativas. Segundo Câmara Cascudo, embora com variações na denominação, a cachaça esteve presente em toda a história do Brasil, desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses e exercendo importante função mercadológica e importante representação nos movimentos sociais como a diáspora africana, inconfidência mineira, independência do Brasil, exportação, entre outros eventos expressivos para a humanidade e dos quais o país teria participado com a cachaça direta ou indiretamente. Ademais a tradição de se fazer cachaça nos alambiques é repetida desde então, passando de gerações a gerações, desde o início da colonização europeia no Brasil. Entretanto este patrimônio sobreviveu às margens da proteção institucional que receberam a cultura portuguesa, o barroco, os artefatos

⁸⁴ HALL, Stuart. **op. cit.** p. 28.

⁸⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. **op. cit.** 1967. p. 20.

⁸⁶ VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. **Poesias de Francisco de Sá de Miranda.** Halle: Max Niemeyer, 1885.

da coroa no Brasil, estando presente apenas em festas populares, cantigas, receitas médicas e gastronômicas.

Essa marginalização da cachaça na representação cultural brasileira é um exemplo da complexidade de se buscar unificação nacional em uma identidade cultural, pois negligencia gravemente as diferenças de classe, de gênero, de raça, entre outras diferenças das quais fazem parte a cachaça.⁸⁷

A negligência das diferenças surge da homogeneização imposta pelo capitalismo global e implicava em perdas culturais significantes. Assim, Regina Abreu contrapõe a consequente perda a partir da ideia da *patrimonialização das diferenças* para preservar, dar atenção ao singular, ao específico.⁸⁸ Trata-se de uma leitura da trajetória da UNESCO que, a partir da década de 1980, passa a sugerir políticas públicas em favor da diversidade cultural e patrimônio imaterial, bem como sugere maior participação dos grupos sociais nas demandas patrimoniais.

No Brasil esta trajetória é marcada pela definição de patrimônio cultural no art. 216 da Constituição Federal de 1988.⁸⁹

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º **O Poder Público, com a colaboração da comunidade,** promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (destacou-se).

Outra marca da consonância brasileira com a tendência de valorização da diferenciação cultural, marca tal que Regina Abreu⁹⁰ chega a considerar como uma

⁸⁷ HALL, Stuart. **op. cit.** p. 28.

⁸⁸ ABREU, Regina. **op. cit.** p. 29.

⁸⁹ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 20/11/18

antecipação do IPHAN à convenção da UNESCO de 2003, é a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, com o Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000. Com este programa foram instituídos mecanismos como o inventário e também o registro de bens agora distintos, de forma a fortalecer o aspecto plural da identidade cultural brasileira.

Essa pluralidade cultural tem ganhado cada vez mais representação nas ações patrimoniais brasileiras. Um claro exemplo da valorização das diferenças é apontado por Abreu ao relatar o caso de patrimonialização da cultura indígena *wajãpi*, com sua arte *kusiwa*, em 2002.⁹¹ Outro importante exemplo recente é a institucionalização da memória da diáspora africana no porto do Rio de Janeiro, conforme narrado por André Cicalo e Simone Vassallo.⁹² Segundo eles a vitória desta memória no jogo contra a memória imperial (o cais até então era chamado de Cais da Imperatriz), por exemplo, é reflexo dos trabalhos de lideranças negras, pesquisadores e do município pela necessidade do reconhecimento do multiculturalismo e diversidade brasileiros, ao passo que a cidade executava projeto de revitalização urbana.

No caso da cachaça, já a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna, importante movimento cultural nacional, a cachaça passou a ganhar relevância econômica e cultural, vencendo preconceito das elites brasileiras que buscavam se identificar com a cultura europeia, a exemplo da obra *Macunaíma*, discutida a diante. Esse processo de busca e valorização do que seria a cultura brasileira foi desenvolvendo, então, ao longo dos anos, inclusive com a criação de importantes órgãos de proteção ao patrimônio cultural. Exemplo destes órgãos é o atualmente chamado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, embora este tenha acompanhado a corrente modernista que buscava a identidade nacional no barroco e a na herança europeia nos trópicos ao focar a proteção, até então, especialmente ao patrimônio material edificado. Ainda assim é inegável a importante

⁹⁰ ABREU, Regina. **op. cit.** p. 30.

⁹¹ Ibidem

⁹² CICALO, André e VASSALLO, Simone. Por onde os africanos chegaram: o Cais do Valongo e a institucionalização da memória do tráfico negreiro na região portuária do Rio de Janeiro. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 21, nº 43, jan/jun, 2015. p. 239-271.

participação do IPHAN na salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro, desenvolvendo trabalhos inéditos neste país em tantas áreas.

Embora não tenha havido ações diretas de reconhecimento da patrimonialização da cachaça, o início dos primeiros tradicionais festivais da cachaça a níveis locais na década de 1980, como o de Presidente Bernardes, é um dos desdobramentos da valorização cultural brasileira.

Paralelamente ao surgimento destes primeiros festivais da cachaça na década de 1980, falhava o Programa Nacional do Álcool, conhecido como Pró-Álcool. O programa criado no Brasil em 1975 com o objetivo de substituir gradativamente o uso de combustíveis derivados do petróleo frente à crise mundial do petróleo de 1973. O programa teve relativo sucesso na ocasião da nova crise do petróleo no final da década de 1970, mas falhou na década seguinte quando o preço do petróleo caiu e os veículos movidos a etanol deixaram de ser vantajosos. Assim os produtores da cana de açúcar também teriam sofrido uma queda no consumo com risco de perder os grandes investimentos que fizeram após os incentivos do Pró-Álcool. Aparentemente o surgimento dos primeiros festivais de cachaça buscou retomar a valorização deste produto e permitir a manutenção da produção canavieira, a qual se tornaria demasiadamente ociosa ao não ser mais assistida pelos incentivos à produção do etanol.

A relevância da cachaça para a cultura brasileira voltou a receber atenção especial a nível nacional, entretanto, a partir do Decreto presidencial de número 4.062 de 21 de dezembro de 2001 e o Decreto número 4.851 de 2 de outubro de 2003. Grosso modo, estes decretos estabelecem a cachaça e a *caipirinha* como “produto exclusivamente brasileiro” e fabricado no Brasil.⁹³

Ações patrimoniais deste porte são importantes para a construção do ideário de nação a partir das diferenças culturais em lugar da homogeneização, como citado por Regina Abreu.⁹⁴ Entretanto, tais ações serão discutidas mais adiante neste capítulo, sendo importante discorrer antes sobre a influência da modernidade e globalização no patrimônio cultural relacionado à cachaça.

⁹³ DIAS, Nathália Caroline. **op. cit. p. 34.**

⁹⁴ ABREU, Regina. **op. cit. p. 30.**

1.2 Cachaça ou água de côco pra mim tanto faz? Modernidade e globalização

O leitor que acompanha e se recorda de alguns dos diversos *hits de verão* da música popular brasileira provavelmente desperta a estranheza provocada propositalmente com a indagação do título desta seção do capítulo. Trata-se de uma adaptação a um trecho da canção “Amor de Chocolate”, do cantor Naldo Benny. A música do gênero *Funk Melody*, foi lançada em 24 de julho de 2012 pela gravadora Deckdisc e na primeira semana de janeiro de 2013, se destacou como a música mais baixada do iTunes Brasil, desbancando as então líderes “Esse cara sou eu”, de Roberto Carlos e “Gangnam Style”, de Psy.⁹⁵

A popularidade desta música é trazida à discussão pelo fato que na letra o artista, de forma afirmativa, em lugar da cachaça, varia o uso entre a vodka e o *whisky*, bebidas estrangeiras industrializadas.⁹⁶ Longe de buscar levantar críticas positivas ou negativas à canção ou seu artista, essa referência musical é mero exemplo para discutir o lugar da cachaça na cultura brasileira e a concorrência dela com outros produtos globais.

Essa discussão sobre a concorrência cultural enfrentada pela cachaça por produtos globais implica em discutir, conceitos e consequências de fenômenos como mundialização, globalização, industrialização, modernidade.

A modernidade é apontada por Anthony Giddens⁹⁷ como o período que se segue na Europa após o feudalismo e se torna mundial, se globaliza, por meio da industrialização e capitalismo. A vida social moderna, como explica o autor, implica em um dinamismo marcado por três elementos principais. Um deles é chamado de *separação de tempo e espaço*, com a constituição pelo relógio mecânico de um sistema de tempo universal e esvaziam-se as referências particulares de lugar. A segunda influência explicada é o *desencaixe*, que se refere aos sistemas de

⁹⁵ “Naldo interrompe liderança de Roberto Carlos e Psy no iTunes Brasil”. G1. GLOBO. 4 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/01/naldo-interrompe-lideranca-de-roberto-carlos-e-psy-no-itunes-brasil.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

⁹⁶ POKHLYOBKIN, William Vasilyevich. **Uma História Da Vodca**. Tradução: Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Ática, 1995.

⁹⁷ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

abstração a exemplo do dinheiro e outros valores de especialidade que dependem da confiança. Por fim, Anthony Giddens explica *reflexibilidade* como o terceiro importante elemento do dinamismo moderno, sendo que a ciência passa a depender não da acumulação de demonstrações, mas do princípio metodológico da dúvida.

Esse dinamismo é resultado, portanto, da efemeridade de conceitos tidos até então como perenes. A confiança tradicional deixa de ser inabalável. Os meios de comunicação, agora globais, deixam de espelhar as realidades e chegam a formá-las, inclusive localmente.

A realidade do meio rural também é afetada pela modernidade e globalização, mesmo que aparentemente o dinamismo neste meio seja mais lento. Em que momento a alimentação brasileira, especialmente em pequenas comunidades, deixou de brindar exclusivamente a tradicional cachaça produzida no alambique de um vizinho ou talvez aquela única marca de vinho qualquer comprada na vendinha? Quando os brasileiros passaram a poder optar amplamente em uma disponibilidade de vinhos dos mais variados países e safras, *tequila*, *vodka*, *whisky*, *saquê* e, até mesmo, cachaças de diversos selos de Indicação Geográfica ou de procedência?⁹⁸

A discussão destas questões envolve refletir os efeitos do capitalismo global advindo com a modernidade ainda nos séculos XVIII e XIX e cada vez mais presente nas comunidades locais ainda atualmente. Esta presença se dava em razão do avanço tecnológico, desenvolvimento dos meios de transportes, alcance do capital, entre outros, que permitiam a produção em grande escala (em massa) de produtos que passaram a ser facilmente nos mercados mais distantes. Especialmente neste século XXI o alcance de produtos e bens culturais foi ainda mais ampliado com o advento das tecnologias da informação. Atualmente tornou-se possível para qualquer cidadão, portando um aparelho celular com internet em qualquer lugar do globo terrestre, sem precisar sair de casa, comprar e receber algum bem produzido exclusivamente em quaisquer outros lugares do planeta. Como exemplos poderiam ser citados produtores brasileiros que exportam cachaça para Alemanha ou outros que, por outro lado, importam produtos diversos diretamente de países orientais.

⁹⁸ DANTAS, José da Paz. **Op. cit.** p. 16.

Nota-se que todas essas possibilidades são consequências das mudanças sociais iniciadas na modernidade.

Nas construções parisienses, como apontado por David Harvey,⁹⁹ o efeito da modernidade foi a transformação da escala dos projetos. Na cultura, David Harvey sugere igualmente a ampliação do alcance do capital pela aniquilação do espaço e tempo, por meio das ferrovias à época de Balzac. Essa aniquilação permite enxergar a totalidade do mundo antes das decisões, possibilita estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Uma característica da modernidade também é a fragmentação das fronteiras desconstruindo a *cultura nacional*, mesmo com resistências de particularistas, tornando-se, assim, mais apropriada a consideração de *identidades híbridas*. Em outras palavras, produtos como as bebidas citadas passam a ser produzidas em escala ampliada para atender um mercado global, gerando uma tendência de homogeneização cultural. Em contrapartida a essa característica moderna, passam a surgir tentativas nacionalistas - fundamentalistas de restaurar identidades *purificadas*.

Um dos reflexos deste jogo identitário (o qual se acredita tratar de um movimento pendular ora em direção ao global, ora em direção ao local) são as diversas ações políticas de patrimonialização e de definição como exclusivo ou original da cachaça brasileira como já citado. De toda forma essas ações cada vez mais acabam por fortalecer a cachaça em um mercado competitivo global e também como um bem cultural da nação e local.

A pretensão de retorno às origens, ou identidades purificadas, é considerada utópica por David Harvey que a exemplifica pela defesa por Balzac de um bucolismo da vida simples pastoral com uma harmoniosa produção capitalista rural.¹⁰⁰

O surgimento de um novo capitalismo é citado por Richard Sennet¹⁰¹ como consequência dessa tentativa de retorno ao local, contra a globalização caracterizada nas grandes multinacionais e na rigidez burocrática dos governos. Fato é que neste novo cenário de fragmentação no foro institucional e também no

⁹⁹ HARVEY, David. **op. cit. p. 16.**

¹⁰⁰ HARVEY, David. **op. cit. p. 16.**

¹⁰¹ SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução: Clóvis Marques. São Paulo: Editora Record, 2006.

foro pessoal causou instabilidade desafiadora para a sociedade agora marcada pelo desconhecimento entre os sujeitos de uma mesma cultura. Para Richard Sennet só seria possível prosperar nesta sociedade vencendo três desafios:

1. Administrar tempo para si e para relações diante das comuns migrações;
2. Ter talento de se desenvolver a novas exigências com o declínio de profissões tradicionais como artesão, por exemplo; e
3. Conscientizar-se de que o passado não mais garante perenidade com a realidade da fácil substituição de operários por máquinas.

A realidade cultural que se seguiu até a atualidade a partir desta modernidade tem se mostrado cada vez mais desafiadora, especialmente com a citada expansão das tecnologias da informação. Para exemplificar nota-se a possibilidade de conhecer virtualmente diversos alambiques e fazendas, realizar cursos online de produção de cachaça, entre outros avanços que implicam em consequências ora positivas ao possibilitar maior acesso, mas por muitas vezes significam redução de empregos diretos e indiretos e mesmo a banalização cultural.

As implicações sobre a cachaça por parte dessa cultura do novo capitalismo, iniciada em séculos passados como citado, parecem claras uma vez que afetou e ainda afeta toda uma política de consumo.

A cachaça precisa consequentemente passar por uma releitura. Deve-se observar que a produção industrial de bebidas, até mesmo de algumas cachaças, reduz custos e aumenta volume produzido, necessitando cumprir a difícil tarefa de aumentar também o mercado consumidor. Neste mercado industrializado de comunicação em massa e altamente competitivo nos mínimos centavos os preços tendem a se tornar impraticáveis para os produtores de cachaças artesanais. Neste ponto mostra-se importante para a tradição da cachaça, tanto do ponto de vista mercadológico quanto cultural, a adoção de estratégias de diferenciação. Em outras palavras, Richard Sennet denomina esta diferenciação como *laminação a ouro*, sensibilizando-se pela maior importância dada pelos consumidores à aparência e diferenciação do que à utilidade e à posse.¹⁰²

Assim, as possibilidades de manter viva a tradicional cachaça de alambique passam pela apropriação cultural da bebida, as ser percebida não apenas como

¹⁰² Ibidem

mais um produto comercial, mas como elemento significativo da identidade. Para isso fica evidente, além de outras práticas de valorização identitária, a importância dos citados selos de Indicação Geográfica e de procedência como em Salinas, em Minas Gerais, ou em Paraty, no Rio de Janeiro citados por José Dantas.¹⁰³ Estes selos são obtidos por aqueles produtores que cumprem uma série de exigências e parâmetros para a produção de sua cachaça, passando desde a forma e espécie da cana de açúcar plantada até a forma de armazenamento ou engarrafamento. As exigências para obtenção de um selo variam de um para o outro a depender também da região do produtor, mas todos são associados pelos consumidores a uma alta qualidade.

A valorização da diversidade da cachaça brasileira provavelmente é o motivo de dados de 2014 da Associação Brasileira de Bebidas (ABRABE), apresentarem a cachaça como o terceiro destilado mais consumido no mundo, estando atrás apenas da *vodka* e do *soju* (um destilado coreano a partir do arroz), e possui o segundo maior mercado de bebidas do Brasil, perdendo apenas para a cerveja.¹⁰⁴

Embora esta comparação mercadológica da cachaça não deixe de subentender a proporcionalidade de seu valor cultural, buscou-se realizar um levantamento mais exclusivamente cultural do lugar da cachaça. Para tanto foram feitas buscas por letras de músicas em que palavras referentes à cachaça bem como algumas bebidas predominantemente industriais, analisando a quantidade de vezes em que cada uma é citada. A base de dados utilizada, levando em consideração a viabilidade do acesso gratuito, foi o site *Kboing.com.br*, da empresa Kboing Networks do Brasil, fundada em 2005, em São José do Rio Preto (SP). A escolha também levou em conta a relevância, sendo que o *Kboing* é um dos maiores sites de música do Brasil em parceria com o portal Terra, reunindo alguns dos sites mais acessados da internet brasileira.¹⁰⁵

As buscas ocorreram no dia vinte e dois de novembro de 2018 e nos resultados da cachaça estão inclusas também as principais palavras que, a priori, são consideradas sinônimas: pinga e aguardente. Para o whisky também foram

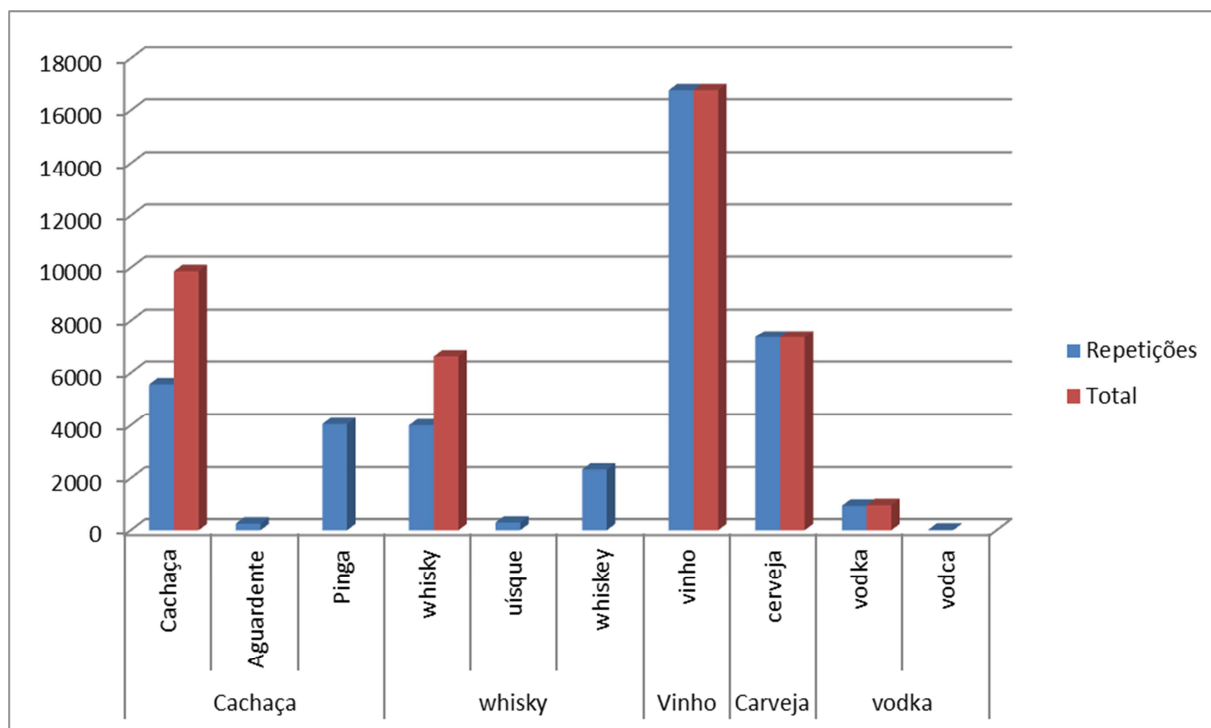
¹⁰³ DANTAS, José da Paz. **op. cit.** p. 16.

¹⁰⁴ DANTAS, José da Paz. **op. cit.** p. 16.

¹⁰⁵ KBOING NETWORKS DO BRASIL. Disponível em: www.kboing.com.br. Acesso em: 22/11/2018

buscadas as variações como whiskey e uísque. A única variação para vodka considerada na busca foi vodca. Por fim, o resultado da busca tanto para cerveja quanto para vinho não considerou variações.

Gráfico 1 - Citações de bebidas em músicas



Fonte: elaborado a partir de dados da KBOING NETWORKS DO BRASIL, 2018.

Importante destacar que os resultados obtidos são aproximados, uma vez que a pesquisa no site pode incluir também resultados referentes a nomes de artistas e bandas, bem como palavras das quais alguma sequência de letras correspondem ao mesmo valor daquelas buscadas, como Mc KelVINHO, noVINHO ou conjugações do verbo PINGAr, por exemplo. Ainda é importante ressaltar que o kboing é um site brasileiro que contém músicas ouvidas no Brasil, ou seja, contém tanto músicas em idioma português quanto músicas de outros idiomas, proporcionalmente a sua intensidade de uso neste país. As variações de palavras pesquisadas para cada bebida levou em consideração que essas variações também são comumente usadas em português. De qualquer forma admite-se que os resultados reproduzidos no Gráfico 1 ilustram bem a importância da cachaça na cultura brasileira.

No conjunto total de suas variações terminológicas a cachaça, entre as bebidas pesquisadas, é citada aproximadamente 9.871 (nove mil e oitocentos e

setenta e uma) vezes, perdendo apenas para o vinho, que é citado aproximadamente 16.800 (dezesseis mil e oitocentas) vezes nas letras disponíveis no site em que foram pesquisados. A cerveja vem em terceiro lugar com aproximadamente 7.360 (sete mil e trezentos e sessenta) resultados, seguida pelo *whisky* e, por fim, a *vodka*.

Outro fato artístico que merece destaque nesta reflexão é o sucesso da música “Faz gostoso”, de autoria da cantora Blaya, brasileira radicada em Portugal. A música foi gravada recentemente pela mundialmente famosa cantora Madonna em parceria com a famosa cantora brasileira Anitta, fazendo parte do álbum “Madame X”, lançado no dia 14 de junho de 2019. Na música as cantoras fazem quatro vezes referência à cachaça, bebida típica brasileira. Embora as referências sejam rápidas e sem mais detalhes, citando apenas, ora em inglês, ora em português, que seria “melhor jogar a cachaça fora”, não se pode negar que esta referência contribui para valorização deste patrimônio brasileiro no mundo. O simples fato da referência ligeira despertar a curiosidade para este patrimônio já faz com que ele seja valorizado pela comunidade, assim como por todos.

Acredita-se que estes resultados e, principalmente, os resultados da pesquisa bibliográfica apresentados nesta parte do estudo mostram a importância de políticas públicas e práticas sociais a partir do diálogo para que o bem cultural, como a cachaça em análise, seja apropriado culturalmente e receba destaque também economicamente para o país, como refletem os citados dados da ABRABE. A pesquisa serve de referência inicial para analisar os desafios da cachaça em um contexto da indústria cultural e a motivar novos estudos que dialoguem a sensibilidade desse bem cultural no jogo da memória e identidade nacional e sua representação no patrimônio.

Todavia o diálogo da cachaça com os consumidores e com o próprio grupo de interesse nesse bem cultural deve ser cauteloso para evitar sua banalização. Richard Sennet ainda afirma que, diferente do consumidor artesão, na democracia de consumo não há esforço para se conhecer todos os lados do jogo ou produto, ao passo que a quantidade exagerada de informação reduz a reação a ela.¹⁰⁶ Por isso é preciso que o patrimônio cultural relacionado à cachaça possibilite a reflexão dos

¹⁰⁶ SENNET, Richard. **Op. cit. p. 41.**

brasileiros e também dos turistas, de forma que não a bebida se eleve da condição de mero produto mercantil para compreender aspectos culturais modernos.

Neste sentido, na próxima sessão discute-se a cachaça como bem cultural e alguns processos de patrimonialização já em andamento no Brasil.

1.3 Os processos de patrimonialização da cachaça no Brasil

O patrimônio cultural é definido por Nathália Dias¹⁰⁷ como recriações e utilizações do passado, mantendo-o vivo e preservado no presente. Para ele as políticas culturais devem se organizar para ressignificar as tradições possibilitando sua identificação com as sociedades atuais. Assim, o patrimônio se torna um elo de continuidade entre as gerações.

As considerações de Natália Guerra Brayner¹⁰⁸ também são importantes neste ponto do trabalho, pois ela lembra que a concepção da palavra patrimônio origina-se da palavra pai (*pater*), estando relacionada, por muitos anos, à ideia daquilo que é deixado pelo pai ao (s) filho (s). Segundo a autora, tornou-se comum a utilização da palavra patrimônio para referir-se aos bens ou riqueza. Com a Revolução Francesa no século XVIII, a palavra patrimônio começou a adquirir sentido de propriedade coletiva quando revolucionários buscavam destruir bens da nobreza e do clero. Houve, portanto, movimento intelectual contrário a esta destruição apontando que o valor histórico daqueles bens estava diretamente relacionado à história do próprio povo francês como um todo.¹⁰⁹

A partir das influências deste século, segundo Françoise Choay,¹¹⁰ o patrimônio passou a compreender os monumentos nacionais de acordo com os critérios estéticos ou históricos nos séculos XIX e XX. Essa concepção enfatizava a materialidade do patrimônio, ou seja, as edificações principalmente.

¹⁰⁷ DIAS, Nathália Caroline. **Op. cit. p. 34.**

¹⁰⁸ BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial:** para saber mais. / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 3ª . ed., Brasília (DF): IPHAN, 2012. 36 p. : il. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf.

¹⁰⁹ Ibidem

¹¹⁰ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** Trad. de Luciano Vieira Machado. 3a. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

A partir desta nova concepção patrimonial aconteceu um aumento significativo dos processos de reconhecimento de bens patrimoniais pelo mundo, do qual o Brasil não ficou de fora tendo a criação do IPHAN na década de 1930, que veio a consagrar cidades barrocas no país, como Ouro Preto e Diamantina. Mais tarde, já na segunda metade do século XX, a partir da colaboração e apelo do governo francês à proteção de patrimônio cultural situado no Egito, elaborou-se a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural em 1972, e criou-se também a Lista do Patrimônio Mundial. De acordo com Chiara Bortolotto, esta lista tinha a intenção de incentivar a salvaguarda da diversidade, mas na prática predominou-se uma homogeneidade com a salvaguarda predominante de monumentos europeus ou que fizessem referências à arquitetura europeia. Ainda assim essa convenção foi importante para o desenvolvimento territorial em muitos países e cidades, por meio do turismo, após a obtenção da inscrição na lista de patrimônio mundial da UNESCO.¹¹¹

Apenas em 2003, com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, o conceito de tradição é ampliado para além da cultura manifestada apenas no monumento. Chiara Bortolotto cita que essa convenção estabelece como patrimônio cultural imaterial as representações, objetos, lugares de memória recriados pela comunidade. Ele se manifesta na língua, práticas festivas ou sociais, práxis à natureza e universo, artesanato tradicional, enfim, bens culturais etnológicos. Todavia, como ressalta a autora, o desafio se faz em encontrar formas de proteção deste patrimônio imaterial que é constantemente recriado.¹¹²

No Brasil, esta reflexão se iniciou já a partir de 1988 com a definição constitucional do artigo 216 quanto ao patrimônio cultural tornando-se necessário diferenciar o Patrimônio Material e o Patrimônio Imaterial.

O primeiro, de acordo com Chiara Bortolotto,¹¹³ se refere ao conjunto de bens culturais classificados, segundo sua natureza, como arqueológico, paisagístico e etnográfico, histórico, belas artes e das artes aplicadas, divididos em bens imóveis e móveis. O Patrimônio Imaterial, por sua vez, constitui-se das referências

¹¹¹ BORTOLOTTI, Chiara. **Op. cit. p. 18.**

¹¹² Ibidem

¹¹³ Ibidem

identitárias na visão dos grupos que as praticam, sendo exemplos os saberes, ofícios, festas, rituais, as expressões artísticas e lúdicas.¹¹⁴

Parece-nos claro que a recente e crescente valorização da cachaça como patrimônio cultural brasileiro teve as reflexões da convenção da UNESCO como ponto de partida.

Este tradicional produto brasileiro comercializado no mundo todo, passou a ser reconhecido como exclusivo do Brasil a partir de esforço principal do Estado e do setor privado, materializado nos citados decreto número 4.062/2001 e o decreto número 4.851/2003. O reconhecimento como patrimônio cultural, entretanto, tem ocorrido apenas no âmbito de alguns municípios, como é o caso de Paraty, no Rio de Janeiro, e de Salinas, em Minas Gerais.¹¹⁵ No âmbito federal tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 4.861-A de 2016, que visa reconhecer, “em todo território nacional, a Cachaça como Patrimônio Histórico e Cultural do país”. Este projeto recebeu aprovação pela Comissão de Cultura da Câmara em 09 de novembro de 2016 e foi encaminhado à Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania no dia seguinte. A partir daí o projeto não recebeu todas as análises necessárias sendo arquivado em 31 de janeiro de 2019, devido o encerramento da legislatura conforme Artigo 105 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

Em Salinas, a marca Havana de sua cachaça é reconhecida como patrimônio cultural imaterial do município conforme o Decreto municipal nº 3.728 de 10 de julho de 2006, destacando o método de produção tomado por seu produtor desde 1946, evocando o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 pela representação da cachaça na identidade e memória da sociedade e pelo “modo de criar, fazer e viver”. Mais recentemente, em 20 de dezembro de 2018, após decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela presidência da república, foi publicada a lei que confere ao município de Salinas o título de Capital Nacional da Cachaça, considerando sua importância atribuída para o país e para a tradição.

¹¹⁴ Ibidem

¹¹⁵ MACCARI, Lauren Dal Bo Roncato. **Cachaça**: como legalizar seu empreendimento: conheça os procedimentos para formalizar sua empresa de produção ou comercialização de cachaça e aguardente de cana. Brasília: Sebrae, 2013.

A cachaça também é considerada Patrimônio Histórico Cultural do Estado do Rio de Janeiro por força da lei estadual número 6.291 de 06 de julho de 2012, tendo em sua justificativa uma valorização da cachaça da cidade de Paraty.

Outra iniciativa de patrimonialização institucionalizada da cachaça a nível estadual em Minas Gerais foi a Lei estadual 16.688 de 11 de janeiro de 2007, a qual declara como “Patrimônio Cultural de Minas Gerais o processo tradicional de fabricação, em alambique, da Cachaça de Minas”, produzida conforme a Lei 13.949/2001.

As citadas iniciativas têm em comum o fato de evocarem e justificarem a proteção deste bem pela sua considerada importância histórica, tanto no passado brasileiro quanto nos momentos atuais, além de vantajosas possibilidades para o futuro como será demonstrado no terceiro capítulo.

A referência ao passado encontrada na cachaça, como demonstra Câmara Cascudo,¹¹⁶ por exemplo, permite manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis, pois como afirma Néstor Canclini, o patrimônio é espaço de disputa social.¹¹⁷

Uma das principais oposições quanto ao patrimônio é apontada por Dominique Poulot¹¹⁸ como aquela da própria ciência. Analisando a história do patrimônio no Ocidente ela aponta que uma posição realista, centrada na fiabilidade do cálculo se opõe a uma sociologia construtivista do conhecimento. O monumento por si só, ao contrário da multiplicação dos aniversários e comemorações pelo patrimônio, não implica na pretendida proteção do patrimônio, pois, nas considerações de Poulot,¹¹⁹

fracassaria o patrimônio que fosse um controle utópico do tempo, tentando reproduzi-lo de uma forma idêntica. O patrimônio não é passado, já que sua finalidade consiste em certificar a identidade e em afirmar valores, além da celebração de sentimentos, se necessário, contra a verdade histórica. Neste aspecto é que a

¹¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. **op. cit.** 1967. p. 15.

¹¹⁷ CANCLINI, Néstor García. **op. cit.** p. 17.

¹¹⁸ POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, século XVIII-XXI: do monumento aos valores.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

¹¹⁹ Ibidem

história parece, com tamanha frequência, “morta”, no sentido corrente. Mas, ao contrário, o patrimônio é “vivo”, graças às profissões de fé e aos usos comemorativos que o acompanham.

A patrimonialização passa por uma antropologia histórica deixando a ênfase na monumentalidade do saber e memória (musealidade) para um enfoque de compreensão cultural do passado.

A cachaça esteve presente na história do Brasil apoiando a economia e a cultura, ora indiretamente, ora como protagonista de uma narrativa da formação nacional. Conforme estudos como os de Alessandra Trindade¹²⁰ e também de Câmara Cascudo,¹²¹ por exemplo, a cachaça esteve presente no *ciclo da cana*, no início da colonização europeia, e também após o declínio da produção canavieira, no *ciclo do ouro*. Ambos os autores relatam as tentativas de proibição sofridas pela cachaça em razão de sua concorrência com o vinho português e seu papel ameaçador à “ordem” e dominação durante o período colonial e imperial. Um importante exemplo da representação da cachaça nas lutas sociais foi a “Revolta da Cachaça” ocorrida no Rio de Janeiro entre 1660 e 1661, após o aumento de impostos pelo governador da capitania Salvador Correia numa tentativa de impedir a produção da cachaça no Brasil. Nesta revolta os fazendeiros se reuniram e, no dia 8 de novembro de 1660, saquearam as casas do governador exigindo o fim das taxas e ressarcimento do que pagaram. Apenas no ano seguinte, em 6 de abril de 1661, a revolta foi finalizada com a invasão das tropas do governo e prisão dos líderes. Todavia, mais tarde, em data em que os autores do Projeto de instituição do Dia Nacional da Cachaça acreditam ter sido em 13 de setembro ainda do ano de 1661, a produção da cachaça foi liberada pela rainha de Portugal, propondo esta data para a comemoração.¹²²

Marcada pela obrigação de resistir e sobreviver clandestinamente, Câmara Cascudo afirma que a cachaça alcançou níveis inimagináveis, especialmente nas manifestações nacionalizantes da Independência, quando era patriotismo não beber

¹²⁰ TRINDADE, Alessandra Garcia. **Op. cit.** p. 33.

¹²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Op. cit.** 1967. p. 15.

¹²² BRASIL. Congresso Federal. **Projeto de Lei número 5.428/2009**. Institui o Dia Nacional da Cachaça a ser comemorado no dia 13 de setembro. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=439028>. Acesso em 22/11/2018.

produtos das vinhas portuguesas.¹²³ De acordo com Câmara Cascudo, escritores naturalistas deste período, como Jorge Marcgrave, descreveram grande quantidade de alambiques produzindo a cachaça no Brasil, embora às vezes lhes davam denominações variadas como aguardente, cagassa, bagaceira, entre outras. Especialmente nas famílias menos abastadas do interior pernambucano, baiano, carioca e mineiro era comum a produção da cachaça ao longo dos séculos. Também nota-se a presença da cachaça a resistir ao esquecimento, com as considerações de que servira de alimento, junto com a pólvora, para os combatentes de Getúlio Vargas na ocasião da revolução constitucionalista de São Paulo em 1932.

Como já citado, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, movimento de renovação da brasilidade e valorização cultural nacional, a cachaça começou a deixar de ser perseguida e discriminada. Um exemplo é a propaganda da bebida feita por Macunaíma ao provar felizmente a cachaça e golinhos de *abrideira*. Macunaíma “provou estalando com a língua feliz e deu uma grande gargalhada”, assim narrou Mário de Andrade, um dos expoentes daquele movimento, aquele momento do fictício herói brasileiro.¹²⁴

Mas essa atenção dada à cachaça ainda não foi suficiente para que ela alcançasse plenamente a liberdade e reconhecimento institucional, pois, em períodos subsequentes, continuou perdendo na preferência para bebidas europeias, embora crescesse em valorização.

A relevância da cachaça para a cultura nacional continuou a crescer também influenciada pelas convenções do patrimônio realizadas pela UNESCO. Aparentemente a experiência de outros bens no Brasil, como também outras ações patrimoniais em outros países obtiveram tamanho sucesso e consequências positivas ao desenvolvimento, especialmente ao turismo, que despertou o interesse também na cachaça, tanto pelos produtores da iniciativa privada, governos e pela sociedade civil envolvida ao se beneficiar, além do fortalecimento cultural e da identidade, de mais empregos e investimentos.¹²⁵

¹²³ CASCUDO, Luís da Câmara. **Op. cit.** 1967. p. 15.

¹²⁴ ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 45

¹²⁵ CANCLINI, Néstor García. **Op. cit.** p. 17.

Entre os destaques das ações patrimoniais da cachaça têm-se os incentivos pelo Estado à produção e exportação nas décadas de 1980 e 1990, tendo destacado o estado de Minas Gerais na produção de cachaça artesanal envelhecida. A AMPAQ (Associação Mineira dos Produtores de Cachaça de Qualidade), criada em 1988, lançou logo em seguida o selo de qualidade da cachaça mineira. Houve também importantes iniciativas de regulamentação da bebida, como na legislação já citada definindo a especificação da cachaça e a exclusividade brasileira para uso dos nomes tanto da cachaça quanto da caipirinha (coquetel feito basicamente a partir da mistura de cachaça e limão).¹²⁶

Uma iniciativa mais recente em prol da salvaguarda patrimonial da cachaça foi a proposição do Projeto de Lei nº 5.428 de 2009 visando instituir o dia 13 de setembro como o Dia Nacional da Cachaça, referência a data em que os autores acreditam que teria cessado a proibição da produção e comercialização da bebida após a Revolta da Cachaça em 1661. O projeto ainda tramita no Congresso Federal, mas certamente esta narrativa contribuirá ainda mais para a institucionalização da cachaça como patrimônio cultural brasileiro, sendo que a própria justificação do projeto considera a Cachaça como um símbolo nacional atualmente.¹²⁷

Por fim, merece destaque entre as ações patrimoniais da cachaça a realização dos tradicionais festivais da cachaça, realizados em muitos municípios brasileiros, sendo que alguns já há mais de três décadas.

O Festival Mundial da Cachaça de Salinas, em Minas Gerais, é um dos mais lembrados festivais de cachaça do país. Nos dias 20 a 22 de Julho de 2018 foi realizada a décima sétima edição do evento em uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Salinas e a Associação dos Produtores Artesanais de Cachaça de Salinas (APACS). No evento foram instalados cinquenta e sete stands explorados para diversos fins pela prefeitura, pela associação, pelo SEBRAE, por circuito turístico, por meios de comunicação, banco, instituições educativas e diversas marcas de cachaça, bem como uma área de alimentação com gastronomia

¹²⁶ DANTAS, José da Paz. **Op. cit. p. 16.**

¹²⁷ BRASIL. Congresso Federal. **Projeto de Lei número 5.428/2009.** Institui o Dia Nacional da Cachaça a ser comemorado no dia 13 de setembro. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=439028>. Acesso em 22/11/2018.

relacionada à cachaça. Daí já se nota o funcionamento do evento conciliando aparente sucesso entre os interesses do mercado, do setor público e da sociedade organizada como proposto por Canclini. O evento contou com visita ao Museu da Cachaça e alguns produtores, degustações e apresentações musicais. De acordo com o presidente da APACS o evento permitiu ampla divulgação da cidade, aquecimento da economia, exposição gastronômica da região e divulgação do seu potencial turístico, gerando ainda mídias espontâneas em rede nacional de televisão e internet por exemplo. Os organizadores calcularam a participação de cinquenta mil pessoas nos três dias de festa.

Outro evento de destaque em veículos nacionais de comunicação, quando se fala sobre a valorização cultural da cachaça é a ExpoCachaça, que ocorre na cidade de Belo Horizonte, também em Minas Gerais, desde o ano de 1998. O evento de 2018 contou com a participação de mais de dois milhões de visitantes, segundo os organizadores, que destacam a Expocachaça como a principal responsável em dar maior visibilidade e “status de destilado nobre retirando a cachaça do gueto a que esteve relegada por muitos anos, dando promoção e divulgação da bebida nos mercados interno e externo”. Embora o evento reconhecidamente valorize a cachaça culturalmente, a Expocachaça tem um enfoque predominantemente comercial para a cachaça, com objetivo de expor, gerar e fazer negócios e alavancar números da bebida no mercado. Atualmente o evento ocorre junto com a BrasilBier, incluindo, assim, a crescente tendência de valorização das cervejas artesanais no evento. A Expocachaça conta com quatro dias de evento, nos quais ocorrem degustação, apresentações musicais e o Concurso Expocachaça (Avaliação Sensorial com Degustação às Cegas e Classificação das Cachaças, Bebidas Mistas e outros Destilados), no qual os expositores podem concorrer em nove categorias: branca pura (inox ou inerte), descansada em madeira (sem interferência na cor), armazenada ou envelhecida em carvalho francês, armazenada ou envelhecida em carvalho americano, armazenada ou envelhecida em madeiras brasileiras, extra *premium* e armazenadas acima de 3 anos, bebidas alcoólicas por mistura, com cachaça, *blends* de madeiras, sem indicação de proporção, outros destilados produzidos no Brasil.

O Festival da Cachaça, Cultura e Sabores de Paraty, no Rio de Janeiro, é o mais listado nos resultados de buscas por festivais de cachaça. O evento é o mais

antigo do gênero que encontrado nas pesquisas, acontecendo desde 1982, quando ainda era chamado de Festival da Pinga e Produtos Típicos de Paraty. O festival atualmente ocorre no areal do Pontal, sendo apresentados os alambiques tradicionais da cidade em quiosques, disponibilizando a compra e a degustação, contando também com apresentações musicais de artistas da cidade e região, bem como valorização da gastronomia. A tradição e importância do Festival da Cachaça, Cultura e Sabores de Paraty para a cachaça e para a cidade como um todo, pode ser notada considerando que o mesmo frequentemente citado nos meios de comunicação brasileiros e também em trabalhos acadêmicos, como em Nathália Caroline Dias¹²⁸ e Camila Moraes Marques.¹²⁹

Outro evento que vem despontando com importância na valorização da cachaça é a Edição Brasil do Concurso Mundial de Bruxelas, tendo realizado sua décima sexta edição em 2018, na cidade de Recife em Pernambuco. O evento tem origem a partir do Concours Mondial de Bruxelles, que acontece desde 1994, contando com vinte e seis edições realizadas em países previamente selecionados, e é voltado exclusivamente para o vinho. Assim, França, Espanha, Portugal e Itália têm liderado as participações e também o ranking das medalhas atribuídas pelo concurso. A representação brasileira no concurso de 2019, ocorrido em Aigle, na Suíça, obteve premiações com medalhas de prata para quatro marcas de vinhos da Serra Gaúcha e para uma marca no Vale dos Vinhedos. No total foram premiados vinhos de quarenta e três países com medalhas de Prata, Ouro ou Grande Ouro. A edição Brasil do concurso, por sua vez, acontece anualmente em cidades brasileiras também previamente selecionadas e tem como objetivo avaliar e certificar as melhores bebidas destiladas produzidas no país dando-lhes visibilidade internacional. Em 2018, o evento teve a inscrição de cento e setenta e oito amostras de vinhos (espumantes, brancos, rosés e tintos), trezentas amostras de cachaças e setenta e quatro amostras de destilados variados. As bebidas são testadas em sessões fechadas e às cegas, por jurados especializados separadamente os de vinho e os de cachaça, subdivididos em mesas com quatro juízes cada, por três dias consecutivos, resultando em premiações com medalhas igualmente ao concurso

¹²⁸ DIAS, Nathália Caroline. **op. cit. p. 34.**

¹²⁹ MARQUES, Camila Moraes. **op.cit. p. 15.**

internacional. Vale destacar que em edições brasileiras do concurso a Cachaça Guaraciaba, da cidade de mesmo nome próxima à Presidente Bernardes, conquistou medalhas em 2015, em 2016 e em 2017.

Por fim, cita-se outro evento importante para a valorização da cachaça, embora como coadjuvante numa festa voltada primeiramente para diversão e apresentações musicais ao público predominantemente de estudantes da Universidade Federal de Viçosa é o “Torresmo, Cachaça e Viola”. O evento é tradicional na cidade de Viçosa tendo ocorrido desde 2006, com uma tentativa de exaltação da cultura caipira/ sertaneja na cidade e região, além do objetivo comercial de lucro. De acordo com a página no Facebook do “Torresmo Cachaça e Viola 2019”, que ocorreu no dia 18 de maio de 2019, pelo menos duas mil e quinhentas pessoas compareceram. Isso implica em grande movimentação também para o comércio e prestadores de serviços da cidade, especialmente para taxistas e outros tipos de transporte de passageiros, uma vez que o evento ocorre em um bairro mais distante do centro de Viçosa e certamente não seria possível retornar do evento conduzindo veículo.

O evento denominado “*Festival da Cachaça de Presidente Bernardes e a Festa da Cana*”, que ocorre naquela cidade desde 1984 é outro importante exemplo, mas será tratado adiante com mais detalhes por estar diretamente relacionado ao objeto deste estudo, assim como os destaques das principais marcas de cachaça de Presidente Bernardes. Da mesma forma, as ações de patrimonialização locais serão analisadas especificamente nos próximos capítulos.

Embora as ações de patrimonialização da cachaça em nível nacional na forma tradicional (inventário, registro, ou de repente o tombamento) ainda sejam desconhecidas, a salvaguarda deste patrimônio no Brasil passeia em terreno favorável a observar os resultados das pesquisas apresentados neste capítulo. Isso porque o processo de valorização e preservação deste produto constitutivo e, ao mesmo tempo, testemunha de experiências comuns, de histórias compartilhadas, que é cultural e ao mesmo tempo comercial, tem encontrado significativa assimilação. De toda forma ele deve ser bem acompanhado para evitar que aquilo que seria tradicional e, logo, fonte do saber e do conhecimento, venha ser desvirtuado e perca seu efeito e valor na memória coletiva. O patrimônio precisa estar inserido no presente.

Os resultados obtidos nos levam a considerar que a cachaça é apropriada como memória coletiva e reapropriada pelo Estado, que têm se empenhado pela ressignificação e estimulação deste bem cultural por meio de políticas públicas.

A razão patrimonial no ocidente, como defende ainda Dominique Poulot deve ser motivada pela oportunidade de ser instrumento de desenvolvimento¹³⁰. Neste sentido, os capítulos a seguir abordam o patrimônio cultural de Presidente Bernardes, especialmente aquele relacionado às suas diversas marcas de cachaça, para verificação do potencial de valorização e salvaguarda deste patrimônio por meio da própria exploração socioeconômica.

¹³⁰ POULOT, Dominique. **Op. cit. p. 49.**

Capítulo 2

Trezentos anos de cachaça: de Calambau a Presidente Bernardes

Após estudar o valor patrimonial da cachaça e sua tradicional produção no Brasil e o alcance internacional que este bem cultural vem conquistando, o presente capítulo busca tratar o caso específico das cachaças produzidas na cidade mineira de Presidente Bernardes. Para isso foram levantados fatos diversos tidos como importantes para o município e, conseqüentemente, suas cachaças.

A justificativa para a recuperação de narrativas sobre o surgimento do povoado que veio a se tornar mais tarde a cidade de Presidente Bernardes, bem como para a revisão de alguns fatos ocorridos naquele local é que parece impossível analisar a influência da cachaça no desenvolvimento da cidade sem analisar a cidade em si.

Neste sentido, a apresentação das principais narrativas históricas mais antigas da cidade é importante para contextualização sobre a realidade do atual município, pois diversos fatos influenciaram na cultura do povo que ainda ali reside, especialmente na produção de cachaça, que desde os primeiros relatos já passou a fazer parte do cotidiano dos colonizadores e nativos. Ademais as histórias e estórias do local apresentam um forte apelo cultural e potencial para a exploração do turismo como um atrativo complementar à cachaça e, assim, pode também contribuir para o desenvolvimento municipal.

Vale ressaltar que a pesquisa desenvolvida e aqui dissertada não é apenas sobre cachaça, mas sobre a cachaça enquanto patrimônio cultural e seu potencial para o desenvolvimento socioeconômico. Em outras palavras, a cachaça e o desenvolvimento da cidade são variáveis indissociáveis neste trabalho, a discussão de uma depende da discussão da outra.

A história que se conhece a respeito do lugar que atualmente é chamado de município de Presidente Bernardes é mais que tricentenária. Todavia pouco se encontra na literatura sobre os habitantes do povoado que ali se encontravam quando chegaram os bandeirantes paulistas no início do século XVIII.

Pedro Maciel Vidigal,¹³¹ após vastas pesquisas no Arquivo Público Mineiro, Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana, entre outros, cita que ainda no final do século XVII já havia relatos paulistas sobre ouro sendo encontrado nas proximidades do então Rio Guarapiranga e que, em 1687, o bandeirante taubateano Antônio Rodrigues Arzão estivera no respectivo vale do qual a atual cidade de Presidente Bernardes integrava. De acordo com o autor o Rio Guarapiranga tinha este nome por haver em suas margens uma grande quantidade de pássaros de cor avermelhada.

Segundo Luiz Gonzaga da Silva Leme¹³² nessa ocasião o bandeirante Antônio Rodrigues Arzão foi o primeiro a descobrir ouro nas Minas Gerais, mas foi atacado por índios e fugiu de volta para São Paulo. Após seu falecimento em 1696, seu roteiro foi explorado por seu concunhado Bartolomeu Bueno de Siqueira que, encontrando, fundou o povoado de Ribeirão do Carmo e outros povoados vizinhos.

A chegada dos bandeirantes paulistas nas atuais terras de Presidente Bernardes aconteceu na primeira década do século XVIII, inicialmente com a vinda de João de Siqueira Afonso, buscando encontrar ouro e capturar índios na região. Neste lugar fundou o povoado sob a denominação de Calambau, sendo os paulistas e principalmente os portugueses os primeiros habitantes brancos. Este antigo nome do município não foi alterado pelos colonizadores na época, sendo que assim os índios chamavam o lugar.¹³³

De acordo com as observações do militar francês Guido Tomás Marlière, colhidas por Pedro Vidigal¹³⁴ no Codex nº. 375 do Arquivo Público Mineiro, estes índios encontrados pelos colonizadores brancos foram por eles apelidados de Botocudos, pois usavam como adereço umas rodela de pau no lábio inferior e nas orelhas. Para os citados colonizadores estas rodela faziam lembrar uma rolha de barril, objeto que os portugueses chamavam de *botoque* ou *batoque*.

¹³¹ VIDIGAL, Pedro Maciel. **Os Antepassados**. V.1 A Sua Terra. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1979.

¹³² SILVA LEME, Luiz Gonzaga da. **Genealogia Paulistana**. São Paulo: Duprat, 1901-05.

¹³³ VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit. p. 56.**

¹³⁴ **ibidem**

Entre os chamados índios botocudos, Guido Marlière *apud* Pedro Vidigal¹³⁵ relata que havia tribos pacíficas e outras guerreiras. Eram índios fortes, de cor avermelhada e viviam completamente nus, em plena liberdade, que se enfureciam bravamente com as invasões brancas em suas terras, devastando fazendas e expulsando fazendeiros, chegando até a antropofagia. A sua saúde era enfraquecida por dois principais fatores: em consequência do hábito de comerem terra (geofagia) e pelas doenças adquiridas pelo convívio com os brancos, como a lepra, a sífilis, o vício em cachaça e outros vícios e doenças sexualmente transmissíveis.

A cachaça já era entronizada nas terras mineiras, ainda que com fortes tentativas de proibição, sendo também usada como meio de aproximação entre os colonizadores e os primitivos habitantes das Minas Setecentista. Relatos da cachaça sendo utilizada como remédio ou mesmo como troca pela poaia e aproximação com os indígenas (puris e coroados) foram algumas vezes documentados em cidades como Sabará e também na região da então Vila do Carmo, nas proximidades do Rio Guarapiranga e Xopotó.¹³⁶

Ao nome Calambau atribuído pelos botocudos da região foram admitidos dois significados. O primeiro é afirmado por Napoleão Reys, conhecedor da língua, segundo quem a palavra Calambau derivaria da expressão *Kara Ambaua*, e significaria lugar onde o mato era ralo. O segundo significado é atribuído pelo historiador Alfredo de Carvalho como vindo de *carambás* ou *caram-ba-y*, que seria rio curvo ou tortuoso na língua dos botocudos. Ambos os significados são atualmente admitidos pelos estudiosos que traduzem Calambau como “lugar onde o rio faz curva e o mato é ralo”.¹³⁷

Essa suposta característica natural da vegetação rala e rio com muitas curvas que teria dado nome ao local também representa um potencial elevado para a agricultura, como as lavouras de cana de açúcar que teriam se iniciado já neste início do século XVII. Isto porque a sinuosidade do rio facilitava a irrigação das terras

¹³⁵ **ibidem**

¹³⁶ LAMAS, Fernando Gualdereto. **Conflitos agrários em Minas Gerais: o processo de conquista da terra na área central da Zona da Mata (1767-1820)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

¹³⁷ VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit.** p. 56.

ao seu entorno, da mesma forma que a pouca densidade da mata teria facilitado a preparação de terrenos para o plantio.

Ainda na primeira metade do século XVIII, estas famílias que para o local vieram e ali constituíram o núcleo de povoamento com a denominação de Calambau, também já implantaram seus costumes religiosos acompanhados de seus capelães, seus oratórios e altares desmontáveis. A celebração de missa e ereção do Cruzeiro no morro mais alto das proximidades do ouro acontecia sempre em seguida à posse de alguma terra. Neste sentido João Cabral da Silva, a pedido de sua prima Ana Cabral da Câmara que viria a ser uma grande benfeitora do povoado, constituiu patrimônio para construção de uma capela por meio de escritura do dia 12 ou 19 de dezembro de 1733, conforme documentos arquivados na Pasta de Calambau, no Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana. A pia batismal que ainda hoje é usada na atual igreja Matriz de Santo Antonio, em Presidente Bernardes, consta em um ato episcopal de concessão obtido por Ana Cabral datado de 1755. Esta constituição de patrimônio geralmente se referia a alqueires de terra e era obrigatória quando da instituição de qualquer Igreja Matriz ou Capela. Neste terreno eram construídos o templo religioso, as casas de famílias do povoado e o cemitério. O templo então construído naquele povoado recebeu o nome de Capela de Santo Antônio de Calambau e recebeu a benção litúrgica em 3 de maio de 1738.¹³⁸

Além dos índios botocudos, que ainda tentavam resistir em suas terras, e dos portugueses e paulistas que chegavam, a habitação pelos africanos escravizados também crescia na região do Ribeirão do Carmo, da qual Calambau fez parte. Hélio Vianna¹³⁹ aponta que em 1712 havia mais de onze mil cativos e já ultrapassava os cinquenta e dois mil em 1728. De acordo com o autor, este progressivo aumento da população cativa ao longo dos anos seguintes e a queda do rendimento do quinto a partir de 1763 com o esgotamento das minas, levaram Minas Gerais a sérios problemas sociais.

A cachaça algumas vezes era apontada como causadora de muitos dos problemas sociais do período. O consumo excessivo da cachaça teria aumentado a

¹³⁸**ibidem**¹³⁹VIANNA, Helio. **História do Brasil**. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970.

quantidade de doentes, rebeldes e aumento da ociosidade, principalmente entre os escravizados. Muitos documentos pesquisados por Fernando Lamas,¹⁴⁰ por exemplo, apontam tentativas do estado de proibir a cachaça como na proibição de construção de novos engenhos de cana, muitas das vezes sem sucesso, pois muitos alambiques surgiam clandestinamente. Isto porque a região se tornava cada vez mais favorável ao comércio da cachaça pela proximidade com o Caminho Novo da Estrada Real e pelo forte interesse pela bebida no mercado de escravos.

Os mineradores da região de Guarapiranga passaram então a explorar a agricultura em maior quantidade, usufruindo da ampla mão de obra ociosa dos africanos e das terras que lhes foram concedidas em 1773 pelo sistema de sesmarias. São exemplos destes agricultores o calambauense José Álvares Ferreira Cabral e outros que receberam terras às margens do Rio Xopotó, próximas à Cachoeira Grande, também conhecida como Cachoeira do Zé Bento atualmente.

O levantamento bibliográfico realizado neste trabalho sugere que a produção de cachaça no município tenha se intensificado a partir desta época final do século XVIII, conforme será discorrido adiante.

Este fato também desperta curiosidade quanto à comunidade bernardense conhecida por Sesmaria, às margens da estrada entre Cruzes e Xopotó e não muito distante, pelo morro, das terras obtidas por meio do citado sistema de concessão nas proximidades da Cachoeira Grande. A referida comunidade é antiga e com famílias predominantemente com características da ascendência africana no Brasil e há relatos de que o nome a ele atribuído permaneceu desde o fim do século XVIII. Até a década de 1990 as poucas casas do lugarejo eram quase totalmente de taipa, feitas de estrutura de madeira e bambu, preenchida com barro, à mão (também conhecidas por casas de pau a pique). O local também era famoso pelo moinho de pedra movido por água e que produzia fubá atendendo varias famílias do local e proximidades. Todavia não foi possível obter dados bibliográficos ou documentos que permitissem admitir ou refutar esta teoria, ficando o desafio sugerido para outros estudos.

¹⁴⁰LAMAS, Fernando Gualdereto. **op. cit.** p. 59.

O historiador Cônego Raymundo Octávio Da Trindade¹⁴¹ cita que nesta mesma época foi construída por Ana Cabral da Câmara uma segunda igreja em Calambau, desta vez em local mais cômodo e com capacidade para até quinhentas pessoas. A solenidade de translação das imagens da antiga capela para esta nova igreja ocorrera em 10 de janeiro de 1775, conforme figura 2. Da antiga capela, construída em 1733, não se tem mais vestígios, estando o morro amplamente ocupado com casas para habitação. Há relatos, que não nos foi possível averiguar, de que esta primeira capela teria sido demolida na época do regime militar no Brasil. Mais recentemente até o cruzeiro que ali existia no morro que leva o mesmo nome passou a ser apenas uma lembrança na memória e nos livros de história da cidade.

Figura 2 - Capela de Santo Antônio de Calambau em 1775



Fonte: VIDIGAL, Pedro Maciel. op. cit. p. 81-82.

¹⁴¹ TRINDADE, Raymundo Octavio da [Cônego]. **Instituições de igrejas no bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945 (Publicações do SPHAN, n. 13). Disponível em <https://archive.org/details/instituicoesdeig00trin/page/104>. Acesso em 03/10/2019

O curato instalado na nova capela de Santo Antônio de Calambau neste ano de 1775, pertenceu à Freguesia de Santa Ana do Ferros da Barra do Bacalhau (Guaraciaba), criada em 1832, sendo incorporado à Freguesia de Guarapiranga em 1836. O distrito de Calambau se torna freguesia pela Lei 1572/1868, compondo-se de Calambau e Tapera, atual Porto Firme.¹⁴²

Esta capela foi ampliada nas laterais em 1923 e reuniu regularmente os fiéis por um longo tempo até que, constatada sua incapacidade de continuar atendendo os calambauenses, o então pároco José Nicomedes Grossi mandou demoli-la em 05 de julho de 1949, para que fosse construída a atual igreja matriz. Esta nova igreja teve a construção concluída em 1953, sendo a sua sagração realizada em 07 de setembro do mesmo ano. O edifício contou com projeto arquitetônico, vitrais, sinos e diversas pinturas feitos por conceituados artistas brasileiros e estrangeiros da época. A igreja possui amplo espaço e atende regularmente os fiéis em suas diversas atividades pastorais e eventos e é considerada um dos principais cartões postais da atual cidade de Presidente Bernardes. Nela foi realizada a ordenação episcopal de seu ex-pároco e benfeitor, Dom José Nicomedes Grossi, como primeiro bispo da nova Diocese de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, em 25 de janeiro de 1963.¹⁴³

Calambau era um dos distritos que pertencia a Mariana. Com a criação do município de Piranga com a Lei 203, de 1º de abril de 1841, o distrito passou a pertencer ao Município de Piranga até a sua emancipação com a Lei 1.039, de 12 de dezembro de 1953.

2.1. Raízes e frutos de Calambau

Além das benfeitorias relacionadas à igreja católica em Calambau, em torno da qual foi surgindo e desenvolvendo-se o município e, conseqüentemente, suas cachaças, Ana Cabral da Câmara ali constituiu numerosa descendência na qual se incluem importantes nomes da história da cidade, das Minas Gerais e do Brasil. Ela nasceu por volta do ano de 1710, em Guarapiranga, sendo bisneta do casal Ana Rodrigues Arzão e o bandeirante Belchior de Borba Gato. Casou-se com o capitão-

¹⁴²

VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit. p. 56.**

¹⁴³

ibidem

mor Antônio Álvares Ferreira, considerado o homem mais rico da freguesia de Guarapiranga com base em seu inventário regularizado após a morte deste em 1749.¹⁴⁴

Dos oito filhos e demais descendentes do casal Ana Cabral da Câmara e Antônio Álvares Ferreira são concedidas atenção histórica e cultural especiais para alguns. O primeiro destaque é para o capitão-mor Antônio Januário Carneiro, bisneto de Ana Cabral nascido em Calambau no dia 19 de setembro de 1779, vindo a ser o fundador da cidade de Ubá - MG, no entorno da capela de uma de suas fazendas a partir de 1815.¹⁴⁵

Destaca-se também a ação política de José Cesário de Faria Alvim, tetraneto de Ana Cabral que se tornou o primeiro presidente da província de Minas e primeiro governador de Minas Gerais. Netos de José Cesário de Faria Alvim e hexanetos de Ana Cabral, os irmãos Virgílio Alvim de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco também se destacaram em suas profissões, o primeiro foi um dos fundadores do antigo partido União Democrática Nacional (UDN) e o segundo foi membro da Academia Brasileira de Letras e autor da Lei contra o racismo que leva o seu nome.¹⁴⁶

Outro destaque pode ser dado ao heptaneto de Ana Cabral da Câmara e Antônio Álvares Ferreira, Francisco Buarque de Holanda, artista brasileiro mundialmente conhecido como Chico Buarque, nascido do casamento da hexaneta Maria Amélia Alvim com Sérgio Buarque de Holanda.

Chico Buarque foi grande influenciador da valorização da cachaça na cultura brasileira, sendo famosa também sua canção de nome “Fica”, na qual pede para que “diga ao primeiro que passa, que eu sou da cachaça, mais do que do amor”. Seu pai foi historiador brasileiro, crítico literário, jornalista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Brasil.¹⁴⁷

O estudo da árvore genealógica iniciada em Ana Cabral da Câmara e seu marido Antônio Álvares Ferreira nos mostra frequente a vocação de seus

¹⁴⁴ Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, Auto 0843, Abertura: 13-04-1750

¹⁴⁵ VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit.** p. 56.

¹⁴⁶ **ibidem**

¹⁴⁷ **ibidem**

descendentes para a agricultura, nas primeiras gerações entre os anos de 1700 e meados dos anos de 1800. A ocupação das pessoas na região como grandes fazendeiros era muito comum. Em Calambau era especialmente cultivada grande quantidade de lavouras de cana, o que reflete também no destaque do local quando se refere à cachaça ao longo dos séculos ainda hoje. Nos anos de 1800 também eram comuns os profissionais bacharéis em Direito e os religiosos entre os descendentes de Ana Cabral e Antônio Alvares. A partir da segunda metade do século XIX passou a ser comum o interesse também pela política e em novas profissões trazidas pelas universidades e escolas técnicas e profissionalizantes, entre as quais cita-se as normalistas e os agrotécnicos e agrônomos, restabelecendo um destaque para as produções canavieiras na cidade, especialmente a de cachaça.¹⁴⁸

Entre os políticos e também sacerdote religioso destaca-se ainda para Calambau a pessoa de Pedro Maciel Vidigal, que foi deputado estadual em Minas Gerais e deputado federal, padre, professor, além de ter escrito diversas obras que são as principais referências históricas para os trabalhos sobre a cidade como esta dissertação. Padre Pedro, como era chamado, lutou bravamente pelo retorno do topônimo Calambau para a cidade desde que o seu primo Cyro Aguiar Maciel, também deputado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais pelo partido rival promoveu a alteração para Presidente Bernardes junto com a emancipação administrativa de 1953, conforme tratado adiante. Os dois deputados eram inimigos ferrenhos na política e provavelmente se tornaram também inimigos na vida, mesmo sendo a mãe de Pedro irmã do pai de Cyro¹⁴⁹.

2.2. As cachaças e curiosidades de Calambau e Presidente Bernardes

O desentendimento ainda existente na cidade quanto ao seu nome é, certamente, a principal fonte de tantos outros conflitos. Todavia a polarização política ainda existente sobre esta questão não é exatamente um problema isolado que se iniciou a partir da década de 1950. Essa polarização chega a ser até uma

¹⁴⁸

ibidem

¹⁴⁹

ibidem

consequência óbvia em uma localidade pequena e com tantas pessoas concorrendo na política e também no comércio de produtos como a cachaça.

Um exemplo destes conflitos políticos pode ser encontrado no processo que foi instaurado em 1798, conforme consta no Códice 224, Auto 5565, 2º Ofício do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana. De acordo com este processo, foram distribuídos em algumas ocasiões e pontos estratégicos do arraial de Calambau, alguns exemplares de uma espécie de panfleto, comumente chamado de pasquim na época. Estes eram manifestos anônimos considerados atos criminosos. Este pasquim redigido manualmente em pelo menos três cópias dirigia severas e grosseiras críticas e injúrias ao defender a monarquia contra o Sargento-mor Manoel Caetano Lopes de Oliveira, filho do inconfidente Francisco Antônio de Oliveira Lopes. No processo consta que o principal suspeito da autoria dos documentos fora Raymundo de Penaforte Lopes, cacheiro viajante a mando de seu empregador, o Alferes Domingos de Oliveira Alves, sendo que este se indispusera publicamente com aquele inconfidente poucos dias antes da publicação do pasquim.¹⁵⁰ Curiosamente os dois são listados em documentos mais tarde como grandes produtores de cachaça.

Após o movimento de migração da exploração da mineração para a agricultura ocorrido a partir da década de 1770, Minas Gerais se tornou o mais importante espaço canavieiro do Brasil no século XIX. Marcelo Magalhães Godoy¹⁵¹ observou constar no Arquivo Público Mineiro: SPPP 1/10, caixa 18, doc 3, uma relação de engenhos de cana que havia no distrito de Calambau no ano de 1832. O total de engenhos apenas em Calambau naquele ano foi de 21 unidades, a maioria deles movida por bois sendo apenas seis movidos por água. Os engenhos do distrito tinham este elevado sucesso considerando também a proximidade relativa da Estrada Real, importante rota para o comércio entre a capital da província e o Rio de

¹⁵⁰ ANTUNES, Álvaro de Araújo. Considerações sobre o Domínio das Letras nas Minas Setecentistas. **Revista de História- LPH/DEP. HISTÓRIA/UFOP**, Mariana, Ano 10, N. 10. p. 13-30, 2000.

¹⁵¹ GODOY, Marcelo Magalhães. Espaços canavieiros regionais e mercado interno: subsídios para o estudo da distribuição espacial da produção e comércio de derivados da cana-de-açúcar na província de Minas Gerais. In: **X Seminário sobre a Economia Mineira**, 2002, Diamantina. Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2002.

Janeiro. Entre os grandes produtores de cachaça nesta década de 1830 pôde-se verificar o Alferes Domingos de Oliveira Alves, então envolvido no episódio do “pasquim de Calambau” no final do século anterior, conforme detalhado adiante.

A expansão da agricultura em Guarapiranga, todavia, implicou em aumento da devastação de florestas e intensificação de outros conflitos com os índios que a possuíam, como os puri-coroado, por exemplo.¹⁵²

Os habitantes de Calambau eram comumente participantes da política no município de Piranga, do qual fazia parte, bem como do estado mineiro. Entre eles destacavam-se fazendeiros abastados, religiosos e grandes produtores de cachaça, e comerciantes da região. Esta participação por muitas vezes implicava em sérios outros embates até mesmo violentos entre opositores, principalmente entre aqueles mais fanáticos que, ajudados pelas boas cachaças de Calambau, sempre perdiam o controle de suas atitudes.

O desenrolar do processo de emancipação político-administrativa para o distrito de Calambau do município de Piranga é um dos principais exemplos dos graves embates políticos. Ele iniciou-se por iniciativa do então pároco José Nicomedes Grossi e alguns políticos, fazendeiros e comerciantes locais, em 25 de fevereiro de 1953 e tramitou, com idas e vindas confusas, por dez meses. A pretendida emancipação aconteceu pela sanção da Lei 1.039, de 13 de dezembro de 1953, dando o nome de Presidente Bernardes ao novo município mineiro, com o objetivo de homenagear o ex-presidente perrista.¹⁵³

A denominação dada ao novo município foi mal recebida por muitos populares que consideraram o novo nome como se fosse uma alteração ao topônimo do antigo distrito.

O então deputado Pedro Maciel Vidigal foi quem passou a liderar ferrenha briga contra a efetivação do novo nome para a cidade argumentando que o nome Calambau era um nome indígena que deveria ser mantido, que a legislação não permitia dar nome de pessoas vivas aos lugares públicos, que já existia a cidade denominada Presidente Bernardes no estado de São Paulo e que esta tanto era

¹⁵² AGUIAR, José Otávio. Quem eram os índios puri-coroado da Mata Central de Minas Gerais no início dos oitocentos? Contribuições dos relatos de Eschwege e Freyreiss para uma polêmica (1813-1836). **Revista Mosaico**, v. 4, n. 2, p. 197-211, jul./dez. 2010

¹⁵³ **ibidem**

mais antiga quanto era sede de comarca, situações que para ele impediriam o uso do topônimo pela nova cidade mineira.

O deputado então ajuizou ações, recorreu ao Superior Tribunal de Justiça (STF), escrevendo ao ex-presidente para que abdicasse da homenagem, ao que este respondeu não ter tido conhecimento prévio da homenagem e que era indiferente ao retorno ou a manutenção do topônimo. Entre as respostas obtidas em sua campanha pelo retorno do velho nome vale destacar estas palavras publicadas por Carlos Drummond de Andrade¹⁵⁴ defendendo o velho nome de Calambau:

O padre [Pedro Maciel Vidigal] está certo, quando mais não seja, porque o passado vale mil vezes o presente, o qual só valerá alguma coisa daqui a mil anos, e olhe lá. Os nomes de cidades, feios ou bonitos, deviam ser tombados para sempre pelo Patrimônio Histórico e punido com pena de morte quem ousasse trocá-los. Não troquem os nomes. Troquem as estradas ruins, os trilhos de burro, por estradas boas, deem luz às casas, escola aos meninos, bancos de jardim aos namorados, e a posteridade abençoará o autor dessas obras; mas não troquem os nomes. Não adianta nada à glória dos sujeitos, e gera na alma de cara munícipe um profundo, irreparável desgosto.

Ainda no dia 27 daquele mesmo mês de Janeiro, Carlos Drummond de Andrade¹⁵⁵ voltou a tocar no polêmico assunto do novo topônimo, em publicação encabeçada ao ex-presidente, chegando, entre outros, a sugerir que este decidida e definitivamente afirmasse: “Bernardes é o meu nome. O deles é Calambau. E não amolem”.

As tentativas de que o município tivesse o mesmo nome do então distrito de Calambau continuou nos anos seguintes, refletindo em enormes dificuldades para o desenvolvimento do município. Até mesmo entre os produtores de cachaça sendo que não chegavam a um acordo sobre a origem de suas cachaças e dificultava a reunião dos mesmos na busca de melhorias comuns.

Mesmo com a intervenção do então governador de Minas Gerais Juscelino Kubitschek de Oliveira (J.K.) tendo contribuído para apaziguar a questão, silenciando os que eram contra o nome Presidente Bernardes, e consequentemente

¹⁵⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Velho nome. **Correio da Manhã**. 1º Caderno, de 14 de Janeiro de 1954. p. 4

¹⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Ainda Calambau. **Correio da Manhã**. 1º Caderno, de 27 de Janeiro de 1954. p. 4

destinando melhorias ao município. Entre estas melhorias merece destaque a construção da ponte sobre o Rio Piranga entre 1954 e 1958 e que ainda é a única capaz de atravessar veículos automotores encontrada no município, exclusividade que causa relevante dificuldade logística para a produção de cachaça e outros produtos e serviços e, conseqüentemente, dificulta o desenvolvimento.¹⁵⁶

A partir também desta segunda metade do século XX também acontecia elevado crescimento da produção de cachaça na cidade, surgindo muitos dos alambiques que foram grandes produtores até os anos de 1990 e 2000. Alguns destes ainda se encontram em operação. A valorização da cachaça era grande na cidade e muitos dos produtores eram paralelamente importantes políticos ou exerciam outras influências na vida e desenvolvimento bernardense. Entre estes produtores, conforme informações colhidas em Pedro Maciel Vidigal,¹⁵⁷ merece destaque a atuação do senhor Joaquim Pereira, um dos maiores produtores de cachaça na cidade há algumas décadas e que fora vereador por diversos mandatos, chegando a ser presidente da câmara em alguns. Ele contribuiu para reforma de estradas, construção da Escola Antônio Lucas Martins, no distrito de Cruzes, onde ainda se encontra a sua fazenda, embora já não produza mais cachaça e já não seja referência como em décadas passadas.

Por outro lado, a ausência de comprovações sobre manifestações diretas da satisfação do ex-presidente Arthur Bernardes ou de seus descendentes quanto à homenagem lhe prestada, ainda que tardiamente, nem mesmo benfeitorias ou visitas que estes tenham feito ao município, ainda causam constrangimentos em muitos moradores da cidade quando interrogados sobre o então presidente.

Essa memória adormecida ou submergida quanto ao antigo nome Calambau voltou à tona em 1985, quando o então prefeito de Presidente Bernardes, Geraldo de Oliveira Maciel, com a contribuição da Câmara de Vereadores, de outros políticos e juristas, justificando que a Lei Complementar nº 46 de 21 de agosto de 1984 teria extinguido o nome de Presidente Bernardes para o município ao proibir a repetição

¹⁵⁶ PRESIDENTE BERNARDES. **300 anos de história - 1710/2010 - de Calambau a Presidente Bernardes**. Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, 2010. Disponível em: <http://culturaacpb.blogspot.com.br/2010/12/um-pouco-sobre-nossa-historia-e-cultura.html>. Acesso em 24 de abril de 2018.

¹⁵⁷ VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit.** p. 56.

de topônimos, este prefeito sancionou a Lei Municipal nº 354 de 1985. Esta lei “reestabelecia” o primitivo topônimo de Calambau para o município.¹⁵⁸ Todavia o município permaneceu com o nome de Calambau por apenas poucos anos, pois no mandato do prefeito seguinte o topônimo já retornava para Presidente Bernardes. Os levantamentos realizados nesta pesquisa não encontraram detalhes de como ocorrera este retorno ao nome Presidente Bernardes. Todavia este é o nome do município atualmente, sendo encontradas leis nos arquivos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais que se referem ao município como sendo Calambau entre os anos de 1986 e 1989, bem como alguns moradores ainda conservam placas de veículos que portaram naqueles anos constando Calambau – MG. Porém não foram encontrados relatos bibliográficos ou lei que falassem desta última mudança de forma específica àquele município quando a Constituição do Estado de Minas Gerais do ano de 1989,¹⁵⁹ que no art. 168 estabeleceu requisitos para a alteração de topônimos no estado.

Nesta rivalidade perigosa, repleta de idas e vindas, a cachaça parecia não se importar ser de Calambau ou de Presidente Bernardes, ela sobrevivia e apenas se preocupava em manter-se prosperando. Destaca-se que neste período da primeira metade da década de 1980, mais precisamente a partir de 1984, nascia a Festa da Cana e Festival da Cachaça da cidade, que viria a se tornar uns dos mais tradicionais do Brasil conforme discutido a diante.

As pesquisas realizadas mostram que, de toda forma, Carlos Drummond de Andrade¹⁶⁰ tinha razão e, ficando o antigo nome enraizado como Patrimônio Histórico na memória de muitos habitantes da cidade, a rivalidade entre eles continuou nos anos seguintes da emancipação e ainda existe. Esta disputa já fora relatada até pelo jornal *Estado de Minas* em matéria de 2011.¹⁶¹

¹⁵⁸ VIDIGAL, Pedro Maciel. **Calambau**; a recuperação do antigo topônimo. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

¹⁵⁹ Minas Gerais. **[Constituição (1989)]**. Constituição do Estado de Minas Gerais. – 23. ed. – Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2019.

¹⁶⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. **op. cit. p. 67.**

¹⁶¹ ESTADO DE MINAS (WERNECK, Gustavo). **Moradores de Presidente Bernardes querem antigo nome da cidade**. 27/12/2011. Disponível em www.em.com.br. Acesso em 25/09/2019.

De fato, enquanto este pesquisador buscava algumas opiniões sobre as cachaças de Presidente Bernardes, também observou que muitas pessoas ainda acham este assunto bastante sensível por gerar brigas. Há pessoas que acredita que a cidade ainda chama-se Calambau e outras para as quais o nome Presidente Bernardes o leva a se equivocar sobre esta cidade ser a terra do ex-presidente Arthur Bernardes.

Entre os produtores de cachaça também ainda há divergências desta natureza quando uns preferem, preservam e divulgam o antigo nome Calambau e outros o abominam terminantemente preferindo o nome oficial, sendo este um conflito que afeta até mesmo os estudos sobre a tradição da produção de cachaça.

Alguns dos raros estudiosos diretos da história das cachaças da cidade suspeitam que a tradição da produção tenha iniciado já nas primeiras décadas da povoação branca no local. Para eles a Fazenda Bananeiras já produzia cachaça no início do século XVIII, chegando a apontar com mais precisão o ano de 1746, quando ali foi concedida sesmaria a Matias Alves Ferreira pelo governador Gomes Freire de Andrade. Todavia estes estudiosos admitem a imprecisão desta informação e a carência de verificação científica da mesma para oficializar este período como início da produção e comercialização de cachaça na cidade.¹⁶²

A presente pesquisa também buscou, sem sucesso, documentos e outras fontes que pudesse testar esta hipótese sobre a cachaça produzida na fazenda bananeiras. A verdade é que muito pouco se sabe da história desta fazenda. A maioria ou quase todas as informações comprováveis cientificamente levantadas sobre a Fazenda Bananeiras trata-se de informações que se pode levantar a partir de seu vasto patrimônio material, como a sua edificação e muros construídos com a mão de obra predominante de africanos escravizados no século XVIII. Outras informações de cunho cultural relacionadas ao seu patrimônio imaterial, como a cachaça e outras relações sociais se referem a boatos que não foram possíveis de serem investigados neste trabalho.

A Fazenda Bananeiras possui ampla quantidade de quartos e salas em seu andar superior, que eram usados pela família. No andar inferior, os cômodos eram destinados a depósitos de materiais e outras atividades e negócios da família. O

¹⁶² PRESIDENTE BERNARDES. **op. cit.** 2010. p. 12.

local possuía uma grande sala que era usada como capela e outra que era usada como escola, atendendo por longo período os trabalhadores da fazenda e suas famílias. Não se sabe se esta parte da casa desabou-se ou foi demolida. O casarão da fazenda hoje se encontra completamente abandonado, sendo que a família à qual é atribuída a sua propriedade, reside atualmente em Belo Horizonte e Brasília. Todavia ainda se pode ver no local o muro e uma grande mesa no pátio, conforme figura 3, obras realizadas pelos colaboradores escravizados que retiraram as grandes pedras e as moveram pelo rio com a ajuda de bois pelo rio até a fazenda. Do outro lado do Rio Piranga também ficou uma gruta de onde as pedras foram retiradas, embora o acesso e localização precisa desta gruta estejam dificultados por causa do mato que cresceu e por soterramentos acontecidos.¹⁶³

Figura 3 - Mesa e muro de pedra colonial na Fazenda Bananeiras



Fonte: Arquivo pessoal

Nas investigações desta pesquisa deparou-se com curiosos relatos por pessoas mais antigas de que na gruta de onde foram retiradas as pedras para a Fazenda Bananeiras, mais tarde teria habitado uma bela colaboradora escravizada que teria sido expulsa da fazenda pela esposa do coronel após descoberta do romance e consequente gravidez entre a jovem e o fazendeiro. A dona da fazenda acreditou que a moça tinha ido embora quando, com a ajuda de outros

¹⁶³ **Ibidem**

colaboradores, o fazendeiro conseguiu mantê-la escondida na referida gruta, mantendo também o romance do qual ali teriam nascido e crescido outros filhos. Não se sabe se este fato pode ter sido se quer parcialmente verdadeiro, sabendo-se que, de fato, a gruta, o muro e a mesa existem no local.

Rafael Júnio Andrade Alves,¹⁶⁴ ao estudar as representações de lazer na comunidade Bananeiras, identificou também que a comunidade surgiu por conta da fazenda de mesmo nome, especialmente após o encerramento das atividades pelos proprietários quando doaram boa parte das terras aos funcionários.

Desde 2013 a Fazenda Bananeiras passa por processo de tombamento conforme Inquérito Cível nº-0508.13.000006-2 MPMG - Comarca de Piranga - Presidente Bernardes. Este tombamento já tem sido reclamado também pela população e o processo se encontra tramitando no IEPHA desde o terceiro dia do mês de agosto de 2018.

O abandono da Fazenda Bananeiras e de tantas outras moradias na zona rural de Presidente Bernardes ressalta uma preocupação cada vez maior relacionada ao campo e, conseqüentemente, a salvaguarda do amplo patrimônio cultural ali produzido. Neste sentido Rafael Alves¹⁶⁵ ainda identificou que a maioria dos moradores da comunidade de Bananeiras exerce atividade remunerada apenas em zonas urbanas de Presidente Bernardes, Porto Firme e Viçosa.

A dificuldade enfrentada pelo campo em se manter atrativo do ponto de vista econômico e social é bastante antiga de um modo geral. Esta característica efêmera de atração pelo campo também torna difícil a preservação de seu patrimônio como será discutido no próximo capítulo. Tanto que algumas constatações a partir de documentos e livros históricos têm o seu aprofundamento dificultado diante do desuso daquele patrimônio. Trata-se de alambiques e fazendas destruídos, bem como documentos e outros artefatos.

Conforme verificações citadas anteriormente, há grandes chances da produção de cachaça em Presidente Bernardes ter se intensificado em local próximo à Cachoeira Grande, no Rio Xopotó, por volta da década de 1770, quando ao

¹⁶⁴ ALVES, Rafael Júnio Andrade. **Lazer e ruralidades:** as práticas e representações sociais de lazer no meio rural de Presidente Bernardes – MG. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal Viçosa. Viçosa, 2009.

¹⁶⁵ **ibidem**

calambauense José Álvares Ferreira Cabral e outros foram concedidas terras para agricultura naquela região. Sendo a agricultura já desenvolvida na região, especialmente com a produção de açúcar, e considerando a proximidade do local com a Estrada Real, que facilitava o transporte de ida e vinda da bebida entre o Rio de Janeiro e a região mineradora da capitania, tem-se que na década de 1770 já se produzia cachaça no então arraial de Calambau, não sendo preciso os locais, pois muitas fazendas foram demolidas mais tarde.

A quantidade de cachaça produzida em Calambau a partir daí aumentou significativamente. A partir das pesquisas de Marcelo Godoy¹⁶⁶ no Arquivo Público Mineiro: SPPP 1/10, caixa 18, doc 3, na qual encontrou uma relação de engenhos de cana que havia no distrito de Calambau no ano de 1832, pode-se observar o aumento da produção de cachaça no local. Destaca-se daí também os nomes dos produtores deste período, classificados pela quantidade de trabalhadores (livres e escravizados), dado que sugere maior ou menor capacidade produtiva, bem como destacado a forma de movimentação usada no engenho.

O engenho com maior quantidade de trabalhadores era de Alferes Antonio Liberato Jose Carneiro de Miranda e filhos, com quarenta e cinco trabalhadores e era movido por água. Em segundo lugar, com trinta e dois trabalhadores, aparecia o engenho de General Mor Antonio Alvares Ferreira, movido por bois. O engenho de D. Maria Benedita, tinha vinte e seis trabalhadores e era movido por água. Em seguida, também movido por água, constava o engenho de D. Anna Jacinta de Jezus, com vinte e dois trabalhadores. O de Antonio Gonçalves da Costa, Serafim Dias e Estanislão Dias tinha também vinte e dois trabalhadores e era movido por bois. Também movidos por bois e ambos com vinte e um trabalhadores era o engenho de Capitão Alvarez Pereira e também o engenho de D. Maria Joana. O engenho de Alferes Manoel Lopes contava com dezenove trabalhadores e era movido por bois. Com dezoito trabalhadores era o engenho de D. Francisca D' Oliveira, movido por água, e também o engenho de D. Anna Quiteria, movido por bois. Igualmente movidos por bois constavam os engenhos de Domingos de Moura, com dezessete trabalhadores, o engenho de Antonio Joze de Carvalho, com treze e o engenho de Anacleto Gonçalves da Costa, com doze trabalhadores. Com doze

¹⁶⁶ GODOY, Marcelo Magalhães. **op. cit. p. 65.**

trabalhadores eram os engenhos de Francisco Menezes Cardozo , movido por água, e o de Alferes Antonio Fernandez, movido por bois. O engenho de Jose Joaquim de Souza e Francisco Antonio de Souza contava com dez trabalhadores e era movido por bois. Manoel Correia dos Santos contava com nove trabalhadores em seu engenho movido por bois. O engenho movido por água com menos trabalhadores, ainda que fosse oito, era o engenho de Capitão Domingos D' Oliveira. Nas três últimas posições de quantidade de trabalhadores estavam os engenhos movidos por bois, tais sejam o de D. Anna Maria do Carmo, com sete trabalhadores, o engenho de João Antonio Barboza, com seis e, finalizando a vigésima primeira posição o engenho de Jose Correia dos Santos contava com quatro trabalhadores.

No ano de 2018, verificou-se junto à Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo a existência de vinte e quatro marcas de cachaça comercializadas em Presidente Bernardes sendo elas: Água Limpa, Água Limpinha, Alvorada, Boa Esperança, Caçulinha, Zona da Mata, Catas Altas, Cobra de Vidro, Engenho Calambau, Calambau, Fazendeira, Fumacinha, Genuína, Juízo, Psiu, Sem Nome, Siqueira, Taquaral, Velho Calambau, Katilanga, Sabedoria, Juquinha dos Santos, Moamba e Casa Soaresa.

Algumas destas marcas produzidas atualmente são de descendentes de produtores de 1832. Este é o caso da fazenda Catas Altas, que o pesquisador visitou no dia 17 de julho de 2019, onde há um alambique que esporadicamente fabrica-se a cachaça Catas Altas e outro que fabrica as cachaças Calambau e Engenho Calambau.

Todavia a produção de cachaça não foi regular em todos os anos que se sucederam de 1832 aos dias atuais. A produção de quase todos os alambiques atuais encontrados foi iniciada de forma ininterrupta a partir da década de 1950.

A única fazenda verificada com a produção regular de cachaça iniciada já antes do século XX é a Fazenda Água Limpa, fundada em 1885 e que fabrica a cachaça de mesmo nome regularmente por todos os anos desde 1882. O início da atividade cachaceira desta fazenda é considerado o marco oficial da produção da cachaça bernardense. Trata-se de uma fazenda constantemente revitalizada onde este pesquisador foi atendido pelo proprietário com muita simpatia no dia 23 de julho de 2019. A fazenda compartilha curiosa história de que o seu alambique nos fundos da casa sede, na verdade teria sido construído antes, em 1882, e a habitação foi

anexada nele três anos depois. De fato, o Conselho Municipal de Patrimônio de Presidente Bernardes¹⁶⁷ aponta que a Fazenda Água Limpa iniciou a produção regular de cachaça passando a atender os mercados de Ouro Preto, Mariana e São João Del Rei. A construção da habitação aconteceu em 1885, conforme consta ainda na inscrição contida com destaque na fachada do imóvel, que é um dos cartões postais da cidade. A fazenda ainda conserva antiga roda d'água que movimenta seu engenho na moagem da cana desde suas primeiras produções de cachaça no século XIX.

O levantamento de informações sobre as cachaças de Presidente Bernardes não foi feito em todos os alambiques da cidade por limitações intransponíveis verificadas durante a pesquisa. A principal limitação foi a impossibilidade de acesso em alguns alambiques/ fazendas, à qual atribuímos o receio dos produtores para com pessoas desconhecidas, bem como a dificuldade de localização de alguns produtores. Mesmo o pesquisador tendo sempre se identificado e a instituição para a qual pesquisava, além de ter sido morador de Cruzes, um conhecido povoado da cidade, não houve abertura suficiente para o trabalho junto a todos os alambiques. Em alguns não houve a possibilidade de se quer de conversa e em outros foi possível obter considerável quantidade de informações, mas não conseguiu-se autorização para utilizá-las no trabalho. O argumento percebido para este fechamento está na preocupação dos produtores de que a exposição atrairia bandidos e também órgãos fiscalizadores que, segundo eles, mudam frequentemente os critérios e tanto impõem punições para a atividade.

Problema semelhante foi encontrado por Rafael Alves¹⁶⁸ em Presidente Bernardes, citando que seus entrevistados na comunidade de Bananeiras muitas vezes o evitavam temendo que fosse mais um fiscal como o que agira há pouco tempo na comunidade ou fosse algum outro tipo de pessoa com más intenções.

Neste sentido a pesquisa aqui relatada prosseguiu junto a alguns alambiques onde houve abertura ou dos quais as informações necessárias puderam ser obtidas em divulgações oficiais da marca ou de forma livre na internet.

¹⁶⁷ PRESIDENTE BERNARDES. **op. cit.** 2010. p. 12.

¹⁶⁸ ALVES, Rafael Júnio Andrade. **op. cit.** p. 71.

O distrito de Cruzes já foi o local de referência de pelo menos três produtores de cachaça que se destacavam na cidade tais sejam o da Cachaça Alvorada, o da Cachaça Vitamina e o da Cachaça Sem Nome. A relevância da produção agrícola no distrito, especialmente a cachaça, foi referência para a cidade por muitas décadas desde a década de 1950 até aproximadamente por volta dos anos 2000.

Destas três cachaças a única que mostrou-se ainda estar em frequente operação foi a Cachaça Sem Nome, conforme visita realizada em 18 de agosto de 2018. A produção desta cachaça iniciou-se em 1985 e, passando de pai para filhos, continua atendendo os mercados da sede do município, municípios de Porto Firme e Viçosa, bem como outros mais distantes com menor frequência, como Rio de Janeiro, Ouro Preto e Mariana. A explicação para este curioso nome é de que, na ocasião do primeiro Festival da Cachaça que ela participou, o então proprietário ainda não havia pensado nesta questão e, na pressa para anunciar os vencedores um dos organizadores foi logo respondendo à sua equipe: “Sem Nome, ela é Sem Nome”. Assim o nome foi dado naquele festival de uma forma um tanto acidentalmente. O proprietário preferiu continuar com esta denominação para sua cachaça que é mantida até hoje, porém ela também é chamada informalmente de cachaça das Cruzes ou do Prico.

Na citada fazenda de Cruzes em que se fazia a cachaça Vitamina atualmente se dedica principalmente à pecuária leiteira e à lavoura de eucalipto e a sede da fazenda não aparenta manter reformas e restaurações constantes. Na fazenda da cachaça Alvorada, outra cachaça que era muito fabricada em Cruzes, a dedicação também é com a pecuária leiteira e lavoura de eucalipto, embora ainda fabriquem rapadura sob encomendas e a cachaça em pequena frequência e quantidade, quase uma vez por ano.

Do outro lado do município, próximo à estrada que liga Presidente Bernardes à Rodovia Piranga – Porto Firme fabrica-se a cachaça Fazendeira. Ela começou a ser fabricada na Fazenda Bahia no início da década de 1950. Neste primeiro momento o seu nome era Alegria, passando a se chamar Alegria Extra na década de 1960, em razão de conflitos comerciais quanto ao uso do nome por outra marca e para atender a burocracia imposta. Em 1968 recebeu o nome de Fazendeira que ainda é mantido. A Cachaça Fazendeira é fabricada em alambique de cobre, com

produção limitada e com o caldo de cana sendo fermentado lenta e controladamente, dando mais aromas à cachaça. A armazenagem é feita em barril de madeira por um tempo para elevar a sua qualidade química e sensorial.

A cachaça Água Limpinha é produzida no alambique na Fazenda Vista Alegre, a qual o pesquisador ficou conhecendo no dia primeiro de setembro de 2019. Em oportunidade de visita à fazenda em 2020, foi informado ao pesquisador que, embora os fabricantes da cachaça Água Limpa e Água Limpinha sejam parentes, a semelhança dos nomes das duas cachaças não foi proposital, mas sim uma oportunidade de mercado que surgiu na qual o antigo dono do alambique comprou a patente da cachaça Água Limpinha de um produtor em outra cidade. Destaca-se que esta fazenda já busca explorar outras fontes de renda possíveis, sendo que foi possível localizá-la apenas quando eram pesquisadas hospedagens na região. Além de a fazenda produzir tradicionalmente a cachaça Água Limpinha, nela se encontram outros importantes atrativos turísticos para a cidade como o pesque-pague, pequeno espaço para esportes e uma pousada rural que, apesar de ainda carecer de maiores comodidades, foi uma das poucas regularmente cadastradas no Ministério do Turismo para a atividade.

Algumas características comuns foram verificadas na pesquisa junto aos alambiques atuais de Presidente Bernardes das quais destaca-se:

1. emprego de mão de obra numa média de quatro a seis funcionários;
2. preocupação com o processo de sucessão na gestão do negócio;
3. baixo preço do produto vendido em torno de cinco reais o litro;
4. redução dos investimentos na cachaça dando lugar a outras culturas, em especial a pecuária leiteira; e
5. Produto tradicional e de antiga aceitação em seu mercado.

Estas questões apontam para a necessidade de valorização e identificação quanto à cachaça de Presidente Bernardes, como forma de garantir a continuidade da tradição bem como de garantir necessidades da população como a necessidade por emprego e renda, a de permanência dos jovens no campo, entre outras questões que se mostram interligadas. Um exemplo da situação preocupante da cachaça bernardense foi o relato de um dos fazendeiros de que muitas vezes tomam prejuízo para se produzir cachaça. Às vezes um produtor agrícola até descarta ou faz doação para algum alambiqueiro de sua cana de açúcar, alegando que o que

mais tem interessado nela para ele no momento seriam as folhas com a qual fazem silagem para alimentar as vacas leiteiras.

2.3. A “Festa da Cana” e o “berço da cachaça mineira”

Pedro Vidigal¹⁶⁹ cita três eventos festivos como os mais importantes da cidade de Presidente Bernardes. Para ele um dos eventos que mais tiveram relevância ao povo da cidade foi a inauguração e sagração da nova Igreja Matriz de Santo Antônio, em 1953, a ordenação episcopal de Dom Grossi nesta igreja, em 1963, e as cerimônias de inauguração de obras na cidade com a presença do então presidente JK, em 1962. Todavia se este deputado pudesse ter acompanhado o valor que as cachaças continuaram tendo e gerando possibilidades ao município, certamente incluiria todos os eventos anuais desta “festa da Cachaça” no rol de eventos memoráveis.

A Festa da Cana e Festival da Cachaça é um evento tradicional na cidade de Presidente Bernardes e também para as cidades da redondeza, criado para tentar tratar das questões econômicas e sociais em Presidente Bernardes de forma indireta já no ano de 1984, um grupo de jovens denominado Pró Terra, junto com produtores de cachaça, propôs ao então prefeito a criação de um evento que pudesse atrair os conterrâneos ausentes e outros visitantes, bem como valorizar ainda mais a cachaça, o tradicional produto cultural da cidade. O prefeito aceitou a ideia, mas discordando de denominar o evento como Festival da Cachaça por atribuir o nome a vandalismo e outros males, o evento foi chamado de Festa da Cana naquele primeiro ano. No ano seguinte passou a se chamar Festa da Cana e Festival da Cachaça, sendo mantido e apoiado pelos prefeitos seguintes até atualmente. O evento reúne anualmente milhares de pessoas em três dias de festa que compreende o último final de semana do mês de Julho de cada ano desde a primeira edição em 1984.¹⁷⁰

A Festa da Cana e Festival da Cachaça se inicia sempre em uma sexta feira bem cedo, por volta das cinco horas da manhã, com o momento chamado de

¹⁶⁹ VIDIGAL, Pedro Maciel. **op. cit. p. 55.**

¹⁷⁰ PRESIDENTE BERNARDES. **op. cit. 2010. p. 12.**

Alvorada com a Corporação Musical Santo Antônio. No período da tarde desta sexta feira ocorre a chegada das cachaças por volta das dezesseis horas. Esta chegada é feita em uma grande cavalcada da qual participam mulheres, crianças e diverso público que vem trazendo barris de cachaça simbólicos para o Parque de Exposições Kaquim Quintão, em uma alusão ao trabalho dos tropeiros que transportavam as cachaças bernardenses desta forma, conforme figura 4. Mais tarde, ainda na sexta feira, é feita a abertura oficial do evento e, em seguida, iniciam-se os shows programados e a esperada degustação das cachaças produzidas na cidade. Para poder degustar as cachaças o participante do evento só precisa portar uma caneca personalizada e apresenta-la à equipe para ser servido em um mecanismo parecido com uma bomba de posto de combustíveis. Essas canequinhas são vendidas pelos organizadores pelo valor de dez reais, mas não há impedimento de que elas sejam compartilhadas entre os conhecidos. Todavia a maioria das pessoas prefere comprá-la por considerá-la bonita e para colecionar.

Figura 4 – Chegada Festa da Cana e Festival da Cachaça 2019



Fonte: Arquivo pessoal

No dia seguinte a programação noturna da Festa da Cana e Festival da Cachaça é parecida à do dia anterior, sendo que no período da tarde ele se desenvolve na Praça Cônego Lopes com encontro de som automotivo e

apresentação musical de artistas da região. No Domingo costuma haver tarde recreativa para as crianças e a entrega dos certificados aos produtores de cachaça antes dos shows que ocorrem nesta última noite.

As observações realizadas nesta pesquisa mostram que se trata de um evento relevante e importante para o município, tanto ao considerar-se o patrimônio quanto ao considerar-se o desenvolvimento socioeconômico por ele possibilitado através do turismo.

Adicionalmente ao valor que a festa da cana dá para a cidade e suas cachaças o poder público municipal tem tentado explorar a ideia de que Presidente Bernardes seria o berço da cachaça mineira. Com esse chamativo a campanha parece supor que as primeiras cachaças de Minas Gerais tivessem sido produzidas em Presidente Bernardes. Esta suposição é merecidamente contestada por populares, especialmente os de outras cidades que também buscam esta identificação de originalidade com a cachaça mineira.

Esta busca de identificação pelas autoridades bernardenses com a origem da cachaça mineira pode ser encontra em cartazes usados pela prefeitura em diversos eventos como este da figura 5 a seguir, observado na Festa da Cana e Festival da Cachaça de Presidente Bernardes em 2019:

Figura 5 – Cartaz Festa da Cana e Festival da Cachaça 2019



Fonte: arquivo pessoal

De fato, ainda que fosse possível comprovar a produção da cachaça em Presidente Bernardes já na década de 1740 pela Fazenda Bananeiras como se supõe, isso não significaria que a produção da cachaça mineira tenha se iniciado em Presidente Bernardes.

Estudos como o de Mário Souto Maior¹⁷¹ colheram relatos no Arquivo Público Mineiro de que o médico Luis Gomes Ferreira já estaria receitando aguardente em Sabará quando vinha da Bahia entre 1707 e 1710. Este levantamento já faz com que reconheça-se que a cachaça mineira não teria realmente nascido em Presidente Bernardes, uma vez que o início da colonização branca na localidade do município se deu a partir das primeiras décadas do século XVIII.

Por outro lado a expressão “berço da cachaça mineira” não precisa ser interpretada apenas no sentido figurativo, que assim seria o local de nascimento. A palavra berço também tem o significado literal em torno de uma pequena cama para crianças de colo, a que por vezes se pode imprimir movimento de embalo, onde a criança começa a aprender a ficar de pé sozinho.

Berço não é unicamente lugar de nascer. Este seria uma maternidade de um hospital. Berço é o lugar onde a criança predominantemente fica na sua primeira infância. Assim admite-se que o então povoado e arraial de Calambau e depois o município de Presidente Bernardes, sim, embalou a cachaça mineira em importantes períodos das Minas Gerais até os dias atuais.

Neste sentido pode-se responder afirmativamente à questão deste subtítulo com a interpretação publicitária permitida à cidade se assim desejar, bem como com os dados sobre as cachaças calambauenses e bernardenses aqui levantados.

2.4. Cachaça, cidade e identidade

As reflexões sobre as cachaças de Presidente Bernardes enquanto patrimônio cultural e sua influência para o desenvolvimento socioeconômico não

¹⁷¹ SOUTO MAIOR, Mário. **Cachaça**: história, humor, medicina empírica, proibições. Rio de Janeiro : Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71

poderia deixar de analisar a existência de algum sentimento de identidade deste bem cultural pelos seus moradores.

Neste sentido foram aplicados questionários entre os dias 02 e 11 de outubro de 2019, a maioria tratando-se de questões fechadas, algumas com escolha única entre múltiplas opções e outras com opção de uma ou mais escolhas, e outra questão com possibilidade de considerações livres pelos respondentes. Embora a aplicação do questionário todo para coleta de considerações livres poderia reduzir ainda mais o risco de resultados tendenciosos, esta forma de questionário aberto não foi possível neste momento após constatar em *feedback* em fase de teste do questionário pretendido constatar dificuldades de respostas pelos participantes, que sugeriram a abertura de opções de múltipla escolha. Os questionários foram aplicados por meio eletrônico com a ferramenta *Google Docs*, e junto a participantes abordados presencialmente na cidade neste período, totalizando 16 participações. Entre os participantes que contribuíram, 13 se apresentaram como sendo moradores da cidade e 3 como ex-moradores que ainda frequentam o local.

O total de participações obtido foi influenciado pela limitação de prazo para que os dados fossem analisados e não foi usado um método precisamente estatístico para definição de uma amostra adequada que resultasse em 16 (dezesseis) questionários. Todavia considerou-se a quantidade suficiente uma vez que, seguindo a consideração de Hermano Roberto Thiry-Cherques,¹⁷² observou-se que neste quantitativo já se obtivera a chamada *saturação em pesquisa qualitativa* segundo a qual, entre a oitava e décima quinta participação passaria a ocorrer grande similaridade entre as respostas que provavelmente seguiria mesmo para uma amostra maior, sem grandes contribuições qualitativas adicionais.

Ao terem questionadas suas opiniões sobre a melhor definição para cidade, podendo os respondentes escolher uma ou mais opções, em primeiro lugar ficou “suas cachaças”, com 56,3% dos respondentes, seguido bem próximo da “sua história e estórias” (50,0%). “Paisagens naturais”, “Arquitetura” e “Família” foram

¹⁷² THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. Revista PMKT, São Paulo, n.3, p. 20-27, 2009.

menos citadas como definições para a cidade, sendo 31,3% das vezes para as duas primeiras opções e 6,3% para a terceira opção.

Outro dado importante para o trabalho obtido a partir dos questionários é de que os bernardenses têm consciência de que seus visitantes identificam a cidade principalmente pela “festa da cachaça” (87,5%). De fato o festival é uns dos mais antigos e tradicionais do estado de Minas Gerais, conforme demonstrado, atraindo milhares de visitantes anualmente. Em segundo lugar (43,8%) os participantes opinaram que a “arquitetura da igreja e casarões” são definições da cidade para os visitantes. Em menores percentuais de opinião também opinaram ser a cidade definida por seus “alambiques e fazendas” e “florestas e cachoeiras” (18,8% ambas) e “sua história e estórias” (12,2%).

As informações obtidas nestas duas questões indicam que a população valoriza e se identifica mais aberta ao patrimônio imaterial da cidade, ou seja, a tradição de fazer cachaça, bem como a história e a cultura da cidade. Por outro lado percebem que os poderes públicos e os visitantes da cidade buscam identificar a cidade mais pelo seu patrimônio material, ou seja, as edificações da praça central e a cachaça como produto comercial. Isso merece atenção especial ao se definir políticas patrimoniais que sejam capazes de conciliar estas variadas visões sobre a cidade. De modo especial, o turismo deve atentar-se para um meio termo entre a exploração e preservação do variado patrimônio da cidade.

Quase todos os participantes (93,8%) consideram as cachaças e alambiques da cidade importantes para o desenvolvimento social e econômico local. E a maioria avaliou com nota 7 (18,8%) ou 10 (18,8%) a capacidade da cidade em atrair e bem atender os visitantes, bem como considerou as políticas de recepção de visitantes na cidade como importante (68,8%) ou muito importante (18,8%). Quase todos (87,5%) também consideraram ser interessante para si e para seus parentes e amigos, um passeio turístico envolvendo a cidade e seus alambiques.

Quanto às considerações livres que foram feitas pelos participantes do questionário destacam-se algumas que consideraram estar acabando os alambiques e as plantações de cana. Alguns acreditam estar havendo uma mutação da atividade para outras como a pecuária leiteira e seus derivados. “Que bom que vão surgindo

outros produtos como o queijo e suas variações”, esta foi a exclamação de uma das participantes após o lamento.

Outro participante afirmou que apesar da festa tradicional da cachaça, ainda faltaria “resgatar essa memória” sugerindo um “museu da cachaça”, contando “para os jovens sobre equipamentos utilizados, rodas, forma de transporte, etc”.

A consideração de outro participante da coleta de dados pelo questionário é relatada a seguir, da forma completa como foi apresentada por representar bem a compilação dos dados obtidos:

Acredito que a cidade de Presidente Bernardes (ou Calambau, se assim preferir) tem um enorme potencial cultural. É uma cidade que possui uma história rica e que é pouco conhecida, até mesmo pelos moradores. A grande maioria da população não (re)conhece sua própria história. É necessário que se desenvolva pesquisas no que se refere à preservação, ambiental e cultural; de reconhecimento cultural e histórico; de desenvolvimento econômico e populacional. Ações que desenvolvam a cidade economicamente, mas principalmente, que desenvolvam a capacidade da população em conhecer e preservar a sua história. Estamos vivendo em um tempo tão complexo e sombrio, que há uma grande necessidade em levarmos as pessoas a conhecerem a sua história, a sua cultura. Uma sociedade que não conhece a sua história não consegue construir o seu futuro.

Neste sentido, uma observação que foi possível fazer ainda sobre a cidade e suas cachaças é que, até mesmo para a população de lá, especialmente a população rural, ainda há um desafio muito grande relacionado à educação patrimonial e ao sentimento de pertencimento à cultura bernardense. Este desafio é consequência da forte distância entre os munícipes, seja ela geográfica ou por motivações políticas, como já relatado neste trabalho. Para exemplificar cita-se que, durante a fase de testes antes da aplicação do questionário verificou-se que um dos respondentes, sendo conhecido que este nascera e crescera no distrito rural de Cruzes, respondeu que conhecia a cidade de Presidente Bernardes apenas por tê-la visitado. A partir desta resposta equivocada concluiu-se que a questão precisava ser revista, pois algumas pessoas não conseguiam identificar a cidade como Presidente Bernardes, pois está já tivera o nome de Calambau. Ademais, algumas pessoas da zona rural, especialmente as localizadas mais próximas das divisas com outras cidades, também tinham dúvidas sobre a qual cidade o lugarejo realmente pertencia.

Estes dados levantados nos levam a afirmar que também em Presidente Bernardes há uma forte identificação da população com suas cachaças e também com sua história. Essa identidade sugere grande adesão dos bernardenses às políticas de valorização, proteção e divulgação de seu patrimônio. Destaca-se ainda que este trabalho junto ao patrimônio da cidade é muito importante para que a cidade também alcance novos horizontes no desenvolvimento social e econômico.

Assim, o turismo surge como uma importante ferramenta capaz de unir a preservação patrimonial em Presidente Bernardes e uma melhoria de vida para a população, por meio da geração de emprego, atração de outras culturas e técnicas econômicas, etc. Essa ferramenta será discutida no próximo capítulo.

Capítulo 3

Cachaça: de produto comercial a experiência social e desenvolvimento

A produção da cachaça em Presidente Bernardes é uma antiga tradição, a destacar a considerável quantidade de produtores de cachaça na cidade. Conforme estudos já apresentados, em 2010 o município contava com 16 (dezesesseis) marcas de cachaça em produção, tendo este número já elevado para 24 (vinte e quatro) em levantamento de 2018. Outro exemplo desta marcante tradição a reiterar é a realização anual, desde 1984, do *“Festival da Cachaça de Presidente Bernardes e a Festa da Cana”*.

Por outro lado, reflete-se que o desenvolvimento socioeconômico do município parece não acompanhar o demonstrado valor patrimonial da cachaça. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁷³ mostram que o município se encontra apenas na 644ª posição no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano de 2010 (IDH igual a 0,632) entre as cidades mineiras. A Produção Agrícola Municipal (Lavoura Temporária) em 2015 contou com a participação da cana-de-açúcar em aproximadamente 29% (vinte e nove por cento) da produção total do município.

O salário médio dos bernardenses, ainda conforme dados do IBGE, é de 1,5 salários mínimos, sugerindo ainda uma má distribuição da renda uma vez que quase a metade da população vive com menos de meio salário mínimo e o PIB per capita é de R\$ 8.454,24. A estatística da população ocupada também é preocupante considerando que apenas 497 pessoas se encontravam ocupadas quando do último levantamento do IBGE, o que corresponde a menos de 10% da população total que foi estimada em 2018 em 5.398 pessoas. Embora o número de estabelecimentos de ensino fundamental seja apenas 11 (onze) e de ensino médio apenas 01 (uma) escola, os índices relacionados à eficiência da educação no município, como o IDEB e a taxa de escolarização, ainda o deixa em posições relativamente boas comparado ao total dos municípios no país, no estado e na microrregião. Ainda com base no

¹⁷³ IBGE. **Produção Agrícola Municipal 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em www.ibge.gov.br/

censo realizado pelo IBGE em 2010, a situação domiciliar da população residente é predominantemente rural, num total de 3.895 pessoas para apenas 1.642 pessoas em domicílio urbano.¹⁷⁴

Esses dados apontam para o baixo desenvolvimento sócio econômico da cidade. Uma das principais consequências desse baixo desenvolvimento é o grande volume de migração para outras cidades da região como Ubá e Viçosa, como para outros estados como São Paulo principalmente. Essas migrações ocorrem principalmente entre os jovens que concluem o Ensino Médio ou mesmo antes da conclusão quando da necessidade de busca por emprego ou ainda pela distância entre a única escola de Ensino Médio e a maioria das localidades da zona rural que podem chegar a até 18 (dezoito) quilômetros. Em conversas informais com a população rural foi informado que este problema atualmente é amenizado pela prefeitura municipal com a disponibilização de transporte escolar mais abrangente aos estudantes da zona rural. Até mesmo os estudantes bernardenses matriculados em cursos superiores na cidade de Viçosa são atendidos pelo transporte escolar, sendo que os alunos da UFV são atendidos para ida no início da semana e para retornar ao fim de semana, enquanto os alunos da UNIVIÇOSA são transportados ida e volta diariamente para seus cursos noturnos. Outra triste consequência desta realidade do município é o crescimento da criminalidade, causada também pelo baixo efetivo policial para atender a cidade e sua extensa zona rural, como apontam algumas autoridades públicas.¹⁷⁵

Dessa forma os estudos patrimoniais, especialmente ao que se refere à produção artesanal de cachaça em Presidente Bernardes nos leva a seguinte questão: Seria possível alavancar índices econômicos e sociais por meio da reflexão, divulgação e representação dos bens culturais relacionados à tradicional produção de cachaça?

O sentimento de identidade dos munícipes para com a tradição da produção de cachaça tem o potencial de valorizar tal bem cultural, tanto em termos de

¹⁷⁴ IBGE. **ibidem**

¹⁷⁵ PRESIDENTE BERNARDES. **Aumento do efetivo da PM em Presidente Bernardes é defendido.** Notícia 24/05/2018 disponível em <http://presidentebernardes.mg.gov.br/home/index.php/blog2/237-aumento-do-efetivo-da-pm-em-presidente-bernardes-e-defendido>. Acesso em 08/04/2019

memória quanto em termos monetários, ao passo que permite a salvaguarda quase automática desse patrimônio.¹⁷⁶

Uma das consequências da valorização cultural, ao destacar o sentimento de identidade da comunidade para com a produção artesanal da cachaça, conforme também apontaram estudos do SEBRAE, seria a possibilidade da exploração cultural e econômica do patrimônio como alternativa para o desenvolvimento da região através do turismo com a utilização dos espaços de produção e comercialização da cachaça. Essa exploração turística se mostra promissora com o crescente desenvolvimento das práticas de Turismo Rural no Brasil.¹⁷⁷

Soma-se às justificativas para este trabalho a consideração também de Hugues de Varine¹⁷⁸ de que os componentes patrimoniais são essenciais para o progresso econômico e social de longo prazo. Para o autor é

evidente que a educação patrimonial e o uso de recursos do patrimônio cultural, a memória individual e coletiva, tradições imateriais, paisagem e meio ambiente, constituem claramente uma plataforma de conhecimento, de sabedorias, de iniciativas locais, de fortalecimento da identidade, da comunidade e da autoestima. E é capaz de assegurar a participação democrática das comunidades no desenvolvimento dos territórios, sobretudo em áreas geralmente consideradas como desfavorecidas ou marginais em relação aos centros de poder e de economia (p. 32).

Neste sentido, este capítulo busca refletir as formas de salvaguarda do patrimônio cultural relacionado à cachaça e sua influência e potencialidades deste patrimônio para a comunidade em termos de desenvolvimento por meio de empregos, infraestrutura, saneamento, etc. Para tanto foram analisadas ações já em curso em algumas cidades produtoras de cachaça e também cidades que exploram o enoturismo, atividades consideradas parecidas. De acordo com Vander Valduga “termo *enoturismo* é resultado da união de *eno* e *turismo*, sendo que *eno* deriva do grego *oînos* e significa vinho”, implicando em visitas a vinhedos e vinícolas,

¹⁷⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. **Op. cit.** p. 16. p. 109.

¹⁷⁷ SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cachaça artesanal**: série de estudos mercadológicos. SEBRAE: 2012.

¹⁷⁸ VARINE, Hugues de. O patrimônio brasileiro está bem vivo. Um testemunho subjetivo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 38, p. 25-33, 2018. p. 32.

participação em festivais de vinhos e a vivência prática das características de uma região de uvas e vinhos.¹⁷⁹

A ênfase ao exemplo da cidade de Paraty, no Rio de Janeiro, se deve ao seu notável sucesso na exploração da visitação em alambiques e no festival da cachaça, merecendo atenção ao se tratar o caso de Presidente Bernardes (Minas Gerais).

Além da pesquisa bibliográfica a fim de investigação de possibilidade de assemelhar o sucesso de outros municípios, também foram realizadas entrevistas para levantamento de opinião de turistas e prováveis públicos de interesse no atrativo cultural da cachaça na região.

3.1. Exemplos de sucesso na exploração turística da cachaça

Algumas cidades brasileiras como, já citado, se destacam na otimização da exploração do potencial da cachaça enquanto patrimônio cultural e motor para o desenvolvimento. A cidade de Paraty, localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, foi escolhida nesta parte do trabalho para que se compare sua relação e ações sobre a cachaça com as existentes e as pretendidas para Presidente Bernardes. A escolha se deve por fatores geográficos e outras oportunidades que possibilitaram a verificação bibliográfica bem como visitas em loco. As gritantes diferenças entre as duas cidades enquanto destinos turísticos foram consideradas, sendo que as cachaças de Paraty se valem de atrativos e equipamentos turísticos incomparáveis que vão muito além de suas cachaças, tais sejam as praias e cachoeiras, história e relevância nacional. Todo o diferencial cultural que a cidade de Paraty possui se configura em uma agregação de valor para suas cachaças.

Embora muitos índices socioeconômicos de Paraty não sejam favoráveis exclusivamente por causa de seu turismo de cachaça, o desenvolvimento da cidade pode ser colocado como meta para outras cidades como Presidente Bernardes, pois trata-se de exemplo de sucesso da inserção do patrimônio em narrativas do

¹⁷⁹ VALDUGA, Vander. O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos (RS/Brasil). **CULTUR**, ano 06 - no 02 – Jun/2012.

presente, da exploração e uso social do patrimônio, o que leva a sua proteção praticamente automática.

Assim, Paraty ocupa posições favoráveis quanto ao salário médio mensal dos trabalhadores, que é de dois salários mínimos, com um percentual de 21,8% de pessoas ocupadas e apenas 32,1% da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo.¹⁸⁰

Além de Paraty ter tido grande relevância no período da colonização brasileira e da exploração aurífera, seu vantajoso progresso social e econômico atual se deve também a forte valorização do seu patrimônio tanto cultural quanto aquele dito natural. A cidade é banhada pelo oceano Atlântico e possui elevada quantidade de ilhas, algumas ainda selvagens, que formam a baía de Paraty. A cidade possui ainda cachoeiras e montanhas de mata atlântica preservada assim como seu centro histórico, sendo a cidade um patrimônio protegido pelo IPHAN e recebendo regularmente turistas de várias regiões do Brasil e do mundo.¹⁸¹

Alessandra Trindade¹⁸² narra que na cidade de Paraty funcionava importante porto para a escoação do ouro que vinha das Minas Gerais pela Estrada Real. Também por este porto aconteceu o desembarque de escravos vindos do continente africano, muitas vezes permutados pela cachaça produzida no Brasil, especialmente em Paraty, que já chegou a possuir aproximadamente 200 alambiques produzindo cachaça para consumo interno e internacional.¹⁸³

A expressão cultural da cachaça no município de Paraty é tão marcante que o nome da bebida e o nome da cidade chegaram a ser tratados como sinônimos, como encontrado em Luiz Felipe de Alencastro, por exemplo.¹⁸⁴

Com o passar dos anos, houve a substituição do caminho antigo da Estrada Real pelo chamado Caminho Novo na década de 1770. Este caminho ligava as cidades mineiras diretamente ao porto da cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de reduzir custos e evitar saques de carga que se tornavam comuns em

¹⁸⁰ *ibidem*

¹⁸¹ DIAS, Nathália Caroline. **op. cit.** p. 33.

¹⁸² TRINDADE, Alessandra Garcia. **Cachaça, um amor brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

¹⁸³ *ibidem*

¹⁸⁴ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**. Formação do Brasil no Atlântico Sul – Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 313.

emboscadas no caminho velho. Entretanto esta substituição de caminho, somada ao fim do tráfico de escravizados vindos da África, teve outra consequência: os negócios deixaram de fluir em Paraty.¹⁸⁵

O período apontado como declínio de Paraty enquanto expressão nacional da cachaça e desenvolvimento, tal seja a abertura do Caminho Novo, coincide com o período em que Presidente Bernardes teria iniciado sua ascensão na exploração da cachaça, como discutido no capítulo anterior.

Nathália Dias narra que a cidade ficou praticamente esquecida, com uma economia basicamente baseada na cachaça e pequenas produções agrícolas, até ser redescoberta como destino turístico na década de 1970 com a construção da rodovia BR 101, também conhecida como “Rio – Santos”, por ligar estas duas cidades pelo litoral, tornando novamente a cidade de Paraty um destino acessível e até convencional para os viajantes. Entretanto a quantidade de alambiques produzindo cachaça na cidade diminuiu para apenas seis: Maria Izabel, Paratiana, Corisco, Pedra Branca, Coqueiro e Engenho D’Ouro.¹⁸⁶

Essa quantidade atual de alambiques representa uma diminuição expressiva da produção de cachaça em Paraty tanto ao considerar a produção em séculos passados quanto ao considerar a produção em outras regiões e estados.

A ilustração a seguir elaborada pelo site Mapa da Cachaça com base nos dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento mostra a localização de marcas de cachaça no mapa do Brasil destacando a quantidade existente em cada estado da federação. A quantidade de marcas atualmente em Paraty é pequena em comparação com cidades mineiras que lideram isoladamente a soma com 1587 marcas, destacando-se que a cidade estudada de Presidente Bernardes conta com 24 marcas. Além disso, a representação da quantidade de marcas

¹⁸⁵ MARQUES, Camila Moraes. **À margem da economia:** Cachaça e protocampesinato negro no litoral sul Fluminense (1800-1888). Dissertação (Mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

¹⁸⁶ DIAS, Nathália Caroline. **op. cit.** p. 33.

paratienses é pequena até mesmo para seu próprio estado que conta com 244 marcas de acordo com o levantamento.¹⁸⁷

Por outro lado, embora a produção de cachaça e a quantidade de alambiques não sejam tão expressivas nacionalmente como em séculos anteriores, a identidade e valor patrimonial para com a cachaça é um dos mais relevantes do país. Aparentemente, em um primeiro momento, os resultados da cachaça como atrativo turístico em Paraty se deve aos seus atrativos naturais. Todavia a cidade possui forte apego em atrativos culturais que levam seu patrimônio a ser preservado tanto pela educação patrimonial, quanto pelo tombamento e pela atividade empresarial. As considerações de Néstor Canclini¹⁸⁸ sobre os espaços de disputas sociais, econômica, política e simbólica entre ações do setor privado, Estado e movimentos sociais nos quais se inserem o patrimônio, também são nitidamente verificadas ao analisar o caso do patrimônio cultural relacionado às cachaças tanto de Presidente Bernardes como de Paraty. De fato, “o patrimônio cultural expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social”.¹⁸⁹

Como resultado da gestão patrimonial em Paraty destaca-se o potencial de preservação e desenvolvimento econômico e social pelo patrimônio. Neste sentido Regina Abreu¹⁹⁰ aponta o patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade e garantia de desenvolvimento sustentável, sobretudo por meio da patrimonialização das diferenças, que vem a ser a necessidade de preservar, dar atenção ao singular, ao específico, diante da homogeneização do capitalismo global. Conforme já discutido no Capítulo 1, a produção em massa proposta pela globalização tende a padronizar universalmente os bens e serviços, tornando reduzida sua vida útil conforme desenvolvimento de novos métodos e redução de custos. Todavia, conforme destaca Regina Abreu, quando os bens culturais ganham um valor

¹⁸⁷ MAPA DA CACHAÇA. **Marcas de Cachaça no Brasil**. Publicado em 09/09/2013. Disponível em: <http://www.mapadacachaca.com.br/infograficos/marcas-cachaca-brasil/>. Acesso em 10/04/2018

¹⁸⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. **Op. cit.** p. 16.

¹⁸⁹ Ibidem. p. 96

¹⁹⁰ ABREU, Regina. **op. cit.** p 28.

simbólico, uma ressignificação, eles não saem de circulação, não perdem seu uso.¹⁹¹

A gestão patrimonial em Paraty nos parece que de alguma forma tem conseguido efetividade nesta valorização simbólica da cachaça. Este pesquisador teve a oportunidade de visitar a cidade no mês de Janeiro de 2019 e pôde observar de perto como a cachaça se inscreve em um projeto de presente do município, dando-lhe forte carga identitária. A cidade consegue associar esse bem cultural a importantes narrativas culturais do país, como a escravidão, as narrativas sobre ordens religiosas secretas que teriam existido na cidade no período colonial, sobre os bandeirantes que exploravam a Estrada Real. A cachaça também é associada aos atrativos naturais em si, como cachoeiras, montanhas, sendo comercializados passeios turísticos em veículos traçados com paradas em cachoeiras e alambiques da cidade.

Ademais, na visita realizada foi observado que um dos principais apelos de valorização do patrimônio cultural da cachaça em Paraty está vinculado ao fato de a cidade teve de servir de cenário para a gravação da telenovela “Gabriela”, pela Rede Globo, em seu centro histórico. Esse evento cultural foi tão significativo para a cidade que lá é muito comum a comercialização de uma bebida chamada de Gabriela. Alguns moradores e vendedores consideram a Gabriela de Paraty como uma cachaça, mas certo é que a mesma se trata de uma mistura de aguardente de cana, cravo e canela. Além da Gabriela também é muito famoso na cidade o drink produzido com essa bebida, o qual foi batizado de “Jorge Amado”, também em homenagem ao escritor e sua obra “Gabriela, cravo e canela”, na qual em mais de trinta momentos a palavra cachaça é citada.¹⁹²

Em uma breve visita realizada no dia 15 de janeiro de 2019 ao Alambique Engenho D'Ouro, em Paraty, usando o método da observação pôde-se verificar a valorização que a cidade faz ao produto cultural da cachaça. Embora percebido que boa parte dos visitantes do alambique o fazem apenas como complemento ao objetivo de visitar as cachoeiras, como a do Tarzan que se localiza próxima ao Engenho D'Ouro, as visitas, que chegam a ser ainda mais rápidas durando em torno

¹⁹¹ ibidem

¹⁹² AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

de 10 minutos quando feita pelo turista nestes veículos traçados, pelos chamados JeepTours, fazem do alambique um lugar de memória e tornam possível proteger este patrimônio cultural imaterial. Como a visita do pesquisador foi feita de forma independente, pôde-se ouvir das funcionárias a explicação do processo de fabricação, conhecer a casa de farinha e outras instalações que complementam o patrimônio cultural da cachaça. Foi permitido também degustar o quanto possível das diversas cachaças e bebidas ali produzidas e também adquirir quantas possível, podendo o visitante dispendir a partir de dez reais por uma pequenina garrafa contendo apenas cem mililitros da Gabriela.

O valor pelo qual são comercializadas as cachaças na cidade, em casas especializadas, bares e restaurantes chega a ser ainda maior proporcionalmente, o que nos leva a outra questão: embora haja pequenas variações no processo de fabricação e sabor, o que faz as cachaças de Paraty serem vendidas por preços a partir de dez reais por cem mililitros enquanto as cachaças de Presidente Bernardes atualmente podem ser adquiridas em torno de dez reais por embalagem de dois litros? Certamente a valorização do patrimônio cultural, além de ter como consequência a preservação pela comunidade, ainda contribui para o seu desenvolvimento, ou seja, o próprio patrimônio se reescreve e se mantém vivo.

Neste sentido Richard Sennet¹⁹³ explica que na cultura do novo capitalismo a aparência e a diferenciação se colocam acima da utilidade e da posse. Neste caminho também Françoise Choay¹⁹⁴ desenvolve o conceito dos recursos de embalagens com a diferenciação causando o interesse. Essas considerações corroboram uma explicação de que o valor patrimonial da cachaça de Paraty e sua preservação autossustentada financeiramente por meio do turismo cultural é uma via de mão dupla, conforme resultados da pesquisa realizada por Helen de Alvarenga¹⁹⁵ e outras realizadas pelo Mapa da Cachaça, todas demonstrando grande potencial da cachaça como atrativo turístico.

¹⁹³ SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução: Clóvis Marques. São Paulo: Editora Record, 2006.

¹⁹⁴ CHOAY, Françoise. **Op. cit. p. 45.**

¹⁹⁵ ALVARENGA, Helen Pereira. **A cachaça como atrativo turístico em Paraty (RJ)**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2016.

Resguardados os perigos dos efeitos perversos descritos por Françoise Choay¹⁹⁶, a cachaça de Presidente Bernardes possui um forte potencial para o desenvolvimento apoiado na valorização e ressignificação de seu patrimônio. Este potencial será discutido logo após a breve revisão sobre o caso do enoturismo no Vale dos Vinhedos, que também é um exemplo de grande valia para o caso de Presidente Bernardes e que, diferente do turismo de cachaça, já possui uma ampla bibliografia a respeito.

3.2. O enoturismo e o turismo de cachaça

A expressão *turismo de cachaça* aqui usada é um exemplo da carência de estudos a respeito da exploração da cachaça como atrativo turístico. Enquanto o *enoturismo* se refere ao turismo relacionado ao vinho, não encontrou-se na literatura pesquisada uma palavra que igualmente pudesse resumir a atividade para a cachaça. Dessa forma, neste item do trabalho, abordou-se a bibliografia existente quanto às duas bebidas e teceram-se comparações e distinções para o tratamento turístico das mesmas.

O vinho é uma bebida alcoólica destilada da qual o processo de fabricação e também seu papel identitário e como patrimônio cultural se assemelha em muitos pontos com o da cachaça. A produção do vinho e seu consumo é uma antiga tradição mundial há milhares de anos e, como demonstrado no primeiro capítulo, o vinho é a bebida alcoólica mais citada em músicas no Brasil.

Todavia, nesta seção do trabalho buscou-se comparar, pelo exemplo do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, o patrimônio cultural existente em torno do vinho e em torno da cachaça. Isto porque, conforme já discutido, além das referências culturais existentes ainda hoje nas músicas, por exemplo, as duas bebidas ainda podem ser consideradas rivais na cultura popular brasileira, embora não tanto quanto à época da descoberta da cachaça no Brasil e de tentativas da coroa portuguesa de proibir esta em favor do vinho português.

Atualmente nota-se que a cachaça ainda busca transpassar enormes barreiras sociais já transpassadas por outras bebidas, em especial o vinho.

¹⁹⁶ CHOAY, Françoise. **Op. cit. p. 45.**

Ao narrar os costumes e regras de etiqueta, Câmara Cascudo¹⁹⁷ aponta que

a cachaça, nascida possivelmente no séc. XV, sem nobreza, acesso palaciano, intimidade com gênios literários e musicais, teve seu ingresso vedado pela etiqueta às residências de espanto e bares de “Grande Hotel”, *recomendado ao turismo*. Ninguém imagina uma *cachaça de honra...*”

De acordo com Câmara Cascudo,¹⁹⁸ à cachaça falta o prestígio de associação às glórias, valores, orgulhos coletivos. Para ele o Whisky tem seu valor associado também a Winston Churchill, a vodka aos grãos-duques e Stalin, o absinto a Verlaine, qualquer vinho europeu à primeira classe, com uma história, com vaidade. Por sua vez, ainda ressaltava Câmara Cascudo que “a cachaça só pode contar anedotas de embriagues banal, nauseada e sem vôo”.¹⁹⁹

Vale destacar que no exemplo do vinho, seu valor patrimonial se deve também, e talvez principalmente, a religiosidade que a envolve, especialmente a religião cristã, na qual a bebida participa diariamente do rito eucarístico no mundo todo, desde o início do cristianismo, com o mistério da transubstanciação no qual o pão e o vinho se tornam o corpo e o sangue de Jesus Cristo.²⁰⁰

A referência da cachaça, por sua vez, é também marcante em religiões de matrizes africanas como apresentado pelo documentário “Estrada Real da Cachaça”.²⁰¹ Isso porque a história da bebida, como já discutido, é muito próxima à história e resistência dos africanos escravizados no Brasil. Ainda é comum o hábito de bebedores de cachaça seguirem um ritual de oferecer “um gole para o santo”, além de outros hábitos, ditados populares e formas de brindar que fazem referência às religiões africanas.

De toda forma as referências religiosas existentes tanto quanto ao vinho quanto à cachaça são importantes para a formação das memórias por meio da

¹⁹⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. **Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil**. Natal: Coleção Canavieira, 1967. p. 86.

¹⁹⁸ ibidem

¹⁹⁹ Ibidem. p. 87.

²⁰⁰ SCHÜLER, Arnaldo. **Dicionário enciclopédico de teologia**. Canoas: ULBRA, 2002.

²⁰¹ ESTRADA Real da cachaça. Produção de Tarcísio Vidigal, Lucia Fares, Pedro Urano. Roteiro, direção, fotografia e câmera de Pedro Urano. Gênero documentário, 98 min.. Brasil: Grupo Novo de Cinema e TV, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFYJnGosJxg>. Acesso em 16 de abril de 2019.

assimilação. Neste sentido Joel Candau²⁰² cita como categorias organizadoras da memória as doutrinas, os contos, os relatos, os mitos, e que estas categorias são mais efetivas em escolas, igrejas, Estado, família. Poderia ser incluído neste rol de locais atualmente também o cinema e as artes em geral, além da exploração turística como uma via de mão dupla para a valorização patrimonial e identitária, de forma a não petrificá-las, mas pelo compartilhamento da memória com a repetição de um saber menos mecanicamente.

Vander Valduga²⁰³ cita que a cultura do vinho foi mais difundida mundialmente a partir das grandes navegações e, “no Renascimento, o *grand tour* e o *petit tour* favoreceram o desejo das pessoas de explorarem e descobrirem mais a respeito de outros povos, culturas e regiões produtoras de vinhos”. Segundo ele foi neste período que surgiram as primeiras certificações de origens para vinhos, as quais buscavam proteção aos produtos de determinadas localidades quanto à sua qualidade e imagem, como ocorreu no Vale dos Vinhedos na década de 1970, sendo a primeira região brasileira a receber a certificação do vinho.

O Vale dos Vinhedos é uma região localizada na chamada Serra Gaúcha, envolvendo os municípios de Monte Belo do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. A sua colonização europeia iniciou-se em 1875 pelos italianos e, aproximadamente um século mais tarde, surgiam os primeiros indícios do enoturismo na região com a produção de vinhos finos e sua comercialização nas próprias vinícolas familiares.²⁰⁴

De acordo com Vander Valduga,²⁰⁵ o enoturismo na região do Vale dos Vinhedos passou por três fases até chegar ao que é conhecido atualmente. A primeira fase compreende os anos de 1930 a 1970 e é chamada fase embrionária. Em seguida ocorreu a chamada fase de crescimento. A partir de 1995, com a união de seis vinícolas familiares e fundação da Associação de Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), iniciou-se o terceiro momento chamado fase de consolidação. Esta associação buscava qualificar os produtos vinícolas e derivados e estimular a promoção do potencial turístico da região. Atualmente a

²⁰² CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

²⁰³ VALDUGA, Vander. **Op. cit.** p. 99.

²⁰⁴ *ibidem*

²⁰⁵ *ibidem*

associação conta com trinta e uma vinícolas e também integra restaurantes, artesanato, hotéis, centro comercial, capelas e outras religiosidades, recebendo centenas de milhares de visitantes anualmente e se tornando o principal destino enoturístico brasileiro.²⁰⁶

O Vale dos Vinhedos recebeu Indicação de Procedência (IPVV) no ano de 2001, pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), e deu início a outros processos de certificação de Indicações Geográficas como o *Café do Serrado*, em Minas Gerais, a *Carne do Pampa Gaúcho* e o *Vale dos Sinos* (couro acabado), ambas no Rio Grande do Sul, o *Vale do Submédio São Francisco* (uvas de mesa e mangas), além da já citada *Cachaça de Paraty*, no Rio de Janeiro.

De acordo com Aristides Pacheco e Siwla Silva,²⁰⁷ o enoturismo, como o explorado no Vale do Vinhedo, oferta uma possibilidade de fuga do cotidiano para se conhecer aspectos ou mesmo uma determinada região vinícola. Eles apontam que em alguns países europeus os roteiros relacionados com o vinho não são menos procurados que os museus e monumentos, sendo uma oportunidade para os pequenos negócios e também uma oportunidade de educar o consumidor. Também são exemplos do enoturismo no mundo, o californiano Napa Valley, nos Estados Unidos, a cidade de Mendoza, na Argentina, várias regiões na França, como a Alsácia e a Borgonha e mais noventa e oito rotas de vinho na Itália.

Pesquisas, como a de Vander Valduga²⁰⁸ para o caso do Vale dos Vinhedos, mostraram que o enoturismo foi essencial para o desenvolvimento econômico e social da comunidade nele envolvida.

O turismo de cachaça, assim como o enoturismo, se baseia no trabalho produtivo e no modo de vida cultural ao mesmo tempo, tendo o potencial de mudar uma região e ser sustentado por essa mudança. As mudanças vantajosas estão na maior exposição do produto, fidelização, maior margem de lucro, avaliação constante dos visitantes, educação patrimonial e consequente valorização da tradição. Por outro lado, as desvantagens com o enoturismo, possivelmente também

²⁰⁶ *ibidem*

²⁰⁷ PACHECO, Aristides de Oliveira. SILVA, Siwla Helena. **Iniciação à enologia**. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: São Paulo Editora, 2001.

²⁰⁸ VALDUGA, Vander. **Op. cit.** p. 99.

com o turismo de cachaça, estão na necessidade de maior dispêndio financeiro e de tempo pelos produtores para atender os visitantes, especulação imobiliária, poluição visual e sonora, degradação ambiental.

De qualquer forma, o turismo permite o entendimento de narrativas sobre determinado patrimônio, seja aquele ligado a cachaça ou ao vinho, dimensionando a cultura e sintetizando-a em um produto de consumo tal como o roteiro.

Antônio Augusto Arantes,²⁰⁹ ao analisar a exploração turística no extremo sul da Bahia, aponta que o turismo naquela região surgiu como alternativa econômica após a queda da cultura do cacau ao mesmo tempo em que possibilitou oferecer o lugar como testemunha do episódio do descobrimento do Brasil.

Todavia as atividades pró-turismo precisam ser trabalhadas com o devido planejamento para evitar as consequências negativas. Entre estas consequências Arantes argumenta que o turismo tende a provocar o apagamento de localidades sem atrativos ou que tenham um efeito negativo, causando exclusão social, degradação do patrimônio e também o desencaixe dos modos de vida e práticas locais.²¹⁰ Assim, a posição ideal para o enoturismo ou o turismo de cachaça é um equilíbrio econômico e antropológico. Lorena Querol²¹¹ aponta que em um sistema coletivo de significado social partilhado, sob o ponto de vista da diversidade cultural, a comunidade é o principal foco, equilibrando necessariamente a preservação patrimonial e o desenvolvimento social.

Por fim, antes de analisar diretamente as potencialidades turísticas relacionadas à cachaça de Presidente Bernardes aos moldes do enoturismo, vale reiterar a consideração de Néstor Canclini no sentido de que o turismo e o patrimônio não se contradizem necessariamente, devendo, para tanto, serem amparados de diálogos e estratégias precisamente planejadas entre o Estado, a iniciativa privada e a sociedade organizada em torno daquele patrimônio.²¹²

²⁰⁹ ARANTES, Antônio Augusto. Paisagem de História: a devoração dos 500 anos. **Projeto História**, São Paulo, nº 20, p. 63-96, abr.2000.

²¹⁰ ARANTES, Antônio Augusto. **op. cit.** p. 105.

²¹¹ QUEROL, Lorena Sancho. Para uma gramática museológica do (re) conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado. **Sociologia**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXV, p. 165-188, 2013.

²¹² CANCLINI, Néstor García. **op. cit.** p. 16.

3.3 O interesse regional quanto à cachaça de Presidente Bernardes

A cachaça de Presidente Bernardes, como demonstrado nos capítulos anteriores, participou da colonização branca do município e se insere em importantes narrativas dos trabalhos dos bandeirantes, da resistência pelos escravizados, da mineração na região, do folclore mineiro e rural, das rodas de viola e o cantar calango, das comidas típicas, podendo ser agrupada também com importantes atrativos naturais como cachoeiras e matas.

Ademais o lento desenvolvimento do município quanto sua estrutura urbana, preservando ainda antigos casarões e, especialmente as construções onde funcionam os alambiques e as fazendas em geral, permite a inserção de seus visitantes em um ambiente bucólico, ainda com cavalos e charretes transitando pelas ruas, uma nostalgia em retornar às zonas interioranas em contraponto ao agitado cotidiano urbano.

Um exemplo observado nas pesquisas é a curiosidade existente sobre os diversos outros processos iniciados no meio rural, como a produção de carvão em fornos, fabricação de fubá em moinhos e tantos outros que não são tão conhecidos pelas pessoas de vida urbana. Isso ocorre especialmente com relação à cachaça, produto predominantemente rural que, como demonstrado, tem conquistado cada vez mais lugar cultural nos grandes centros brasileiros e também no mundo.

A consideração que se faz não é a de valorização de alguma cultura sobre a outra (rural ou urbana, nacional ou estrangeira) e nem mesmo alguma inferência de maior ou menor conhecimento de alguma sobre a outra. Fato é que, como já demonstrado, todos tendem a crescer culturalmente quando em contato com outra cultura. Assim, as observações complementam a conclusão de que existe um forte potencial para exploração turística dos alambiques e outras culturas rurais que podem ser associadas à cachaça. Isso demonstra que cada vez mais cresce o interesse e curiosidades das pessoas sobre estes processos de produção iniciados em campos muitas vezes distantes, seja essa distância tanto a geográfica quanto a cultural. Sobretudo essa demonstração se aplica em Presidente Bernardes, cidade predominantemente rural que tem na cachaça, frequentemente ali produzida em grande quantidade, uma de suas principais identidades, o turismo rural se mostra promissor.

Por outro lado, o turismo não só tem este viés de ser bom para o visitante como também para o povo anfitrião. Também os munícipes dali aprendem e se desenvolvem, têm serviços públicos e privados melhorados, melhorias de infraestrutura que lhes servem igualmente aos visitantes, valoriza-se sua cultura, geram-se empregos diretos e indiretos. Para isto é necessário que o turismo seja planejado de maneira sustentável.

Sylvie Brunel²¹³ cita que desde o fim da Segunda Guerra Mundial, com o aumento da mecanização do campo e elevado crescimento de zonas urbanas, o campo passou a receber cada vez mais uma visão romântica e pictórica de sua paisagem e estilo de vida dos habitantes. A partir dessa nova visão sobre o campo foram se desenvolvendo formas alternativas de geração de rendas aos camponeses, ao mesmo tempo em que possibilita a atenção da crescente demanda turística.

Assim, segundo Mara Flora Lottici Krahll,²¹⁴ o turismo no espaço rural passou a ser enaltecido pela sua capacidade de promover a sociabilidade, a integração entre o rural e o urbano e a transformação socioeconômica, mantendo a paisagem e a identidade do local. A autora cita ainda que este turismo em espaço rural trata-se de um recorte geográfico no qual estão inseridas várias modalidades de lazer em ambiente não urbano. Entre estas modalidades se destacam o Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Agroturismo e Turismo Esportivo.

Ainda identificou-se nas pesquisas a denominação de outras modalidades de lazer que podem ser combinadas no espaço rural. Um exemplo é o Turismo de Base Comunitária (TBC), de definição citada por Werter Moraes e Magnus Emmendoerfer²¹⁵ como aquela atividade em que a gestão é coletiva, transparente e a principal atração é o modo de vida local, objetivando maiores benefícios aos

²¹³ BRUNEL, Sylvie. Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal? Trad. Eustógio Wanderley Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 08, n. 15, 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/273>. Acesso em 17 de abril de 2019.

²¹⁴ KRAHL, Mara Flora Lottici. **Turismo Rural**: conceituação e características básicas. Dissertação de Mestrado. Brasília: GEA/IH/UnB, 2003.

²¹⁵ MORAES, Werter Valentim de; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. Turismo Comunitário e Inclusão Social: Análise do Roteiro Turístico de Base Comunitária do Projeto Boas Práticas na Serra do Brigadeiro – MG / Brasil. **ABET**, JUIZ DE FORA, V.5, N. 3, P. 28 - 35, set./dez. 2015.

anfitriões e permitindo um turismo mais sustentável. De acordo com a pesquisa destes autores, a exploração turística a partir desta estrutura e com maior envolvimento da população local foi positivamente avaliada tanto pelos turistas quanto pelos receptivos envolvidos com os atrativos.

Outra nomenclatura em ascensão quanto a identificação de cidades turísticas, predominantemente por causa da exploração desta atividade no campo, é o chamado “Movimento Cidades Lentas” (*Slow City*). Este movimento viabiliza o turismo também focado na identidade das cidades pequenas ou de menor presença tecnológica em contraponto aos grandes centros urbanos, onde o tempo é tudo para todos. Para obtenção do selo de classificação neste movimento do turismo, que permite muita visibilidade à cidade, como apontado pelo autor, deve-se passar por um rigoroso processo de comprovações de requisitos diversos.²¹⁶

Nestas e em outras denominações pode-se afirmar que o turismo em área rural tem crescido muito no Brasil e no mundo todo, conforme apontam pesquisas como aquela feita por Raquel Maria Ribeiro Lages.²¹⁷ Segundo ela a capacidade de alojamento na cidade de Braga, no extremo norte de Portugal, aumentou em 26% (vinte e seis por cento) entre os anos de 2013 e 2015 em consequência principal do turismo em espaço rural e o de habitação.

A continuidade deste trabalho considera o potencial turístico identificado em Presidente Bernardes como sendo pelo Turismo Rural, que de acordo com o Ministério do Turismo, “é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.²¹⁸

Certamente a busca pela visita ao campo atualmente não se trata necessariamente de “reviver o passado” ou preservação do patrimônio histórico.

²¹⁶ FRAGA, Brendow de Oliveira. **Coprodução do plano de desenvolvimento com base nos princípios Slow**: pesquisa-ação em Rio Doce (MG) Brasil, Dissertação (mestrado em Administração) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2018.

²¹⁷ LAGES, Raquel Maria Ribeiro. **O posicionamento e a imagem em contextos de marketing territorial: estudo de caso aplicado à cidade de Braga**. Dissertação de Mestrado em Marketing e Estratégia. Braga: Universidade do Minho Escola de Economia e Gestão: 2017.

²¹⁸ BRASIL, Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2003. p. 11

David Lowenthal²¹⁹ relata que para conhecer o passado é preciso também revisar e que, nesse processo, exagera-se alguma coisa e subestima-se outras.

Especialmente no campo, nas áreas rurais de Presidente Bernardes e até mesmo suas áreas urbanas, o patrimônio existente é essencialmente cultural. Além disso, os imóveis e artefatos rurais, geralmente têm existências relativamente recentes, sendo considerado de baixo valor histórico. Todavia, ainda que constantemente recriado, ou seja, fruto de um processo cultural, a paisagem rural possui historicidade e, conforme Ulpiano Meneses,²²⁰ esta depende de seu uso.

Assim, a exploração turística do ambiente rural de Presidente Bernardes não pode vender uma expectativa romantizada de retorno ao passado ou um ambiente natural ou “intocado”. A princípio isso seria impossível em qualquer zona rural, pois, conforme descreve Gilberto Freyre²²¹ sobre o engenho e a praça, que o estilo de vida dos ali residentes outrora era de jovens solteiros aventureiros: os bandeirantes. Segundo ele estes bandeirantes não se fixavam em único lugar por muito tempo, sendo-lhes suficientes pequenos barracões, até que começaram a se fixar somente após a influência das senhoras portuguesas e a construir sobrados. Esta colocação do autor leva a compreender a carência de imóveis antigos em ambiente rural brasileiro e explica também a dificuldade de se encontrar registros documentais que corroborem precisamente o início da produção de cachaça na cidade de Presidente Bernardes no século XVIII.

Por mais que a cidade de Presidente Bernardes seja tricentenária, todo o seu patrimônio se refere a uma análise do presente, enquanto estes estiverem em uso e, após seu abandono, como no caso da Fazenda Bananeiras, ainda se tratam de narrativas de difíceis comprovações. O fato de um bem ou uma tradição ser considerada patrimônio e receber proteção e valorização dos bernardenses atualmente não significa que também era assim em tempos remotos. Ademais a sobrevivência do patrimônio da cachaça bernardense também aconteceu

²¹⁹ LOWENTHAL, David. **Op. cit.** p. 18.

²²⁰ MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In YÁZIGI, E. (org). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

²²¹ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos [recurso eletrônico]:** decadência do patriarco rural e desenvolvimento do urbano / Gilberto Freyre; apresentação de Roberto DaMatta; biobibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas por Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2013.

informalmente, por meio principalmente de narrativas que devem ser apresentadas honestamente aos destinatários da oferta turística como sendo apenas umas das narrativas entre outras possíveis.

Embora haja patrimônio edificado como os alambiques, a cachaça de Presidente Bernardes deve ser entendida como um patrimônio para além da “pedra e cal”, ou seja, uma paisagem entendida como fato cultural, englobando a produção, a comercialização, os trabalhadores, os costumes, as fazendas, etc.

Ulpiano Meneses²²² cita que a paisagem é um dos motores fundamentais do turismo, incluindo aquela paisagem classificada como projetadas e criadas pelo homem, como os parques temáticos e jardins. Surgem, então, as simulações que transmutam a paisagem em mercadoria, a exemplo das réplicas de alambiques observados com frequência cada vez maior em festas, representando uma identidade para com aquele patrimônio cultural.²²³

Esta observação já demonstra existir grande interesse na cachaça como atrativo cultural pela sociedade. Para confirmação se este interesse também poderia ocorrer em um projeto maior e mais dispendioso que envolvesse a cachaça de Presidente Bernardes, entretanto, foram realizadas algumas entrevistas nas quais os entrevistados também não foram identificados por questão de ética e pelo fato de suas participações se tratarem simplesmente de opiniões ou pesquisa de mercado.

O interesse quanto à cachaça de Presidente Bernardes como atrativo cultural foi verificado entrevistando turistas em potencial, sendo transcritas a participação de oito entrevistados, pois, neste quantitativo, as repostas tornavam-se repetitivas entre os entrevistados, o que é chamado de *saturação* em pesquisas qualitativas, conforme pesquisado por Hermano Roberto Thiry-Cherques. O ponto de saturação está associado à teoria do *habitus*, de Pierre Bourdieu, sugerindo que o adestramento social leva a harmonização cultural. Assim, de acordo com Hermano Thiry-Cherques, a saturação é obtida após contemplar um mínimo de oito

²²² MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. **op. cit.** p. 114.

²²³ *Ibidem*.

observações e um máximo de quinze, pois a partir daí, as observações não acrescentariam novas propriedades.²²⁴

As entrevistas foram realizadas entre os dias 23 de abril de 2019 e 08 de maio de 2019, por e-mail e também presencialmente, junto a possíveis visitantes aos alambiques da cidade de Presidente Bernardes. A identificação dos entrevistados será feita apenas com algarismos, evitando exposição destes. A seleção dos entrevistados buscou agrupar diversos profissionais, de diversas faixas etárias, residentes em algumas cidades de maior porte na região de Presidente Bernardes. Considerando a acessibilidade diante das limitações de recursos para a pesquisa, as cidades com participantes foram as cidades de Ubá, Ponte Nova, Juiz de Fora e, principalmente, de Viçosa.

Os resultados das entrevistas demonstraram que a grande maioria dos entrevistados tem na cachaça como a primeira associação à cidade de Presidente Bernardes. Apenas dois dos entrevistados foram exceções ao fazerem essa associação imediata da cidade à cachaça, pois uma não conhecia nada sobre a cidade e outro associou a cachaça apenas em segundo lugar, deixando a primeira associação para uma suposição de que o ex-presidente do Brasil, Arthur da Silva Bernardes teria nascido na cidade antes de sua emancipação, quando o município ainda não tinha esse nome. A retificação se faz importante sendo que a cidade de Presidente Bernardes, quando ainda era o distrito chamado Calambau, na verdade, pertencia ao município de Piranga em vez de Viçosa como suposto pelo entrevistado.

Todos os entrevistados demonstraram valorizar as ações de turismo como oportunidade para conhecer outras culturas e associando essa prática até mesmo a possibilidade de autoconhecimento. De forma geral, os entrevistados avaliaram como positivo o turismo rural em fazendas e alambiques, e que este seria inovador, sendo uma alternativa diferente tanto para os turistas quanto para a população local frente ao turismo comum atualmente, ou seja, o turismo de massa, aquele negativamente caracterizado pela prática predatória e de pouca reflexão. Neste sentido vale destacar o trecho em que um dos entrevistados avalia o turismo rural

²²⁴ THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, São Paulo, n.3, p. 20-27, 2009.

comparando que, “quando você faz turismo lá em São Paulo, cidade grande, ninguém te recebe, conversa com você. Ao contrário, turismo rural, numa cidade do interior ou na própria roça, a pessoa te recebe como um amigo”. Este mesmo entrevistado ainda ponderou a importância do turismo rural para resgatar o contato das crianças com a natureza e fortalecer, assim, o sentimento de responsabilidade para com a preservação ambiental.

O conhecimento da amostra da população sobre a cachaça artesanal e seu processo de fabricação também se mostrou pequeno. Mesmo assim a maioria demonstrou consciência sobre o valor cultural da cachaça para o Brasil. Alguns citaram experiência de visita em alambiques buscando aprender mais sobre esta cultura. Houve citações também em que a cachaça foi usada pelos entrevistados para presentear pessoas queridas quando que lhes receberam em cidades grandes e até nos Estados Unidos da América, valorizando e expondo este diferencial da cultura brasileira.

As únicas facilidades objetivas apontadas como motivação para uma visita em Presidente Bernardes foram feitas por um entrevistado de Viçosa, considerando esta como sendo a proximidade em que as duas cidades se encontram e a possibilidade dos custos em cidades pequenas serem mínimos. Outros transitaram como favorável a escolha questões como curiosidade e a própria fuga da rotina urbana.

Entre as dificuldades para se visitar Presidente Bernardes e seus alambiques atualmente, a maioria dos entrevistados citou principalmente a carência de informações sobre a cidade, a pouca divulgação dos atrativos turísticos e eventos culturais na cidade e, também, carência de infraestrutura, sendo a má qualidade das estradas para acesso a principal das críticas.

Dessa forma, as informações obtidas nesta pesquisa demonstram que a implementação de ações voltadas para o turismo nas zonas rurais de Presidente Bernardes possui este potencial de contribuir para o desenvolvimento tanto econômico quanto social da cidade. Como já citado, outras pesquisas deverão ser realizadas de forma cada vez mais específica para a estruturação da exploração com sucesso desta atividade, todavia, mesmo nestes estudos iniciais, ela já se mostra promissora uma vez que é capaz de envolver todo o público necessário, como a sociedade bernardense em geral, a iniciativa privada e os gestores públicos

e outros órgãos oficiais, não só no âmbito municipal, como também estadual e municipal que têm voltado cada vez mais atenção à regionalização do turismo no Brasil.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam um dos caminhos para solucionar alguns dos problemas sociais crescentes no campo, em especial de Presidente Bernardes. Isto porque o turismo de cachaça pesquisado tem o potencial de gerar renda e empregos, bem como atrair outros investimentos e lazer para a cidade e conseqüentemente contribuir com a permanência das pessoas em condições socioeconômicas satisfatórias no meio rural e para a proteção e salvaguarda desta antiga tradição.²²⁵

²²⁵ BASTOS, Rosária Cal; EMMENDOERFER, Magnus Luiz; SILVEIRA, Suely de Fátima Ramos; GOMES, André Luis. Queremos ficar no meio rural, mas como? ANPAD/ **TAC - Tecnologias de Administração e Contabilidade**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 147-164, Jul./Dez. 2015. Disponível em www.anpad.org.br/tac. Acesso em 24/07/2019.

Conclusões gerais

Os resultados dos estudos realizados nesta dissertação permitiram perceber que a cachaça artesanal é um importante produto da cultura brasileira. Embora a cachaça ainda se encontre em batalha por seu lugar na formação identitária do país, ora vítima de preconceitos e repressão, ora motivo de orgulho e exaltação, o estudo apontou que ela já desponta como patrimônio tanto institucionalizado como por pertencimento.

De modo especial, a cachaça de alambique envolve amplo apreço patrimonial e em Presidente Bernardes verificou-se não ser diferente. A elevada quantidade de cachaça produzida atualmente no município é uma tradição sustentada há séculos, passando de geração em geração. As principais fabricantes da cidade foram apresentadas, bem como fatos históricos relevantes para discussão deste patrimônio para a cidade.

Muito além do tombamento/ registro ou outras formas de institucionalização, as cachaças bernardenses tem se mostrado capazes de auto salvaguardarem por meio do comércio em larga escala. Todavia este comércio da cachaça se mostra em decadência arriscando, com isso, a transmissão desta tradição. Somam-se ao declínio do comércio a dificuldade nos processos de sucessão do negócio predominantemente familiar, a maior atratividade comercial de outras atividades agrícolas e as barreiras fiscais sofridas pelo produto.

Neste sentido o Turismo Rural se desponta como uma alternativa viável para a salvaguarda da tradição cachaceira em Presidente Bernardes e para que este patrimônio contribua para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, especialmente pela ampliação da geração de renda e valorização do produto.

Embora tenha havido limitações que permitisse maior amplitude do estudo como as demonstradas na pesquisa, pode-se afirmar que existe grande possibilidade do patrimônio cultural relacionado à cachaça se tornar motor do desenvolvimento socioeconômico da cidade de Presidente Bernardes por meio do Turismo Rural, a partir da conscientização para a preservação desta tradição, ao mesmo tempo em que potencializa a valorização da identidade cultural do povo. Para isso são necessárias ainda relevantes ações de reconhecimento e valorização

do turismo de cachaça pelos órgãos públicos bernaense, bem como pela sociedade organizada e a iniciativa privada.

Por meio de levantamento bibliográfico verificou-se que o patrimônio cultural precisa de instrumentos que se inserem no presente dos povos para que sua preservação seja tácita. Assim, a bibliografia referente à cachaça e outros resultados obtidos mostraram o potencial da bebida para além de produto comercial, sendo valorizada historicamente mesmo por aqueles que não a consomem.

A explicação para o interesse neste patrimônio pode ser encontrada também em David Harvey²²⁶ como o “utopismo pastoril”, ou seja, a sensação bucólica da vida simples no campo como alternativa de organização harmoniosa da produção capitalista no ambiente rural. Diante da inviabilidade dessa alternativa de organização, considerando as dificuldades para o campesinato, necessidade de elevados investimentos estruturais individuais, o turismo rural aponta como uma viabilização, ainda que temporária e simbólica, para o atendimento dessa demanda urbana. De qualquer forma, o turismo rural, como apontado, também oferece nova utilização ao campo frente a sua crescente desativação pela monocultura e mecanização.²²⁷

Assim o turismo rural é uma das principais alternativas para valorização das diversas cachaças dos alambiques de Presidente Bernardes, mas deve ser bem planejado em uma parceria entre os órgãos públicos com atuação na cidade, bem como pelos empresários, como os comerciantes e prestadores de serviços de transporte, hospedagem e os próprios fazendeiros e alambiqueiros da cidade, bem como a sociedade civil organizada, como o conselho de patrimônio da cidade, conselho de meio ambiente, entre outros.

A partir do planejamento de medidas conjuntas pró-turismo em Presidente Bernardes, a cachaça avançaria de mero produto comercial, deixaria o ainda existente preconceito de que seria bebida de boteco, de “bebum”, se tornando uma experiência para os visitantes, presença em comemorações e celebrações para a comunidade e, principalmente, geradora de emprego e renda.

²²⁶ HARVEY, David. **Op. cit. p. 25.** p. 47.

²²⁷ CHOAY, Françoise. **op. cit. p. 45**

PARTE II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGENS
E CIDADANIA

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PRÁTICA

Canaviagem
Turismo de cachaça e curiosidades de Presidente Bernardes

Proposta elaborada como parte dos requisitos do programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa, a partir dos estudos apresentados na dissertação intitulada “A cachaça de alambique como patrimônio cultural e sua influência no desenvolvimento socioeconômico do município de Presidente Bernardes – MG”

Dissente: Ednir Damasceno Matias

Orientadora: Luana Melo e Silva

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2020

Capítulo 4

A presente proposta de intervenção prática a partir dos estudos realizados na dissertação consiste na elaboração de um plano para exploração mercadológica dos atrativos turísticos existentes na cidade de Presidente Bernardes, situada no interior do estado de Minas Gerais, figura 6. De modo especial o plano pretende explorar a produção da cachaça em Presidente Bernardes, que é uma antiga tradição, considerando ainda o destaque a elevada quantidade de produtores de cachaça na cidade desde remotos tempos como apresentado na dissertação. Dessa forma, na proposta prática de produto que se segue, elaborou-se o planejamento de um roteiro turístico a ser implantado em Presidente Bernardes.

Figura 6 – Localização de Presidente Bernardes



Fonte: Google Maps

O roteiro a ser criado a partir deste planejamento objetiva, assim, através de serviços turísticos, disponibilizar uma experiência mais concreta possível sobre o patrimônio cultural de Presidente Bernardes, sobre a vida no campo, sobre os diversos produtos que têm sua cadeia de produção iniciada no meio rural,

especialmente a cachaça e outras memórias dos canaviais. Roteiros como este se mostram cada vez mais atrativo a turistas vindos de maiores centros urbanos, como verificado nos resultados das pesquisas de opinião realizadas no capítulo três.

Por se tratar de um novo negócio a ser explorado seu adequado planejamento é fundamental para o respectivo sucesso. Assim, o plano de negócios é o documento agregador de toda a informação e ferramentas de análise que permite construir, analisar e avaliar de forma estruturada um projeto desta natureza. Este instrumento permite antecipar potenciais problemas, determinar quais as variáveis mais suscetíveis de dificultar o seu desenvolvimento, experimentar a sua sustentabilidade. Ademais o plano de negócios também facilita o acesso a potenciais fontes de financiamentos ou investimentos.²²⁸

Assim esta parte do trabalho busca aprofundar os conhecimentos teóricos, científicos e práticos essenciais para a realização de um roteiro turístico em ambiente real, aproximando o conhecimento produzido na dissertação (parte I) com a realidade empresarial que atenderia as demandas socioeconômicas do povo de Presidente Bernardes e aquelas para o patrimônio. Neste sentido, neste documento será enfatizado o produto turístico, ou seja, o novo negócio a ser comercializado em lugar de se criar um plano de negócios voltado para os operadores turísticos como um todo, como as agências de turismo, empresas de hospedagens, etc. Dessa forma o trabalho supera a limitação que teria para a criação de uma personalidade jurídica nas mais variadas formas de empresas, sendo que para isso se distanciaria muito das discussões sobre o patrimônio. Ao mesmo tempo isto permite maior flexibilidade ao plano de negócios, que poderá ser explorado amplamente pela população interessada, especialmente quando necessária redução de custos para que o valor comercial se torne mais acessível às diversas classes interessadas.

A elaboração do roteiro turístico proposto nesta parte do trabalho significa duplicar os desafios da dissertação a qual ele compõe. Isso porque sua perfeição careceria de outra dissertação, com tema mais profundamente mercadológico. Nessa limitação a proposta de intervenção prática parte de conclusões de outros estudos específicos sobre os temas turismo e negócios, bem como estudos

²²⁸ SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cachaça artesanal**: série de estudos mercadológicos. SEBRAE: 2012.

patrimoniais desenvolvidos nesta dissertação, tomando-se os demais assuntos apresentados nos capítulos da Parte I da dissertação como conhecidos pelo usuário/explorador deste plano.

4.1 Canaviagem: turismo de cachaça e curiosidades em Presidente Bernardes

O roteiro proposto trata-se de uma vivência na qual os turistas e demais interessados locais serão inseridos, por meio de visitas guiadas a determinados pontos da cidade, poderão fazer leituras diferenciadas sobre a cachaça e sobre Presidente Bernardes como sua arquitetura, política, economia, história, suas festas e seus alambiques, entre outros. O nome do roteiro proposto foi definido como “Canaviagem”, originado da união das palavras canavial e viagem. Além de ser um criativo anagrama, Canaviagem é um nome para produto totalmente novo até o momento, ao passo que também consegue ser simples e de fácil memorização, o que facilita as ações de divulgação. O passeio será realizado em grupo de visitantes, incluindo-se nele também os habitantes locais que desejarem conhecer mais da própria cultura. Os resultados obtidos a partir da pesquisa mostram que há grande interesse das pessoas pela vivência em ambientes bucólicos ou das chamadas cidades lentas, conforme já estudado no Capítulo 3. Assim, o público demandante principal para o produto são pessoas que vivem em maiores centros urbanos, que têm uma rotina de alguma forma estressante com elevada quantidade de atividades causadoras de cansaço principalmente mental como estudos, negócios, trânsito, e procedimentos burocráticos ou arriscados, por exemplo.

Esta identificação do perfil do público demandante pelo turismo também é compactuada com as características comuns para o segmento como destacadas pelo Ministério do Turismo pelo fato de serem moradores de grandes centros urbanos, com idade entre 20 e 55 anos, casais com filhos e/ ou amigos, escolaridade a partir do ensino médio completo, organizam as próprias viagens e usam de automóveis particulares para o deslocamento ao destino, fazem viagens de curta duração, como feriados e finais de semana, buscam informações na internet,

com parentes e amigos para planejar a viagem, valorizam culinária típica e produtos autênticos e artesanais.²²⁹

Embora os alambiques de Presidente Bernardes e a cidade como um todo ainda careça de elevados investimentos estruturais para alavancar o turismo, a exploração do roteiro Canaviagem tem a vantagem de poder aproveitar as estruturas já existentes e em perfeito funcionamento para atendimento dos fins comerciais atualmente. Tais estruturas são as estradas que podem atender a demanda por sensação de passado, bem como os alambiques que receberam apenas um olhar adicional a sua utilidade atual, sem necessidade de modificação, conforme mais detalhes apresentados no Capítulo 2. Ademais, quando possível em algum momento futuro, os investimentos devem ser planejados para evitar a massificação do turismo na cidade e descaracterizar o patrimônio cultural que atualmente é o principal atrativo. Portanto, mesmo carecendo de condições mais confortáveis de estradas e acessibilidade nos alambiques, por exemplo, há a oportunidade de parceria que atenda o interesse dos visitantes sem elevar significativamente os custos e investimentos por parte dos bernardenses.

Os atrativos principais de Presidente Bernardes, como demonstrado na pesquisa, são suas cachaças e essas são o objeto principal de exploração da proposta. Todavia o roteiro pretende explorar demais atrativos que se relacionam direta ou indiretamente com a cachaça bernardense e, assim, com a cultura da cidade. Assim, são considerados atrativos turísticos deste roteiro a Praça Cônego Lopes, local de relevância histórica para a cidade, alguns alambiques mais tradicionais e mais acessíveis ao turismo, gastronomia, os casarões antigos, a igreja matriz a ponte e outras edificações do município e cachoeiras.

A disponibilidade de dados sobre a oferta e demanda turística atualmente em Presidente Bernardes é imprecisa. Verifica-se que o principal atrativo turístico da cidade atualmente é a “Festa da Cana e Festival da Cachaça de Presidente Bernardes”, ao final do mês de julho de cada ano, e que esta reúne cerca de cinco mil pessoas em cada um dos três dias de evento. Em consequência direta desta festa as duas pousadas existentes no centro da cidade, embora com capacidade

²²⁹ BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo rural**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

aproximada de apenas quinze hóspedes, ficam com indisponibilidade de reservas para esses dias já a partir de dois meses antes. Os demais públicos que vêm de outras cidades para a festa e não conseguem vaga nas pousadas se hospedam em casa de parentes ou contratam serviços de transportes em vans de ida e volta a partir de suas cidades. Há ainda visitantes que arriscam suas vidas e de outrem ao dirigir na volta da festa para suas cidades.

Os fornecedores para a exploração do Canaviagem, portanto, seriam esses prestadores de serviços de hospedagem e prestadores de serviço de transporte passageiros na cidade. No momento inicial de implantação do roteiro propõe-se que o transporte do grupo de visitantes entre os atrativos distantes seja feito de van, mas que posteriormente se estude a viabilidade de utilização de veículo personalizado para o turismo, privilegiando o conforto dos passageiros e também a disponibilidade de visão panorâmica e ventilação natural a exemplo dos veículos abertos usados em safaris. Ainda poderá se estudar a viabilidade de utilização de veículos caracterizados ou que tenham um apelo ecológico como charretes ou bicicletas, por exemplo. Demais fornecedores são os bares e restaurantes e outras lojas como os próprios alambiques e outras que poderão vender diretamente aos visitantes.

As saídas serão em datas específicas já determinadas no momento da venda do produto turístico. Esta data dependerá de agendamento e negociações com os responsáveis pelo recebimento nos atrativos do roteiro. Deverá também observar datas propícias para formação de demanda em grupo de tantas pessoas conforme for o ponto de equilíbrio, ou seja, a quantidade mínima de pacotes a ser vendido para que a receita não seja inferior ao montante das despesas.²³⁰ Dias comumente chuvosos durante o ano também devem ser planejados com cautela por prejudicar diretamente a condição das estradas bem como o conforto dos visitantes em cada atrativo.

As características da demanda real, além daquela potencial conhecida nesta pesquisa, deverão ser obtidas frequentemente em pesquisas de mercado para que se estabeleçam planos de segmentação da oferta e estratégias focada de divulgação e preços do produto turístico.

²³⁰ MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 370 p.

O passeio será realizado preferencialmente em três dias e duas noites sendo o primeiro dia no turno da tarde, logo após os visitantes darem entrada na hospedagem, e o segundo iniciando-se pela manhã do dia seguinte. O segundo dia necessariamente será em um dia útil para que seja possível assistir o funcionamento de alguns alambiques em real produção. No terceiro dia os participantes serão apresentados à Feira de Presidente Bernardes, onde poderão fazer compras ao usar livremente o tempo de outra forma, até o momento do *check out* da hospedagem. Assim verifica-se que os melhores dias para o roteiro é o início em uma quinta-feira a tarde, com passeio na sexta e conclusão no sábado pela manhã. A depender da estação do ano, o passeio poderá ser acrescido de um terceiro dia para que os visitantes tenham um tempo maior em cachoeiras ou em outros pesque pagues da cidade, bem como outros alambiques.

As visitas serão realizadas em grupos visando amenizar preocupação de alguns fazendeiros de que as visitas individuais tomariam muito tempo e aumentariam também os riscos à segurança dos visitantes bem como dos proprietários e funcionários dos alambiques. Além disso, a visita em grupo permite uma economia de escala necessária neste primeiro momento de implantação do Canaviagem e sua execução. A redução de custos operacionais é extremamente necessária nesta fase quando o ambiente é ainda mais incerto para o negócio e ainda requer elevados investimentos como aqueles necessários para solucionar questões logísticas.

O serviço de hospedagem será incluído no pacote do roteiro Canaviagem para facilitar a pontualidade de partida e retorno, bem como para que a experiência dos visitantes possa ser mais completa possível na cidade. Esta experiência se incrementará quando, a partir desta proposta, surgirem outras hospedagens como aquelas do tipo “hotel fazenda”. Porém haverá plano de roteiro sem hospedagem para que o Canaviagem atenda também a população local ou seus parentes e amigos que eventualmente se hospedarem em suas próprias casas.

As vendas no início da implantação serão feitas predominantemente em sites especializados em pacotes turísticos como TripAdvisor, Decolar.com e Hotel Urbano, por exemplo, e redes sociais, para datas previamente definidas e mediante pagamento total no ato da contratação, amenizando os prejuízos de rescisões imprevistas. À medida que o produto turístico for conquistando mercado serão feitas

parcerias também com agências de turismo da cidade e da região para que a oferta seja mais regular e disponha de maior flexibilidade aos interessados. Vale destacar que, sendo a cachaça a atração principal do roteiro e sendo proibida a venda de bebida alcoólica para menores de dezoito anos de idade, estes somente poderão ser admitidos no roteiro caso estejam acompanhados comprovadamente dos pais ou responsáveis legais e, de forma alguma, o roteiro será comercializado aos menores desta idade. Todavia, isso não significa que o roteiro será interessante apenas para apreciadores de cachaça e que todos no passeio deverão beber, uma vez que também poderão consumir garapa (caldo de cana) e outras tipicidades gastronômicas de Presidente Bernardes.

O local escolhido para início do roteiro foi a Praça Cônego Lopes, onde há uma pousada, alguns bares e restaurantes, ponto de embarque e desembarque de ônibus intermunicipal e aquisição de passagens rodoviárias e, por essas e outras, ser um endereço de fácil localização que permite reunir o grupo. Assim, o roteiro se organiza conforme atrações a seguir.

4.1.1 Primeiro dia

O passeio proposto inicia-se em uma quinta-feira, às 15 (quinze) horas, na Praça Cônego Lopes, onde o guia acolhe os participantes e presta informações gerais sobre a cidade, como primeiros habitantes de que se tem conhecimento na cidade, como a chamavam, a chegada dos colonizadores paulistas e portugueses e outras curiosidades como a emancipação administrativa e as polêmicas mudanças de topônimos. Em seguida o guia apresenta o “Jardim JK”, apresentando narrativas existentes sobre sua inauguração, bancos doados, os brinquedos e chafariz, o monumento a Arthur Bernardes, os estabelecimento do entorno como o bar onde teria nascido a ideia da “Festa da Cana” em 1984, bem como narrar o que aquilo tudo pode ter representado para o povo ao longo dos anos e o que pode atualmente representar, levantando questões para reflexão dos participantes. Apresentam-se os casarões de meados do século XIX e o balaústre, já em meados do século XX, um deles foi revitalizado e hoje é usado como centro cultural/ biblioteca para a cidade. Apresenta-se a Igreja Matriz de Santo Antônio e fala-se das igrejas anteriores, suas

construções e personalidades de destaque, como Ana Cabral da Câmara, Dom Grossi, Irmãos Diogo, entre outros citados no segundo capítulo da dissertação.

Este primeiro dia do roteiro será feito em caminhada, por ser curto o percurso que destaca apenas o entorno da praça neste momento, como uma apresentação geral da cidade. Ao final serão feitas sugestões de descanso e/ou outras recomendações especialmente sobre o horário de saída no dia seguinte.

4.1.2 Segundo dia

O segundo dia do roteiro se trata mais diretamente do produto proposto que se cria a partir deste trabalho, pois as atividades propostas para os outros dois dias já estão prontas há muito tempo, carecendo apenas da exploração turística destas narrativas atualmente. Por sua vez, o segundo dia do Canaviagem tratará de uma atividade até então desconhecida até mesmo para a maioria da população local quanto mais aos visitantes. Ele iniciará com a partida em veículo às 8 (oito horas) da Praça Cônego Lopes, após novas orientações como regras de segurança, duração estimada do passeio, locais de paradas para refeições. Os demais membros da equipe serão apresentados com as suas funções, como motorista, salva vidas, fotógrafo, artista recreativo, etc. Em seguida os visitantes se dirigirão à Fazenda Água Limpa e no caminho poderão visualizar outras edificações relevantes para a cidade como a escola Escola Padre Vicente de Carvalho, antigo Centro Educacional Pedro Maciel Vidigal, inaugurado em solenidade da qual participou Juscelino Kubitschek em 1962, bem como o casarão onde atualmente funciona a prefeitura. Chegando à Fazenda Água Limpa, figura 7, os canaviajantes poderão conhecer um pouco essa cachaça e a sua história, bem como degustar e aprender demais curiosidades e processos apresentados pelo proprietário.

Figura 7 - Fazenda Água Limpa



Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo do caminho também poderão ser observados os locais de extração de areia às margens do Rio Piranga e algumas capelas, até chegar a Fazenda Bananeiras, figura 8, que apesar de estar abandonada atualmente, pode ter sido uma das primeiras fazendas a fabricar cachaça em Presidente Bernardes em 1734 ou 1746. O guia contará histórias de sua construção por mão de obra escravizada, bem como a importância social que já teve para a cidade, sendo que nela já funcionou também escola e capela. Contar sobre lendas e curiosidades que ainda rondam a fazenda.

Figura 8 - Fazenda Bananeiras



Fonte: Arquivo pessoal

O passeio seguirá na estrada próxima às margens do Rio Piranga até a próxima ponte atravessando para outra margem na cidade de Porto Firme e percorrerá por um trecho de rodovia e outro maior de estrada de chão até o distrito de Cruzes, novamente em Presidente Bernardes. No caminho ainda serão mostradas outras fazendas e casas abandonadas, bem como alguns canaviais e outras lavouras. Chegando ao distrito de Cruzes será feita uma visita ao alambique

da Cachaça Sem Nome, na fazenda Pitanga, figura 9, onde os visitantes poderão ver o processo de produção da cachaça e, logo após, seguirão para o Pesque e Pague do Tilé, figura 10, onde poderão almoçar e talvez pescar dependendo do horário. O tempo estipulado para almoço, descanso e demais recreações é de uma hora e trinta minutos. Dali também poderá ser apresentada a casa do senhor Zé e dona Zélia, onde se realizavam frequentados bailes, e a Fazenda Buieié, onde também se fazia a cachaça chamada Alvorada.

Figura 9 - Cachaça sem Nome - Canavial



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 - Pesque e Pague do Tilé



Fonte: Arquivo pessoal

Após o almoço os visitantes serão apresentados ao morro onde se situa exatamente as divisas do município de Presidente Bernardes com os municípios de Paula Cândido e de Porto Firme, nas coordenadas 20°46'14.7"S 43°02'09.9"W. Também poderão conhecer externamente a fazenda da qual foi proprietário o senhor Joaquim Pereira, onde também já se fez muita cachaça com o nome Vitamina. O antigo dono foi influente político na cidade, contribuindo para construção de escolas no distrito e recebeu homenagem em 2019 quando uma das poucas ruas de Cruzes foi denominada com seu nome. Ainda em Cruzes será explicado o prestígio deste distrito em outros locais, prestígio este ligado à sua tradicional produção de cachaça em grande quantidade, ao futebol, esporte muito apreciado pela comunidade, bem como pela sua proximidade com as citadas cidades estando praticamente a 18 (dezoito) quilômetros tanto de Porto Firme quanto de Paula Cândido e da sede de Presidente Bernardes. Os antigos dizem que o distrito tem este nome, pois eram comuns os assassinatos por emboscada e conseqüentemente muitas cruces eram fincadas a beira da estrada. Houve tentativa, sem sucesso, de alterar o nome para São Nicomedes, provavelmente em memória ao Padre José Nicomedes Grossi, responsável por benfeitorias no distrito como a construção da igreja que tem o santo xará do seu antigo pároco como padroeiro.

O roteiro se despedirá de Cruzes e seguirá para o ponto de partida por caminho diferente, passando próximo à Comunidade Sesmaria, onde há predominância de moradores afrodescendentes e há quem afirme que seu nome se deve ao sistema de concessão de terras adotado no Brasil colonial e que o povoamento da comunidade teria se iniciado nessa época por escravizados que iam se libertando. Mas não há dados que faça essa ligação do nome a este sistema e nem dos antigos moradores à diáspora africana.

Mais adiante será mostrada a comunidade do Xopotó, onde existia um campo de futebol utilizado todos os finais de semana e que tornou-se um pasto para animais, podendo exemplificar a carência de lazer e recreação que reflete ou até poderia estar causando o abandono do meio rural em Presidente Bernardes. Em seguida será apresentada a Cachoeira Grande, figura 11, também conhecida como Cachoeira do Antero ou Bento, com uma pequena parada para fotos e banho rápido para quem interessar. Após esta visita será visitado também o alambique da Cachaça Engenho Calambau, onde os proprietários apresentarão o alambique e

narrativas de origens, fatos interessantes sobre sua cachaça e fazenda, oferecerá degustação da cachaça e garapa e outros alimentos possíveis. Próxima desta fazenda também será mostrada a parte externa do alambique da cachaça Catas Altas, enquanto não for possível adequar o mesmo para visitas.

Figura 11 - Cachoeira Grande (cachoeira do Zé Bento ou Antero)



Fonte: arquivo pessoal

Na ponte onde se atravessa o rio Xopotó também haverá uma breve parada para fotos e apresentação de narrativas existentes sobre garimpo, ainda possivelmente existente, e sobre folclore, como histórias sobre caboclo d'água.

No caminho de retorno ainda poderão ser observadas outros processos produtivos rurais, como a produção de carvão pela queima de eucalipto em fornos, bem como mais algumas casas, fazendas e canaviais abandonados.

Chegando na região urbana da cidade será apresentado ainda o Parque de exposições, figura 12, onde acontece a “Festa da Cana” e a Ponte sobre o Rio Piranga, construída em 1958, sob um formato comum de sua época como as pontes também construída em Porto Firme e Guaraciaba, com capacidade para automóveis em apenas um dos sentidos de cada vez, ainda que extensa. Após ser margeado por estas três cidades e também pela cidade de Ponte Nova, o rio Piranga se une ao rio do Carmo iniciando o Rio Doce. Em seguida o segundo dia do roteiro será concluído de volta à Praça Cônego Lopes, com novas recomendações e avisos ao grupo.

Figura 12 - Parque de Exposição Kaquim Quintão



Fonte: arquivo pessoal

4.1.3 Terceiro dia

O roteiro Canaviagem será concluído no terceiro dia com passeio livre pelo centro e compras na feira de Presidente Bernardes, que ocorre todos os Sábados pela manhã na Praça Cônego Lopes.

4.2 A estruturação do negócio para realização do Canaviagem

O presente plano de negócios, como já estipulado, não objetiva planejar precisamente a constituição formal de um empreendimento comercial, dando maior atenção diretamente à criação do produto turístico que poderá ser explorado pelas diversas instituições como por órgãos públicos, organizações sem fins lucrativos, micro e pequenas empresas, cooperativas e associações, empresários individuais e diversas outras classificações previstas no direito civil e empresarial. Assim o projeto desenvolve uma matriz para a exploração do roteiro prevendo o mínimo possível para que este atenda a necessidade de valorização do patrimônio cultural ligado às cachaças de Presidente Bernardes ao passo que viabiliza satisfação e oportunidades de empregos e outras melhorias socioeconômicas à população. As

informações e planos aqui citados servem como ponto de partida para exploração do roteiro, que poderão ser incrementados de acordo com a segmentação de mercado pretendida pelo operador turístico.

Neste sentido vale citar que o operador turístico novo, que interessar executar este plano, precisará cumprir alguns procedimentos mínimos de formalização. A primeira das exigências legais, caso o operador esteja iniciando a atividade, é a inscrição da atividade no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), gerido pela Receita Federal no qual se apura tributações bem como direitos para as atividades empresariais, sendo que estas vão além daquelas das pessoas naturais também conhecidas como pessoas físicas. A obtenção do CNPJ permite também ao empreendedor se classificar na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) a qual prevê as diversas categorias das atividades empresariais no Brasil. O cadastro e sua classificação permitem também maior segurança jurídica ao empreendedor em suas relações comerciais quando constitui, assim, uma entidade independente, outra pessoa. Essa nova pessoa obtém vantagens em negociações com outras empresas, fornecedores e clientes em razão de tributação, emissão de Nota Fiscal, contratação de funcionário(s), etc.²³¹

Para os operadores turísticos que ainda pretendem se formalizar para explorar este roteiro este plano sugere a formalização como Microempreendedor Individual (MEI), figura jurídica criada pela Lei Complementar nº 128/2008, na classificação de Guia de Turismo Independente (CNAE 7912-1/00). Esta opção de cadastro como MEI permite, em suma, a contratação de até um funcionário, acesso a crédito, previdência, mediante contribuição mensal de valor referente a cinco por cento referentes ao Instituto Nacional do Seguro Nacional (INSS) e mais cinco reais referentes ao Imposto Sobre Serviço (ISS). O faturamento máximo para que o MEI possa permanecer nesta faixa de enquadramento tributário fixo e reduzido é de oitenta e um mil reais anuais.

Todavia, colocadas estas possibilidades apenas como sugestão de ponto de partida para eventuais operadores iniciantes que pretenderem explorar o roteiro, reitera-se que o planejamento aqui proposto considera que o operador detém de todos os requisitos legais e estruturais para a sua realização.

²³¹ SEBRAE. **op. cit.** p. 16.

4.2.1 Recursos Humanos

Dessa forma, a realização do roteiro necessitará obrigatoriamente de um guia de turismo, atividade regulamentada pela Lei nº 8.623/1993. Este profissional precisa ainda se cadastrar gratuitamente no Ministério do Turismo através do Cadastur, que é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo e também precisa ser registrado na prefeitura de sua cidade.

A realização do roteiro dependerá também de um motorista devidamente habilitado para a condução do veículo. Outros profissionais poderão acrescentar valor ao roteiro conforme avaliação do público alvo a ser feita pelo operador como músicos, atores, dançarinos ou outros animadores recreativos por exemplo. Também poderá ser oferecido serviço de fotografias por profissional especializado, bem como segurança privada do grupo, salva vidas e serviços de primeiros socorros.

4.2.2 Recursos logísticos

A realização do roteiro Canaviagem necessitará de veículo apropriado para locomoção do grupo. A escolha do veículo deverá levar em consideração o conforto dos passageiros, capacidade máxima, facilidade para embarque e desembarque, consumo médio de combustível, facilidade de assistir o percurso também pelas janelas, exposição adequada à ventilação natural e a poeira.

Neste sentido, nesta fase inicial de implantação e testes do produto proposto, planeja-se que o roteiro seja realizado em um veículo do tipo van. Este veículo poderia ser adquirido mediante investimento de dezenas de milhares de reais pelo operador. Valores mais precisos do investimento não foram aqui detalhados pelo fato de que neste plano propõe-se que o veículo seja contratado junto a terceiros por meio de locação. Esta forma de atender a necessidade de locomoção do grupo, embora tenha como consequência uma elevação da despesa operacional em comparação com a opção da compra, permite reduzir o custo de capital, outras despesas como manutenção e seguros, por exemplo, bem como outros riscos do negócio.

Ainda há a possibilidade de o roteiro ser contratado pelo grupo e ser realizado no próprio veículo deste, desde que este atenda as condições mínimas apropriadas para a quantidade de turistas e outras de conforto, segurança, etc.

4.2.3 Análise Ambiental

O sucesso na criação deste produto turístico dependerá também de grande atenção a situação ambiental do roteiro turístico, ou seja, uma análise às variáveis que podem influenciar positiva ou negativamente o negócio. Uma das ferramentas mais comuns de planejamento é conhecida como Análise SWOT. Esta ferramenta é a abreviação das palavras inglesas traduzidas para o português como “forças e fraquezas, oportunidades e ameaças”. As forças e fraquezas são as ponderações sobre o negócio em seu ambiente interno, ou seja, aquilo que é consequência das ações do operador turístico, neste caso. Por sua vez as oportunidades e ameaças são os fatos alheios ao operador, ou seja, as tendências do ambiente externo agindo sobre o negócio.

Neste sentido, o levantamento aqui realizado pode variar dependendo da empresa ou pessoa que irá explorar a proposta de produto, pois não se trata da análise de mercado do produto ou da cidade propriamente dita, mas sim do operador turístico.

4.2.3.1 Ambiente interno

Os pontos negativos iniciais do roteiro turístico aqui proposto são diversos e precisam de medidas para a correção ou pelo menos a minimização. Por outro lado o roteiro também possui muitos pontos positivos que devem ser alavancados através de medidas gerenciais. Essas forças e fraquezas são avaliadas no ambiente interno do negócio, também chamado microambiente, e são passíveis de manipulação pelo operador turístico.

Assim, as fraquezas levantadas para essa fase inicial do produto proposto, bem como as medidas a serem tomadas em cada variável são as seguintes:

Produto turístico novo e desconhecido : Intensificar a divulgação do roteiro em redes sociais com sorteios e preços especiais de lançamento;

Carência de informações turísticas aproveitáveis: Investir em pesquisa especializada de mercado e treinamento de guias de turismo na cidade, bem como focar na valorização histórica da cidade e realizar inventários;

Grande distância entre os alambiques: Incluir atrativos e recreações internamente no veículo entre cada ponto como músicas e dançarinos, bem como na caracterização do veículo, ou ainda a exploração de apenas um alambique por dia;

Carência de outros atrativos culturais: Criar e patrocinar eventos culturais na cidade para que atraia turistas com frequência e complemente a experiência deles agregando valor; e

Inoperância de alambiques em finais de semana Intensificar a busca de visitantes vindos de cidades nas quais há feriado local e também combinar operações simbólicas para demonstração nos alambiques em visitas de fim de semana.

As forças levantadas para o explorador do Canaviagem, por sua vez, bem como as possíveis medidas para melhor proveito são:

Ideia e conceito de roteiro diferenciado: Segmentar a oferta para o público que busca experiências com natureza e com identificação rural;

Proximidade de cidades maiores como Ubá, Piranga e Viçosa: Fazer parcerias de traslado com prestadores destas cidades;

Paisagens naturais e culturais atrativas ao turismo: Estabelecer pontos de visitação também nos outros casarões antigos, outras cachoeiras, matas e outros atrativos exclusivos do meio rural;

Custos operacionais reduzidos: Concorrer por visitantes com lugares que também oferecem turismo similares na região como Lavras Novas, em Ouro Preto e o Parque Estadual Serra do Brigadeiro, em Araponga, por exemplo; e

Reduzidas despesas de divulgação e vendas: Criar páginas em redes sociais como no Facebook, no Instagram, grupos de compras e atender também por aplicativos de mensagens.

4.2.3.2 Ambiente externo

As ameaças e oportunidades que circundam o produto turístico a criar também são diversas. O ambiente externo ou macro ambiente é onde ocorrem

fatores que podem afetar o negócio e que não é passível de manipulação pelo operador turístico. Esses fatores podem ser fenômenos da natureza ou ambientais, ações governamentais, fatores tecnológicos, demográficos e sociais. Assim, quando estes eventos representarem ameaças, ou seja, possibilidade de trazer prejuízos ao negócio, o operador deve evita-lo ou antecipar a amenização de seus efeitos. Quando os eventos representarem oportunidades, ou seja, potencial de beneficiar o negócio de alguma forma, deve ser aproveitado.

Nos levantamentos realizados identificou-se que as principais oportunidades para o explorador do roteiro turístico em estudo são: mercado do turismo em constante crescimento em todo o mundo; incentivo do governo com liberação de vistos para visitantes de alguns países; apoio e suporte técnico gratuito ou de baixo custo pelo SEBRAE e Ministério do Turismo; interesse do governo municipal na atividade e da população em geral; tendência de valorização do patrimônio e culturas diferentes; tendência de redução tributária para os pequenos negócios e de facilitação de crédito empresarial; crescimento do movimento chamado Cidades Lentas; uso de smartphones para operações de divulgação, vendas e cobrança; e definição da cachaça como produto exclusivamente brasileiro; ausência de produtos que concorram de forma direta com o roteiro proposto atualmente.

Por sua vez as principais ameaças identificadas para o negócio foram o alto índice de desemprego no país; aumento na quantidade de crimes violentos em Presidente Bernardes, o que é uma ameaça para o negócio embora seria uma fraqueza em uma análise da cidade; reduzidos serviços turísticos atuais preparados para atender os turistas com qualidade como hotéis e restaurantes parceiros; dificuldade de operação em períodos chuvosos considerando as condições das estradas ainda mais prejudicadas para se chegar nos alambiques; riscos de encontros inesperados com animais perigosos, sejam selvagens ou domesticados, como cobras, escorpiões, bois, cães, lobos e até onças; sazonalidades do serviço altamente dependente de períodos de férias e feriados; risco de danos e poluição ambiental pela atividade; resquícios de preconceito e resistência ainda existente com relação à cachaça; e deficitária cobertura de telecomunicações e internet na cidade.

4.2.4 Contatos, parcerias e preços

A fase inicial de exploração do roteiro turístico “Canaviagem” contará com serviços terceirizados e produtos já disponíveis na cidade. Um dos primeiros parceiros do roteiro turístico deverá a Pousada e Restaurante Minas Bar, de propriedade do senhor Carlos e localizada na Praça Cônego Lopes. A pousada possui capacidade para hospedar até quinze pessoas em quartos para casais e individuais com diárias em torno de cinquenta reais. Os valores e serviços adicionais serão revisados e contratados periodicamente de acordo com a demanda e avaliação dos turistas. Esta parceria implica em um custo direto variável no roteiro, uma vez que será contratado pelo operador turístico e repassado na forma de pacote e, assim, o seu valor total dependerá da quantidade vendida. Ademais haverá a possibilidade de o roteiro ser ofertado também sem hospedagem para ampliar o público atendido.

A segunda parceria a se fazer é com os donos de alambiques de Presidente Bernardes que participarão do roteiro. Nesta fase do projeto foram selecionados o alambique da cachaça Água Limpa, na fazenda de mesmo nome de propriedade do senhor Antônio, o alambique da cachaça Sem Nome, de propriedade do senhor Juvenil, na fazenda Pitanga, e o alambique da cachaça Calambau/ Engenho Calambau, de propriedade do senhor Alberto, na Fazenda Catas Altas. A parceria com estes produtores permitirá que os visitantes conheçam o modo de produção artesanal da cachaça e a histórias das fazendas contada pelo guia, pelo fazendeiro e/ou por quem ele designar para receber os visitantes. Em contrapartida a parceria lhes dará ampla divulgação de suas marcas de cachaça e elevação do posicionamento de mercado, bem como a possibilidade de vender ali a bebida, bem como lembrancinhas e outros produtos alimentícios ou não. A recepção nos alambiques não implicará em custos diretos para o operador, podendo negociar os valores variáveis conforme consumação dos visitantes. O tempo estimado de permanência em cada um desses alambiques é de trinta minutos a uma hora, conforme interesse do grupo.

Outro parceiro importante serão os bares e restaurantes ao longo do percurso do roteiro Canaviagem. Em especial destaca-se o Pesque e Pague do Tilé, onde será servido almoço por conta e gosto dos visitantes, conforme preços e prato

típico a serem informados no início do roteiro e previamente combinado com a administração do estabelecimento. O tempo estipulado para almoço será entre uma hora e uma hora e trinta minutos para que os visitantes possam descansar ou conhecer outros serviços do estabelecimento, como bebidas, pesca, entre outros. Este ponto do roteiro também não implicará em custos diretos para o operador, que poderá aprofundar a parceria quando interessante para valorização indireta do roteiro por meio do estabelecimento, assim como pode ocorrer com os alambiques.

As demais paradas serão em locais de acesso público não necessitando de parcerias para isso. Todavia é imprescindível a parceria com outros estabelecimentos comerciais e de serviços na cidade como bares, restaurantes, lojas de artesanatos, artistas e principalmente com órgãos públicos como a polícia militar e a prefeitura para as colaborações possíveis. Essas parcerias são importantes para que a experiência do turista na cidade seja a melhor possível e para que ele sempre queira retornar a Presidente Bernardes e também convidar outras pessoas para fazê-lo. Essas parcerias se concretizarão por meio de treinamentos oferecidos, convênios, entre outros investimentos técnicos e financeiros na cidade por meio de iniciativas dos operadores e parceiros.

O serviço de locomoção durante o roteiro, saindo da Praça Cônego Lopes, em Presidente Bernardes, e retornando à mesma por outro caminho, após percorrer estimados sessenta quilômetros de estradas de terra, necessitará de um veículo adequado o qual nesta etapa poderá ser feita uma parceria com empresas locadoras de veículos ou com motoristas de van devidamente regularizado. Esta parceria, por sua vez, implicará em um custo fixo e direto do roteiro, pois não depende diretamente da quantidade de clientes atendidos. A estimativa para o aluguel de van, com motorista e capacidade para até quinze passageiros, é em torno de trezentos reais pela diária considerando também a estimativa de percurso em sessenta quilômetros, sendo necessária apenas uma diária. O aluguel da van também pode ser feito por unidade do quilômetro rodado, ficando em torno de três a cinco reais por quilômetro. Assim, em ambas as opções de contratação, o gasto fixo com transporte seria em torno de trezentos reais.

Outro gasto fixo a ser considerado é a remuneração do guia de turismo. Nesta proposta de roteiro considera-se um valor de quatrocentos reais, sendo este o valor para diária fixado pelo tarifário da Associação Brasileira de Guias de Turismo

(ABGTUR). Todavia a forma de contratação do guia não será detalhada aqui, pois o guia pode ser o próprio operador turístico de acordo com o produto proposto neste trabalho. Esta estimativa é trazida à tona apenas para balizar a estimativa desses principais custos como listado a seguir:

- a) 15 (quinze) serviços de hospedagem no centro da cidade com café da manhã incluso (duas diárias a R\$ 40,00 cada) R\$ 1200,00;
- b) 1 (uma) diária de locação de van com motorista para percorrer cerca de 55 km com paradas, capacidade para quinze pessoas R\$ 300,00;
- c) 2 (duas) diárias/ serviços de guia de turismo para orientar o grupo de até quinze visitantes durante o roteiro R\$ 400,00

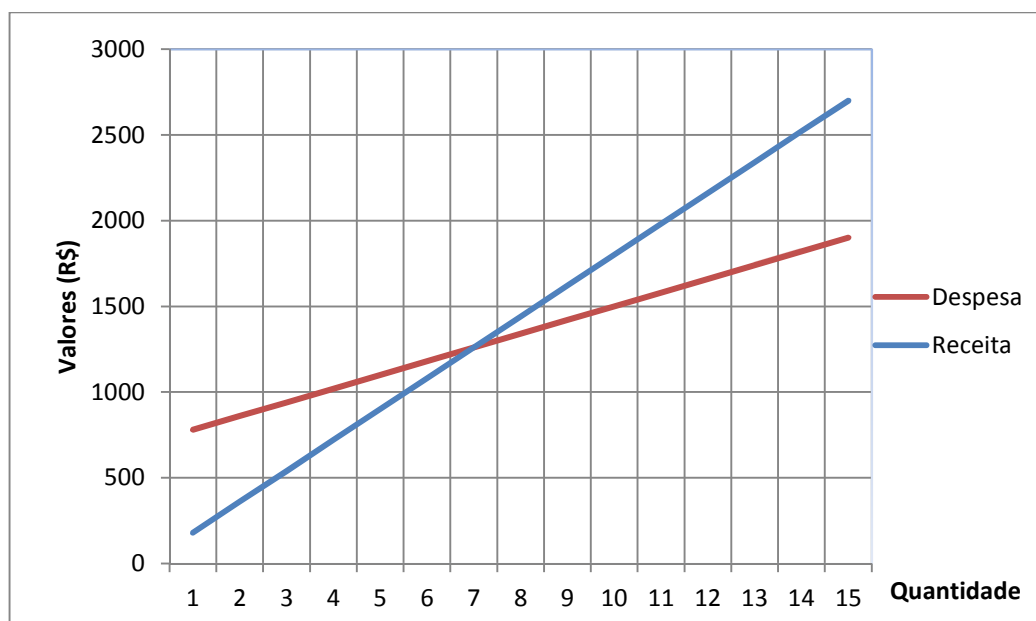
Assim, o custo total de um pacote do Canaviagem com um total de 15 (quinze) participantes é estimado em R\$ 1900,00 (um mil e novecentos reais).

Em contrapartida estima-se que o pacote possa ser comercializado em R\$ 180,00 (cento e oitenta reais) por visitante totalizando um faturamento estimado de R\$ 2700,00 (dois mil e setecentos reais).

Os valores levantados demonstram que o roteiro Canaviagem, quando comercializado juntamente com a hospedagem e em sua capacidade operacional total, que é de quinze pessoas, possibilita um lucro bruto de oitocentos reais. Deste valor poderão ser deduzidas outras despesas menos significativas como impostos, seguros e taxas que poderão ser calculados em outros estudos mercadológicos que objetivem maior precisão nestes dados.

A operacionalização do roteiro em sua capacidade máxima, entretanto, trata-se de uma situação ideal que amplia o lucro pela redução do custo fixo unitário. Todavia essa situação ideal frequentemente pode não ocorrer. Neste sentido é importante calcular o ponto de equilíbrio da oferta, ou seja, a quantidade vendida que faz o total de despesas igualar-se ao da receita e, operando abaixo dessa quantidade, o roteiro não é lucrativo. Assim, calcula-se o ponto de equilíbrio conforme o seguinte gráfico 2.

Gráfico 2 - Ponto de equilíbrio do pacote com hospedagem



Fonte: Elaboração própria com base em levantamentos da pesquisa

O ponto de equilíbrio é, portanto, a quantidade de sete canaviajantes por passeio, o que faz com que as despesas e a receita sejam iguais a setecentos reais. Considerando que o custo variável neste roteiro, tal seja a hospedagem, será cobrado do cliente pelo mesmo valor contratado junto à pousada, o ponto de equilíbrio não sofrerá influência com a formação do pacote. Portanto, abaixo desta quantidade o roteiro será realizado com prejuízos e, por outro lado, haverá lucro quando operacionalizado com quantidade de clientes acima de sete.

O preço de venda foi definido em R\$ 100,00 (cem reais) ou R\$ 180,00 (cento e oitenta reais), se inclusa a hospedagem, de forma a minimizar o risco de prejuízos com a operacionalização abaixo do preço de equilíbrio. Este preço permitiu um ponto de equilíbrio equivalente a pouco menos da metade da capacidade operacional. Assim, o preço de venda cobre os custos variáveis e contribui significativamente para a cobertura dos custos fixos do roteiro (ou do pacote), aumentando a lucratividade do Canaviagem.

Ademais, o preço de venda definido levou em conta também a oferta de serviços turísticos de outras cidades que concorrerem diretamente com o Canaviagem como o Trem da Vale (Ouro Preto-Mariana) e outros City Tour em Ouro Preto ou Belo Horizonte, por exemplo. O preço do Canaviagem é competitivo considerando que muitos outros serviços são mais caros ou têm menor duração (a

maioria de apenas uma hora e trinta minutos). Além disso, o Canaviagem propõe maior quantidade de atrativos em um percurso maior, incluindo atrativos naturais.

Entretanto este preço ainda pode sofrer consideráveis variações a depender do poder de negociação do operador e sua predisposição ao risco do negócio. Conforme verificado no teste realizado do Canaviagem e relatado adiante, por exemplo, poderá ser considerado um ponto de equilíbrio maior ou menor e também poderão ser negociadas formas de reduzir os custos de transporte e do guia.

A divulgação será feita predominantemente pela internet, para aproveitar este recurso de baixo custo ou até mesmo gratuito, como nas redes sociais. O Canaviagem também será divulgado em agências de viagens e demais prestadores de serviços turísticos parceiros.

4.3 Teste de conceito do Canaviagem

O planejamento aqui elaborado nesta parte do trabalho já demonstra a viabilidade do roteiro Canaviagem. Ainda assim considera-se interessante a realização de pelo menos um passeio experimental para avaliação do produto antes da sua efetiva exploração.

O teste de conceito é uma ferramenta de pesquisa compreendida em pesquisas de mercado predominantemente usada na área do Marketing para o lançamento de novos produtos, serviços e marcas ou a alteração daqueles já existentes. Como o nome já sugere, trata-se da submissão do protótipo do produto ou serviço ao teste com a experimentação das funcionalidades e consumo pelos potenciais clientes e avaliação por estes. A partir desta avaliação é possível analisar se o produto ou serviço é suficientemente comunicativo, necessário, possui credibilidade, se aproxima de outros já existentes, qual o seu valor percebido, entre outros dados importantes para que os investimentos e esforços sejam bem direcionados e impliquem no sucesso do novo produto ou serviço.²³²

O teste de conceito descrito nesta parte do trabalho busca utilizar linguagem mais simplificada possível, sendo que o Canaviagem se destina a exploração por

²³² KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

diversos interessados de diversos níveis e especialização do conhecimento como levantado anteriormente.

4.3.1 A preparação do teste

Inicialmente a expectativa era de que o teste de conceito do Canaviagem fosse realizado exatamente na forma planejada nesta parte do trabalho. Houve a tentativa de que neste momento de teste o passeio fosse destinado predominantemente à população local, em um total aproximado de dez pessoas, e mais um total de cinco visitantes da cidade de Viçosa, especialmente membros da comunidade ufeviana. A predominância pretendida para público local se devia à necessidade de que este produto seja primeiramente de seu interesse e, com isso, os bernardenses se identifiquem com o produto e também se sintam, de fato, responsáveis pela valorização e divulgação de seu Patrimônio Cultural, especialmente a tradição que envolve a cachaça artesanal na cidade.

O teste do roteiro Canaviagem pretendido seria gratuito e ao final os participantes preencheriam questionários de avaliação e poderiam gravar entrevistas a serem usadas em futura divulgação do produto.

Para melhor viabilização deste teste do Canaviagem buscou-se a realização de parcerias junto à UFV e junto à Prefeitura Municipal de Presidente Bernardes, ao menos para a disponibilização dos meios de transporte, parcerias estas que se mostraram perfeitamente possíveis. Todavia estas parcerias não foram efetivadas por dois motivos principais. O primeiro foi por causa da dificuldade encontrada pelo pesquisador em cumprir os trâmites burocráticos e políticos para que os veículos fossem liberados no prazo, tanto o veículo para deslocamento dos testadores de Viçosa para Presidente Bernardes numa quinta feira quanto o veículo maior para deslocamento do grupo em Presidente Bernardes numa sexta feira do Canaviagem. O segundo principal motivo é que, mesmo se disponibilizado o transporte pela UFV e pela Prefeitura de Presidente Bernardes, ainda haveriam restrições e outras despesas de difícil mensuração para o produto que não fosse apenas o protótipo testado caso, sendo que a exploração possivelmente não será exclusiva pela prefeitura de Presidente Bernardes.

A partir desta constatação buscou-se realizar o teste de conceito totalmente com recursos próprios do pesquisador, valendo-se de negociações como as que poderão valer-se quaisquer operadores turísticos pelos quais este produto será explorado em um cenário real.

Neste momento definiu-se que o ponto principal do Canaviagem é o segundo dia do passeio previsto, pois este envolve mais diretamente a cachaça e alambiques, ao mesmo tempo em que envolve mais custos fixos e carece de melhor planejamento. Considerando ainda a escassez de recursos para a pesquisa e as limitações também de tempo tanto do pesquisador quanto dos demais testadores para testarem o produto por três dias, decidiu-se apropriado comprimir o Canaviagem em apenas um único dia. Ademais as atividades propostas para os outros dois dias planejados inicialmente permanecem como sugestão de incremento ao Canaviagem conforme interesse dos futuros clientes. Este interesse deverá ser verificado pelo operador no momento de fechamento do pacote junto aos clientes.

Vale ressaltar que antes da decisão de realização do teste em um único dia, as pesquisas encontraram um único prestador de serviço de van em Presidente Bernardes e este propôs o preço de R\$ 650,00 (seiscentos e cinquenta reais) para o percurso planejado inicialmente saindo da Praça Cônego Lopes em uma van com capacidade para quinze passageiros. Também foi recebida a proposta de hospedagem em pousada na mesma praça no valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) por diária (per noite).

Tendo unificado o teste de conceito para um dia, continuou-se pretendendo que a maioria dos participantes fossem bernardenses. Porém o ponto de partida seria no distrito de Cruzes, onde foi localizado um prestador de serviço de transporte que chegou a ser contratado para realizar o mesmo percurso, embora em sequência diferente da planejada inicialmente. O preço contratado foi de três reais por quilômetros rodados, correspondendo a cerca de R\$ 200,00 (duzentos reais) em uma Kombi com capacidade para onze passageiros. Esta contratação foi realizada após negociações no distrito e por telefone entre os dias 23 e 25 de janeiro de 2020, sendo confirmada para o dia 31 de janeiro de 2020, uma sexta feira, após o pesquisador agendar com os proprietários de alambiques que se interessaram em receber o teste, bem como após observação da previsão do tempo. Ainda no dia 27 de janeiro de 2020 o pesquisador fez a verificação das condições trajeto

encontrando uma ponte caída na melhor estrada principal que liga a localidade de Bananeiras à sede do município. Segundo populares que ali se encontravam a ponte já seria refeita até o dia seguinte, mas não foi possível fazer nova verificação.

O Canaviagem foi divulgado, figura 13, em redes sociais a partir do dia 28 de janeiro de 2020, especialmente em um grupo do Facebook denominado “A turma de Cruzes, terra querida”, no qual socializam-se quase novecentos membros moradores e ex-moradores do distrito. Muitos demonstraram curiosidade e esperança sobre o Canaviagem no primeiro dia de divulgação, porém não puderam confirmar presença por compromissos já assumidos, como consultas médicas em outras cidades ou término das férias exatamente no dia do passeio.

Figura 13 - Divulgação do teste de conceito do Canaviagem



Canaviagem
Turismo de cachaça e curiosidades em
Presidente Bernardes
Dia: 31/01/2020 (sexta-feira) a partir das 8hs

Passeio pela tricentenária cidade mineira com uma experiência diferenciada sobre sua cultura e natureza, especialmente suas tradicionais cachaças

Preços: Gratuito*
Inclusos: transporte, visitas e almoço.
 *Valor exclusivo para testadores
 Venda e uso proibidos para menores de 18 anos.
 Será exigido documentos de identificação com foto

Vendas: Ednir Matias - (31) 98737-9776
 e-mail: ednirmatias@gmail.com

Realização:  Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional em
Patrimônio Cultural, Paisagem e Cidadania
 Universidade Federal de Viçosa

Fonte: Elaboração própria para divulgação

Ainda neste primeiro dia de divulgação o pesquisador recebeu contato com o prestador de transporte contratado solicitando alteração da data, pois havia se esquecido de outro compromisso também já assumido para o veículo. A alteração foi considerada inviável, pois atrasaria muito os próximos passos da dissertação, além da dificuldade de readequar as datas junto aos alambiques e os participantes já confirmados de Viçosa, os quais também teriam retornado das férias em fevereiro.

Assim, optou-se pela pesquisa de transporte em Viçosa e no dia 29 de janeiro de 2020 contratou-se o serviço do senhor José Soares pelo preço de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para fazer o percurso com partida e retorno com todos os quinze passageiros já a partir de Viçosa. A partir deste momento decidiu-se não ampliar a divulgação do passeio em Presidente Bernardes, pois não seria mais viável que a maioria dos testadores fosse daquela cidade.

A seleção do grupo para o passeio, no breve período ainda restante, buscou torna-lo o mais diversificado possível, contando com três pessoas de idade entre 18 e 30 anos, seis adultos entre 31 e 50 anos, três pessoas entre 51 e 80 anos, incluindo aí o motorista, e três crianças de até 10 anos acompanhadas dos pais. Entre os participantes constavam estudantes, profissionais liberais/ autônomos, professora, industriários, funcionário público e alguns desempregados. Pela limitação de prazo para confirmação dos participantes e envio dos dados aos órgãos fiscalizadores de transporte em Viçosa, a maioria dos participantes era parente ou amigo do pesquisador.

Outra limitação encontrada no planejamento do teste foi para contratação de Guia de Turismo regulamentado que conhecesse o atrativo explorado, ou seja, Presidente Bernardes e suas cachaaças. Isto porque, embora o registro do profissional no Cadastur seja gratuito, como citado anteriormente, é preciso que o profissional comprove ter realizado o curso técnico de mesmo nome com duração mínima de oitocentas horas em instituição reconhecida pelo Ministério da Educação. Fato é que não há, com isso, guia de turismo cadastrado nem em Viçosa e nem em Presidente Bernardes. Os profissionais mais próximos encontrados foram nas cidades de Ouro Preto e Mariana. Assim este também se torna um desafio aos operadores turísticos que forem explorar o Canaviagem.

O teste de conceito do Canaviagem, portanto, foi realizado sem o serviço de um guia que conhecesse o destino, contando apenas com a orientação e as apresentações possíveis de serem feitas pelo próprio pesquisador.

O teste contou ainda com almoço de cortesia, bem como água mineral e balas em todo o passeio e uma minigarrafa de cachaça personalizada como lembrancinha do Canaviagem, figura 14. O único gasto que os testadores tiveram foram o consumo não previsto no pacote, em especial as cachaças que puderam comprar no alambique da cachaça Água Limpa e no alambique da cachaça Calambau e Engenho Calambau.

Figura 14 - Lembrancinha do Canaviagem



Fonte: Arquivo pessoal

4.3.2 Relatório da experiência Canaviagem

O teste de conceito do Canaviagem aconteceu, portanto, no dia 31 de janeiro de 2020, saindo os participantes, na van contratada, às sete horas e trinta minutos da Barrinha, bairro de Viçosa na saída para Porto Firme. Saindo da rodovia BR 356/ BR 482 à esquerda na localidade denominada Estiva, houveram agradecimentos, boas vindas e orientações sobre o passeio e seguiu-se em estrada de chão em direção ao distrito bernardense de Cruzes. Foi possível aos participantes visualizar os limites do município de Presidente Bernardes, em especial o local onde os municípios de Porto Firme, Paula Cândido e Presidente Bernardes fazem uma tríplice fronteira chegando em Cruzes. Visualizaram também as sedes de fazendas que já foram grandes produtoras de cachaça nas até as décadas de 1990

e 2000, bem como outras curiosidades. As visualizações foram apenas pelas janelas de dentro do veículo, por não ter sido possível combinar a visitação nestes locais além de que isso prolongaria ainda mais o longo passeio.

A primeira parada na praça de Cruzes por volta das nove horas e trinta minutos, onde os participantes contemplaram a modesta igrejinha dedicada à São Nicomedes, bem como alguns tradicionais vendinhas antigas.

Partindo dali e visualizando outras ruralidades pelo caminho, como moinhos de pedra movidos a água e cachoeiras, a segunda parada foi na Cachoeira Grande, figura 15, onde, após estimados quinhentos metros de caminhada forçados pelo acesso impossibilitado para veículos em razão das chuvas recentes, os participantes puderam admirar o local onde provavelmente intensificou-se a produção de cachaça na região a partir da concessão de sesmarias na década de 1770.

Figura 15 - Apresentações da Cachoeira Grande no Rio Xopotó



Fonte: Arquivo pessoal

Após retornar um pouco até uma antiga ponte para atravessar o Rio Xopotó e, junto à margem esquerda até as proximidade de sua foz no Rio Piranga, finalmente aconteceu a primeira parada em alambique tal seja o fabricante das cachaças Engenho Calambau e Calambau, figura 16. Os proprietários atenderam dedicadamente o grupo, demonstrando todo o processo de produção da cachaça, desde a plantação de cana ao engarrafamento, permitindo ainda a degustação pelos visitantes. A visita ao alambique da Cachaça Engenho Calambau iniciou-se por volta das dez horas e durou aproximadamente uma hora, podendo os visitantes ainda contemplar antigos objetos rurais como antigos arados e carros de bois.

Figura 16 - Visita ao Alambique Engenho Calambau



Fonte: Arquivo pessoal

Em seguida o passeio seguiu em direção ao perímetro urbano de Presidente Bernardes enquanto os visitantes ainda puderam apreciar paisagens e curiosidades rurais pelo caminho, canaviais, bem como alguns alambiques inativos ou que não foi firmada parceria de visitação. Chegando à sede da cidade, enquanto atravessava-se a única ponte sobre o Rio Piranga que suporta veículos em toda a exten  o do município, foi apresentado o parque de exposições Kaquim Quintão e explicada o principal evento cultural da cidade que nele ocorre anualmente, todo último final de semana do mês de julho, desde 1984: a Festa da cana e festival da cachaça de Presidente Bernardes.

A quarta parada aconteceu por volta das onze horas e trinta minutos na Praça Cônego Lopes. Nesta praça localiza-se o Minas Bar, onde os participantes almoçaram, e também localizam-se famosas edificações antigas de Presidente Bernardes que puderam ser apreciadas após o almoço, tais como o Bar do Hugo e outros casarões, o chafariz e outros atrativos do Jardim Dois Irmãos, o Jardim JK e a Igreja Matriz de Santo Ant nio, que é um dos principais cartões postais da cidade.

Os participantes tiveram um tempo livre após o almoço para circular pela praça e por volta das treze horas se movimentar para visitar a fazenda  gua Limpa, figura 17. O pesquisador informou aos demais no caminho que a visita seria limitada, pois o proprietário não estaria disponível no local para receber o grupo em razão da

reforma que fazia no alambique e necessidade de buscar materiais em outro local por todo o dia, conforme já havia informado ao pesquisador anteriormente na preparação. Ainda assim o proprietário encarregou outros colaboradores que recebeu o grupo, mostrou o funcionamento da roda 'água que movimenta o engenho na fazenda, venderam boa quantidade de cachaça e permitiram a degustação também para os que desejaram. Outras curiosidades da fazenda, sua cachaça e história foram apresentadas também pelo próprio pesquisador.

Figura 17 - Apresentação do engenho Água Limpa



Fonte: Arquivo pessoal

Após a visitação à fazenda Água Limpa, por volta das quatorze horas quando o tempo demonstrava a vinda de uma tempestade iminente pelos fortes trovões, decidiu-se descartar a tentativa de visitar a fazenda Bananeiras, na mesma estrada que apresentava grande possibilidade de se fazer intransitável para o veículo. Assim, houve a tentativa de visitar ainda o Pesque Pague Vista Alegre, onde se fabrica a cachaça Água Limpinha, na estrada que liga Presidente Bernardes à Rodovia BR 356/ BR 482. Contudo, como o pesquisador havia informado ao proprietário a estimativa de que chegariam por volta das onze horas, não foi mais possível encontrar o proprietário para apresentar seu alambique quando o grupo chegou ali por volta das quatorze horas e trinta minutos.

A partir dali o grupo se dirigiu de volta para Viçosa passando por Porto Firme e, de fato, logo caiu uma breve chuva, mas sem grandes preocupações sendo que a citada estrada é pavimentada com asfalto.

Antes da apresentação dos resultados e avaliações recebidas dos testados do Canaviagem é importante destacar, portanto, as despesas efetivadas com os

participantes para este teste que, embora não tenha tido receita, será comparado ao valor percebido pelos participantes para verificação da viabilidade.

Foi contratado um serviço de transporte em van para percorrer aproximadamente 160 km em estradas rurais e asfalto, partindo de Viçosa-MG e retornando no mesmo local, com paradas e capacidade para quatorze pessoas num valor de quinhentos reais que equivalem a trinta e cinco reais e setenta e um centavos por participante, excluindo-se no rateio o motorista e o organizador e incluindo a vaga não preenchida que representaria um prejuízo do negócio sendo um custo fixo. O serviço de guia de turismo não foi possível de ser contratado por não existir tal profissional regulamentado na região, mas o valor de sua diária de duzentos reais foi calculado por deverá ser observado em quaisquer cenários, o que corresponde ao rateio de quatorze reais e vinte e oito centavos por participante, excluindo-se novamente o motorista e organizador e incluindo a vaga não preenchida pelo mesmo motivo. Os almoços de todos os participantes foram também cortesia do teste do Canaviagem, totalizando cento e sessenta e nove reais que correspondem a uma média de treze reais por participante, não considerando o motorista, o organizador e nem a vaga não preenchida, sendo este custo variável. Foram distribuídas lembrancinhas do Canaviagem aos treze participantes e ao motorista e estas custaram cinco reais cada totalizando setenta reais. Também foram ofertadas água mineral gelada e balas para os participantes num total de trinta reais e vinte e quatro centavos que, rateados entre os treze participantes e o motorista equivale a dois reais e dezesseis centavos por participantes. Assim, a gasto total do experimento ficou em R\$ 969,24 (novecentos e sessenta e nove reais e vinte e quatro centavos) e o somatório dos gastos unitários por cada participante ficou em R\$ 70,15 (setenta reais e quinze centavos).

A diferença entre valor calculado total e o valor calculado em rateio por participante se deve ao quantitativo de participante não ser o mesmo em todas as despesas, como na do almoço que são treze unidades e as demais são quatorze. Isto porque algumas despesas são fixas para a capacidade total e outras variam de acordo com a quantidade de participantes efetivada.

A seguir são apresentadas os resultados do teste de conceito realizado com base na avaliação dos participante, bem como na observação do pesquisador.

4.3.3 Resultados do teste de conceito

Ao final do passeio foram distribuídos questionários de avaliação do Canaviagem aos participantes capazes, ou seja, não participaram as crianças, bem como um idoso de pouca lucidez. Um jovem também não enviou as suas respostas até a apuração dos resultados e, portanto, um total de 9 (nove) avaliações foram recebidas. Neste questionário foi solicitada a avaliação voluntária e sincera respondendo aos seguintes tópicos:

1. Cite alguma (s) coisa (s) que, em sua opinião, torna (m) a experiência do Canaviagem muito **positiva** e agradável.
2. Por favor, cite também a (s) coisa (s) que, em sua opinião, foi (foram) **negativas** e desagradáveis neste primeiro Canaviagem.
3. Sendo 0 (zero) para totalmente insatisfatório e 10 (dez) para totalmente satisfatório, **qual nota** o Canaviagem merece na sua opinião?
4. Considerando toda a experiência deste dia, em sua opinião, qual seria o **preço adequado**, em reais, para o passeio se manter e ser atrativo?
5. Agradecemos imensamente a sua contribuição e pedimos que finalize nos deixando **sugestões de melhorias** para o Canaviagem.

O questionário foi importante para identificar considerações não percebidas por meio da observação participante e conversas informais durante todo o passeio. Os próprios participantes sugeriram que as respostas fossem enviadas após o passeio e isso, de fato, permitiu a coleta de informações mais completas de suas opiniões sobre a experiência vivenciada.

Entre os pontos positivos constantes nas avaliações do passeio os participantes apontaram as paisagens da cidade, como montanhas, casarões e cachoeiras, assim como a história da cidade, a oportunidade de degustação e uma boa organização do passeio. Também foram apontados como positivos os preços e a variedade de cachaça. A experiência de conhecer detalhes do trabalho dos produtores da cachaça Engenho Calambau, que explicaram todo o processo e sua boa receptividade foi o apontamento positivo mais frequente, sendo citado em cinco do total de dez avaliações. A preparação/ organização do passeio foi a segunda mais apontada como positiva numa frequência de quatro citações no total de dez avaliadores, sendo que um dos participantes destacou a importância da organização

para “que não passássemos em lugares repetidos tornando ainda mais agradável e animado o passeio”.

Um dos pontos negativos apontados por duas vezes foi o desencontro ocorrido com um dos proprietários de alambique, não sendo possível a visita. Também foi apontado como negativo em duas avaliações a data do passeio realizado, sendo que uma preferia um fim de semana e outra preferia um período em que os alambiques estivessem produzindo. Outra avaliação negativa foi a má condição das estradas. Duas avaliações negativas foram em relação também ao tempo de visita em cada alambique, sendo que em uma das avaliações consta que este poderia ser repensado, sem citar se deveria ser maior ou menor, e outra avaliação apontou que a visita em dois alambiques já seria suficiente. Ainda foi avaliado como negativo que o passeio não seria interessante para crianças. Duas das avaliações apontaram que não haveria pontos negativos. Uma quarta avaliação citou como único ponto negativo a queda de uma dupla de jovens de uma motocicleta logo à frente da van enquanto retornava para Viçosa pela rodovia, talvez por ter forçado uma breve frenagem brusca.

As notas que os participantes atribuíram para sua satisfação quanto ao Canaviagem variaram entre oito e dez, sendo que seis deles atribuíram nota dez e as notas oito, nove e nove e meio foram atribuídas uma vez cada.

A opinião dos participantes quanto ao preço adequado para o passeio, por sua vez, variou entre R\$ 50,00 (cinquenta reais) e R\$ 100,00 (cem reais). Uma das participantes teve dificuldades em opinar sobre o preço adequado e foi orientada pelo pesquisador a deixar esta questão em branco, portanto o total de respostas para esta questão foi de nove participantes.

O preço apontado como adequado mais frequentemente foi R\$ 50,00 (cinquenta reais) sendo citado em três das avaliações. Em seguida o preço de R\$ 70,00 (setenta reais) foi citado duas vezes. Os preços de R\$ 35,00 (trinta e cinco reais), R\$ 60,00 (sessenta reais), R\$ 80,00 (oitenta reais) e R\$ 100,00 (cem reais) foram citados uma vez cada.

Por fim, as sugestões citadas nas avaliações foram para “levar o tira gosto”, visitar alambiques mais próximos uns dos outros para aproveitar mais o trajeto, tornar paradas mais atrativas com alguma atividade interativa, divulgar com antecedência, combinar a orientação em todos os alambiques, melhorar as estradas,

fixar horário de retorno, alterar levemente o nome para Canavialgem e fazer outras viagens para outras cidades.

Além das respostas obtidas este pesquisador, enquanto organizador do passeio, pôde perceber ainda algumas outras questões relevantes para a exploração do Canaviagem. Uma delas é que surpreendentemente o almoço incluso no passeio, que representou o terceiro maior gasto no total por participante, não foi citado como ponto positivo em nenhuma das avaliações. O mesmo aconteceu com a lembrancinha distribuída ao final do passeio.

Outra observação de ponto negativo foi a dificuldade de comunicação de algumas mensagens na van enquanto em movimento, podendo ser amenizado com algum equipamento de amplificação de som, como um microfone, por exemplo.

O presente teste de conceito buscou dispensar modelos estatísticos precisos para análises, focando a atenção nas análises qualitativas dos dados. Tanto que se evitou chamar os valores mais frequentes ou que mais se repetem de “moda”, mesmo sendo essa medida considerada apropriada para analisar qualitativamente as opiniões. Todavia as considerações sobre a variável preço adequado necessitam de uma estatística para a análise, pois a moda, tal seja R\$ 50,00 (cinquenta reais) não é a medida que melhor reflete uma homogeneidade das resposta por corresponder a apenas 37,50% das respostas. A definição deste valor como o padrão não significaria que a opinião do grupo estaria representada nem de perto.

Neste sentido preferiu-se considerar a média aritmética das respostas como sendo aquela que melhor identifica o grupo, obtendo, então, o valor de R\$ 66,25 (sessenta e seis reais e vinte e cinco centavos).

A partir deste valor médio tido como apropriado para o passeio pode-se constatar que o Canaviagem, neste momento de teste de conceito, não teria sido rentável se o seu objetivo fosse apenas o lucro, pois os gastos apurados por cada participante foi de R\$ 70,15 (setenta reais e quinze centavos) conforme demonstrado anteriormente.

Todavia, para a operacionalização do Canaviagem em um cenário real proposto neste trabalho, ou seja, buscando contribuir para a criação de renda e a valorização do patrimônio no município, algumas modificações poderão ser feitas pelo operador turístico. Entre elas a principal é a redução do custo fixo com transporte, que foi o maior gasto identificado e pode ser reduzido por meio de

pesquisas de mercado e revisão de negociação conforme demonstrado neste trabalho durante a preparação do teste. O valor da mão de obra do organizador ou do guia não foi efetivamente gasto neste teste, mas foi considerada para aproximá-lo mais perto possível de um cenário real, no qual não seria possível dispensar este serviço a menos que o próprio motorista também prestasse as orientações e apresentações durante o passeio.

Outro valor que pode ser revisto para a redução dos gastos e no preço viável para o pacote é o valor do almoço. A sugestão que se faz é que este não seja incluído no pacote, mas contratado à parte diretamente por cada participante. Isto porque reduz despesas variáveis e também implica em maior liberdade ao cliente em escolher o almoço conforme sua própria preferência e negociação, podendo os organizadores fazer indicações e recomendações entre os diversos concorrentes já existentes na cidade, conforme eventualmente solicitado pelos canaviajantes.

O mesmo pode ser feito com a oferta da lembrancinha para venda e não como cortesia como foi feito no teste de conceito. O fato da lembrancinha não ter sido lembrada nas avaliações sugere que a mesma não acrescentou valor significativo ao passeio. A sugestão que se faz é que ela seja disponibilizada para venda nos locais de parada como alambiques, restaurantes, vendas, etc. Assim reduziria seu custo no passeio e apenas adquiriria a lembrancinha aqueles que realmente desejassem levar aquela recordação para si ou para presentear alguém, podendo dispensá-la se não tiver gostado ou se já tiver recebido a sua em alguma outra ocasião ou Canaviagem anterior.

A exclusão do almoço e da lembrancinha como cortesias do passeio por si só já traria lucratividade para o Canaviagem em 21,28% do preço de venda considerado adequado, pois reduziria os gastos calculados no teste para R\$ 52,15 (cinquenta e dois reais e quinze centavos).

Outra opção de tornar o passeio rentável é aumentar o valor percebido para ele, por meio de efetivas ações de publicidade, melhorar a qualidade dos produtos e serviços envolvidos, como artistas e atividades de recreação e lanches durante o passeio, hospedagem e lazer em cachoeiras, conforme estimado no plano inicial do Canaviagem. Com estas ações poderia se tornar possível até mesmo o aumento do preço de venda para cobrir os custos e gerar lucro. Além disso, em algum momento será necessário estudar algum retorno financeiro para a atividade de recepção nos

alambiques pelos produtores para além da possibilidade de venda de sua produção. Este retorno poderá ser feito pela cobrança de ingresso ou sua inclusão no preço de comercialização do passeio.

A partir destes resultados obtidos, a diante passa-se a tecer considerações sobre a funcionalidade e exequibilidade do Canaviagem.

4.4 Considerações finais

As informações obtidas na realização desta prática do trabalho, ou seja, o planejamento e teste de conceito do Canaviagem, mostraram que se trata de um produto importante para cidade, além de ser inovador e perfeitamente viável como demonstrado.

A comercialização efetiva do Canaviagem ainda necessitará de alguns ajustes e parcerias conforme descrito neste trabalho e preferencialmente novos testes de conceito neste momento inicial de implementação.

As demais sugestões para o produto não chegaram a ser testadas por razões de limitação econômica - financeira da pesquisa, bem como de prazos. Todavia estas observações não prejudicam o produto devendo o operador turístico ficar atento às reações e mudanças do mercado que frequente e naturalmente ocorrem neste ramo de atividade. Assim será possível manter adequado o preço do passeio e sua qualidade e valor percebido de acordo com a observação de seus clientes reais e potenciais.

Por fim, ressalta-se que é de extrema importância que, tanto o operador ou organizador do Canaviagem, como o guia de turismo eventualmente contratado sejam exímios conhecedores de Presidente Bernardes e sua história que foi diretamente relacionada com suas cachaças em vários momentos de seus mais de trezentos anos de colonização. Para isso estes profissionais deverão se valer também das pesquisas realizadas na primeira parte desta dissertação, em especial as descritas no segundo capítulo que aborda especificamente Presidente Bernardes.

De forma a cancelar o Canaviagem como um projeto de desenvolvimento socioeconômico local e de preservação do patrimônio cultural da cachaça, foi produzido ainda um segundo produto complementar ao conceito de turismo proposto, tal seja um filme a partir das pesquisas e dos experimentos realizados. O

filme foi lançado no canal do pesquisador na plataforma de vídeos *Youtube* em 27 de fevereiro de 2020 e é intitulado “Canaviagem: turismo de cachaça e curiosidades de Presidente Bernardes”.²³³ O trabalho visa divulgar o Canaviagem e colaborar com uma autoimagem positiva da cidade de Presidente Bernardes com relação ao patrimônio e à identidade local. Nele constam imagens da cidade e do Canaviagem, bem como, ao fundo, narração do poema “Canaviagem de Presidente Bernardes”, também de autoria do pesquisador com o objetivo de melhor ativar o sentido do público para com o produto e evitar conflitos de direitos autorais. A elaboração do citado poema buscou também conciliar as preferências entre os moradores sobre o nome da cidade, tentando alternar entre Calambau e Presidente Bernardes, conforme transcrito a seguir:

Canaviagem de Presidente Bernardes

Um dos maiores foi Câmara Cascudo
 Fez a cachaça homenagem
 Eu também não vou ficar mudo
 Falo do Canaviagem

Turismo de cachaça e curiosidades
 Uma experiência sem igual
 Conhecendo a querida Presidente Bernardes
 A inesquecível Calambau

Terra de muita beleza
 De gente simples e trabalhadora
 Terra que preserva cultura e natureza
 Da cachaça é grande produtora

Chamada de pinga e de aguardente
 Por tantos nomes é também conhecida
 Se a cachaça é de Presidente
 Certamente é a melhor bebida

Quem não conhece algum alambique
 Dessa cidade tricentenária
 Vem logo ver que coisa mais chique
 Que linda herança identitária

²³³ MATIAS, Ednir Matias. **Canaviagem**: turismo de cachaça e curiosidades de Presidente Bernardes. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CYzhKQu09Zo>. Acesso em 21/03/2020.

A cachaça está na religião africana
 Alegria índio e também cristão
 É atração na nossa festa da cana
 Basta beber com moderação

Aqui a cachaça boa não é pouca
 É das melhores do estado mineiro
 Dessas que dá água na boca
 Só de sentir o cheiro

O cheiro da cana no engenho moído
 Da fermentação da garapa
 Parece que renova a vida
 Faz voar mesmo sem ter capa

Chico Buarque mandou dizer
 Que da cachaça ele era
 Calambau viu sua mãe nascer
 Descendentes de nossa terra

É um lugar bom para todo mundo
 Mesmo se ainda não bebe cachaça
 Tem caipirinha e garapa no copo fundo
 Pinga pura é pra quem acha graça

Não é tão longe de nossas cidades cinzentas
 O céu é bonito a toda hora
 Há cachoeiras e frutas suculentas
 Vem pra Calambau, vem sem demora

Então deixe o trânsito e estresse pra trás
 Ajeite uma confortável bagagem
 Pinga boa e a acolhida a gente faz
 Presidente Bernardes te espera no Canaviagem

Ante todo o exposto, o Canaviagem apresenta grandes chances de sucesso no ramo do turismo em Presidente Bernardes e na região, como demonstrado. Nessa toada o produto tem o potencial de trazer desenvolvimento para a cidade por meio de investimentos em infraestrutura, educação, segurança, trazendo ainda possibilidades diretas de trabalho e renda. Outrossim, o Canaviagem valoriza um importante patrimônio cultural brasileiro na cidade, tal seja a antiga tradição da produção e comercialização da cachaça.

Bibliografia

Livros:

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (ors). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos – 2. ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**. Formação do Brasil no Atlântico Sul – Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 313.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 45.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues [et al.] **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2003. p. 11
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo rural**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 3ª . ed., Brasília (DF): IPHAN, 2012. 36 p. : il. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da cachaça**: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil. Natal: Coleção Canavieira, 1967.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. de Luciano Vieira Machado. 3a. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania?** (10ª reimpressão da 3ª edição de 1995). São Paulo: Brasiliense, 2002
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos [recurso eletrônico]**: decadência do patriarco rural e desenvolvimento do urbano / Gilberto Freyre; apresentação de Roberto DaMatta; biobibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas por Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guarcira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- HARVEY, David. **Paris**: A capital da modernidade. Trad. Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KOTLER, P. **Administração de Marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- MACCARI, Lauren Dal Bo Roncato. **Cachaça**: como legalizar seu empreendimento: conheça os procedimentos para formalizar sua empresa de produção ou comercialização de cachaça e aguardente de cana. Brasília: Sebrae, 2013.
- SOUTO MAIOR, Mário. **Cachaça**: história, humor, medicina empírica, proibições. Rio de Janeiro : Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71
- MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 370 p.

- OLIVEIRA, Cássio Garkalns de Souza e MOURA, José Carlos de. **Turismo: novo caminho no espaço rural brasileiro**. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- PACHECO, Aristides de Oliveira. SILVA, Siwla Helena. Iniciação à enologia. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: São Paulo Editora, 2001.
- PEIXOTO, Fernando André Carneiro. **Manuel da cachaça (contos & casos de boteco): contos recolhidos do tropeiro/alambiqueiro da Fazenda Bananeiras, Emanuel Dorcelino Américo, filho de escravos, que aqui viveu no século passado**. [Presidente Bernardes: s. n.], [2010?].
- PIRES, Alice Regina Pinto; SILVA, Bruna; OLIVEIRA, Izabel Cristina de; PEREIRA, Juliana Ottoni da Silva. **Normalização de trabalhos acadêmicos: atualizada conforme NBR 14724/2011 e NBR 6023/2018**. Viçosa, MG, UFV, BBT, 2019. 114 p. Disponível em: <http://www.bbt.ufv.br/>. Acesso em: 02/06/2020.
- POKHLIYOBKIN, William Vasilyevich. **Uma História Da Vodca**. Tradução: Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, século XVIII-XXI: do monumento aos valores**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SCHÜLER, Arnaldo. **Dicionário enciclopédico de teologia**. Canoas: ULBRA, 2002.
- SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Cachaça artesanal: série de estudos mercadológicos**. Disponível em www.sebrae.com.br. SEBRAE: 2012.
- SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução: Clóvis Marques. São Paulo: Editora Record, 2006.
- SILVA LEME, Luiz Gonzaga da. **Genealogia Paulistana**. São Paulo: Duprat, 1901-05.
- TRINDADE, Alessandra Garcia. **Cachaça, um amor brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- TRINDADE, Raymundo Octavio da [Cônego]. **Instituições de igrejas no bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945 (Publicações do SPHAN, n. 13). Disponível em <https://archive.org/details/instituicoesdeig00trin/page/104>. Acesso em 03/10/2019
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. **Poesias de Francisco de Sá de Miranda**. Halle: Max Niemeyer, 1885.
- VIANNA, Helio. **História do Brasil**. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970.
- VIDIGAL, Pedro Maciel. **Calambau; a recuperação do antigo topônimo**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.
- VIDIGAL, Pedro Maciel. **Os antepassados: A sua terra**. V.1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979.
- VIDIGAL, Pedro Maciel. **Os antepassados: a sua gente**. V.2. Belo Horizonte: Editora Imprensa Oficial, 1979.

Dissertações e teses:

- ALVARENGA, Helen Pereira. **A cachaça como atrativo turístico em Paraty (RJ)**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2016.
- ALVES, Rafael Júnio Andrade. **Lazer e ruralidades: as práticas e representações sociais de lazer no meio rural de Presidente Bernardes – MG**. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal Viçosa. Viçosa, 2009.

- AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **A moderação em excesso**: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial. Dissertação (mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- DANTAS, José da Paz. **Um brinde à cachaça**: o patrimônio histórico-cultural e seus usos turísticos nos alambiques do rio grande do norte. Dissertação (Mestre em Turismo) do Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGTUR/UFRGN - Natal, 2016.
- DIAS, Nathália Caroline. **Uma dose de “Paraty”**: estudo de caso sobre a reinvenção dos significados da cachaça. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Juiz de Fora, 2016.
- FRAGA, Brendow de Oliveira. **Coprodução do plano de desenvolvimento com base nos princípios Slow**: pesquisa-ação em Rio Doce (MG) Brasil, Dissertação (mestrado em Administração) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2018.
- KRAHL, Mara Flora Lottici. **Turismo Rural**: conceituação e características básicas. Dissertação de Mestrado. Brasília: GEA/IH/UnB, 2003.
- LAGES, Raquel Maria Ribeiro. **O posicionamento e a imagem em contextos de marketing territorial: estudo de caso aplicado à cidade de Braga**. Dissertação de Mestrado em Marketing e Estratégia. Braga: Universidade do Minho Escola de Economia e Gestão: 2017.
- LAMAS, Fernando Gualdereto. **Conflitos agrários em Minas Gerais**: o processo de conquista da terra na área central da Zona da Mata (1767-1820). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.
- MARQUES, Camila Moraes. **A margem da economia**: Cachaça e protocampesinato negro no litoral sul Fluminense (1800-1888). Dissertação (Mestrado em História) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

Artigos:

- ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, C. (Org.) ; DODEBEI, Vera (Org.). **Memória e novos patrimônios**. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93: 2015.
- AGUIAR, José Otávio. Quem eram os índios puri-coroados da Mata Central de Minas Gerais no início dos oitocentos? Contribuições dos relatos de Eschwege e Freyreiss para uma polêmica (1813-1836). **Revista Mosaico**, v. 4, n. 2, p. 197-211, jul./dez. 2010
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Ainda Calambau. **Correio da Manhã**. 1º Caderno, de 27 de Janeiro de 1954. p. 4
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Velho nome. **Correio da Manhã**. 1º Caderno, de 14 de Janeiro de 1954. p. 4
- ANTUNES, Álvaro de Araújo. Considerações sobre o Domínio das Letras nas Minas Setecentistas. **Revista de História- LPH/DEP. HISTÓRIA/UFOP**, Mariana, Ano 10, N. 10. p. 13-30, 2000.
- ARANTES, Antônio Augusto. Paisagem de História: a devoração dos 500 anos. **Projeto História**, São Paulo, nº 20, p. 63-96, abr.2000.
- BASTOS, Rosária Cal; EMMENDOERFER, Magnus Luiz; SILVEIRA, Suely de Fátima Ramos; GOMES, André Luis. Queremos ficar no meio rural, mas como? ANPAD/ **TAC - Tecnologias de Administração e Contabilidade**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 147-164, Jul./Dez. 2015. Disponível em www.anpad.org.br/tac. Acesso em 24/07/2019.
- BORTOLOTTI, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n.4, p.5-17, dez. 2010/mar.2011.

- BRAGA, Marcus Vinícius Fernandes e KIYOTANI Ilana Barreto. A cachaça como patrimônio: turismo cultura e sabor. **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 3, n. 2, p. 254-275, jul./dez. 2015.
- BRUNEL, Sylvie. Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal? Trad. Eustógio Wanderley Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 08, n. 15, 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/273>. Acesso em 17 de abril de 2019.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução: Maurício Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23, p. 94-112, 1994.
- CICALO, André e VASSALLO, Simone. Por onde os africanos chegaram: o Cais do Valongo e a institucionalização da memória do tráfico negreiro na região portuária do Rio de Janeiro. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 21, nº 43, jan/jun, 2015. p. 239-271.
- DIAS, Nathália Caroline. A cachaça é nossa: cultura e ideologia na construção da identidade nacional. **ABET**, Juiz de Fora, V.4, N.1, P.35 -44, jan./abr. 2014
- JORNAL ESTADO DE MINAS (WERNECK, Gustavo). **Moradores de Presidente Bernardes querem antigo nome da cidade**. 27/12/2011. Disponível em www.em.com.br. Acesso em 25/09/2019.
- GODOY, Marcelo Magalhães. Espaços canavieiros regionais e mercado interno: subsídios para o estudo da distribuição espacial da produção e comércio de derivados da cana-de-açúcar na província de Minas Gerais. In: **X Seminário sobre a Economia Mineira**, 2002, Diamantina. Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: Cedeplar/UFGM, 2002.
- LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, nº. 17, nov.1998. p. 63-201. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>.
- MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In YÁZIGI, E. (org). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.
- MORAES, Werter Valentim de; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. Turismo Comunitário e Inclusão Social: Análise do Roteiro Turístico de Base Comunitária do Projeto Boas Práticas na Serra do Brigadeiro – MG / Brasil. **ABET**, JUIZ DE FORA, V.5, N. 3, P. 28 - 35, set./dez. 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, nº. 3, pg. 3-15, Rio de Janeiro: 1989.
- QUEROL, Lorena Sancho. Para uma gramática museológica do (re) conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado. **Sociologia**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXV, p. 165-188, 2013.
- SCIFONI, Simoni. Os Diferentes Significados do Patrimônio Natural. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 10, n. 3, p. 55-78, 2006.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, São Paulo, n.3, p. 20-27, 2009.
- VALDUGA, Vander. O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos (RS/Brasil). **CULTUR**, ano 06 - no 02 – Jun/2012.
- VARINE, Hugues de. O patrimônio brasileiro está bem vivo. Um testemunho subjetivo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 38, p. 25-33, 2018. p. 32.
- YÁZIGI, Eduardo A.. Periferias e Turismo: Mitos & Realidades. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, 9(IV), pp.675-689, out-dez, 2017.

Sites:

- “Naldo interrompe liderança de Roberto Carlos e Psy no iTunes Brasil”. G1. GLOBO. 4 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/01/naldo-interrompe-lideranca-de-roberto-carlos-e-psy-no-itunes-brasil.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em 10 de abril de 2019.
- IBGE. **Produção Agrícola Municipal 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em www.ibge.gov.br/
- MAPA DA CACHAÇA. **Marcas de Cachaça no Brasil**. Publicado em 09/09/2013. Disponível em: <http://www.mapadacachaca.com.br/infograficos/marcas-cachaca-brasil/>. Acesso em 10/04/2018
- PRESIDENTE BERNARDES. **300 anos de história - 1710/2010 - de Calambau a Presidente Bernardes**. Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, 2010. Disponível em: <http://culturacpb.blogspot.com.br/2010/12/um-pouco-sobre-nossa-historia-e-cultura.html>. Acesso em 24 de abril de 2018.
- PRESIDENTE BERNARDES. **Aumento do efetivo da PM em Presidente Bernardes é defendido**. Notícia 24/05/2018 disponível em <http://presidentebernardes.mg.gov.br/home/index.php/blog2/237-aumento-do-efetivo-da-pm-em-presidente-bernardes-e-defendido>. Acesso em 08/04/2019
- Kboing Networks do Brasil. Disponível em: www.kboing.com.br. Acesso em: 22/11/2018

Arquivo:

Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, Auto 0843, Abertura: 13-04-1750.

Legislação:

- BRASIL. Congresso Federal. **Projeto de Lei número 5.428/2009**. Institui o Dia Nacional da Cachaça a ser comemorado no dia 13 de setembro. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=439028>. Acesso em 22/11/2018.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 20/11/18
- MINAS GERAIS. **[Constituição (1989)]**. Constituição do Estado de Minas Gerais. – 23. ed. – Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2019.

Documentário:

- ESTRADA Real da cachaça**. Produção de Tarcísio Vidigal, Lucia Fares, Pedro Urano. Roteiro, direção, fotografia e câmera de Pedro Urano. Gênero documentário, 98 min.. Brasil: Grupo Novo de Cinema e TV, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFYJnGosJxg>. Acesso em 16 de abril de 2019.

Anexos

I - Entrevista de opinião junto a Buffet em Viçosa em 24/04/2019

Introdução: Então, como estava te falando, essa entrevista faz parte de uma pesquisa que a gente está fazendo no mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagem e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa e a gente está pesquisando sobre cachaça como patrimônio cultural e a importância dela para o desenvolvimento local e regional. Aí eu fiz um roteiro de perguntas para seguir, mas você pode ficar a vontade, se quiser responder resposta curta ou resposta longa. Inclusive se alguma pergunta você não entender ou não quiser responder pode ficar a vontade. É mais mesmo para não esquecer as perguntas. Eu queria gravar, mas só pra registrar, facilitar o registro, mas todas as informações que você prestar só serão usadas para fins do trabalho. Não vai ter nem a identificação sua nem da empresa e você pode ficar a vontade mesmo.

Entrevistador: Para a gente começar, se puder começar repetir pra gente seu nome e cargo ou função na empresa:

Buffet: meu nome é [nome omitido], do *buffet* [empresa omitida] e proprietário.

Entrevistador: Ô [nome omitido], a gente observou em algumas festas onde é servida a cachaça nesses alambiques, uma espécie de alambique pequeno com fluxo contínuo ali da cachaça, a gente queria saber mais informações desse alambique, como que é a reação dessa iniciativa que vocês tiveram. Aí uma das perguntas que a gente queria fazer é se vocês têm uma estatística de quantas festas que é servida a cachaça nesses alambiques?

Buffet: Isso depende, varia do mês né? Igual esse mês de abril, eu acredito que uns quinze eventos. Tem mês que é menos, tem mês que é mais. Todos eventos têm essa cachaça no alambique, só [não] mesmo quando o cliente não pede a bebida alcoólica. Mas todos eventos têm.

Entrevistador: E como que surgiu essa ideia, como é que foi essa iniciativa? Foi uma demanda dos clientes ou foi ideia...

Buffet: Não. Foi uma ideia minha mesmo. Desde quando Demora de ciências daí não queria mesmo Desde quando Desde quando iniciei eu quis comprar. Hoje, graças a Deus, barateou esse alambique, mas na época, há cinco anos atrás, eu cheguei a pagar setecentos reais nesse alambique. Duas coisas: eu nunca gostei da cachaça no litro, ter que tampar e destampar o litro, apesar que conserva mais a cachaça, mas juntou, o alambique fica bonito na mesa e pelo nome do *buffet* mesmo [empresa omitida] acho que tem tudo a ver com o *buffet* [empresa omitida] aí juntou as duas coisas.

Entrevistador: e como que é a reação dos contratantes, dos convidados?

Buffet: então, tem festa que é até interessante. Tem festa que o povo fica louco, perguntam se quer vender, assim. Tem festa que o pessoal vê aquilo ali como natural. E tem uns que fica olhando mesmo o alambique, pergunta se a cachaça está sendo processada na hora (risos). Cada festa, cada cliente, cada convidado tem uma história, tem um tipo de reação em si. Mas, assim, até hoje não teve a reação contra. Sempre foi a favor do alambique, principalmente a da cachaça lá a vontade, uns pegam na torneira, outros pegam na queda já na saída da cachaça. Então cada um tem uma reação.

Entrevistador: existe assim uma relação da quantidade de cachaça consumida, na verdade você falou que só é servida...

Buffet: Varia do mês. Só para você ter uma ideia, de novembro agora até janeiro gastei cem litros de cachaça. Eu comprei mais cinquenta litros, lá agora eu não sei como que tá o galão lá não. Eu acredito que em torno já girou aí uns quinze a vinte litros lá sossegado. A cachaça que eu compro é muito boa, cara mas boa.

Entrevistador: aí a próxima pergunta que a gente queria fazer: de onde são os principais fornecedores ou o principal fornecedor da cachaça?

Buffet: então, eu tô com um específico. Esse negócio não compensa: comprar uma cachaça inferior e comprar uma cachaça melhor. Eu acho assim, ter divisão de cliente eu acho muito errado o pensamento. Se você fez um orçamento mais em conta, mas põe tudo bom, por que na próxima você vai fazer um orçamento melhor. Então essa cachaça é de Canaã, produtor zona rural lá né, lógico toda é zona rural. É do [alambique omitido] lá, tá registrada, tá com a cachaça aí em vendas no mercado. Ela vai procurando espaço. É muito boa a cachaça deles.

Entrevistador: Ele é um parceiro antigo?

Buffet: É e não é. Porque começou agora a produção só há um pouco tempo. Eu num sei, uns três quatro anos no máximo, mas tem a cachaça envelhecida lá. Eu pego envelhecida dele. Têm outros também, se você sair procurando, têm. Mas ele por ser primo também eu tô dando a preferência para ele.

Entrevistador: e o alambique dele também tem essa pegada cultural também, de manter a tradição.

Buffet: tem, tem. Eu acredito que tem sim. Eu nunca fui lá ver o preparativo em si da cachaça, mas para quem entende, eu não sou bebedor, mas é uma cachaça que não desce queimando, é uma cachaça que tem sido elogiada. Eu tava comprando uma cachaça inferior antes e, de vez enquanto, um vinha reclamar, mas não compensa. Essa até hoje, até então não veio ninguém. Então você põe um litro de cachaça no local lá, mesmo que ela perde teor alcoólico nela se ela ficar girando ali um tempinho, mas até hoje ninguém reclamou da

cachaça. Tá sendo significativa.

Entrevistador: agradecimentos

II – Entrevistas de opinião com possíveis turistas

Estudante [entrevistado1], de Viçosa em 23/04/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[Entrevistado1]: Meu nome é [entrevistado1], eu sou estudante e moro em Viçosa

Entrevistador: Na sua opinião, qual que é a sua opinião sobre viajar, conhecer outras culturas e um estilo de vida que é diferente do seu hoje?

[Entrevistado1]: Eu acho necessário. Muito necessário para formação da pessoa, pra você se colocar no ponto de vista de outras pessoas também. Presenciar a vivência não só ao seu redor ali.

Entrevistador: E quais considerações você tem a fazer sobre a cachaça artesanal, processo de fabricação em si, os alambiques?

[Entrevistado1]: Não conheço. Não conheço.

Entrevistador: E como você avaliaria uma oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer a cultura do povo que vive ali, que trabalha ali, os costumes, as fazendas, degustar bebidas e comidas típicas do local, paisagem natural, cachoeiras e florestas.

[Entrevistado1]: Muito bom. Uma experiência muito boa e enriquecedora.

Entrevistador: E quando se fala da cidade de Presidente Bernardes, Minas Gerais, há uns sessenta quilômetros daqui de Viçosa, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[Entrevistado1]: Cachaça.

Entrevistador: E considerando os custos e os benefícios você vê atualmente algum ponto favorável para fazer um turismo em Presidente Bernardes? E algum ponto desfavorável também?

[Entrevistado1]: Na verdade não. Seria mais mesmo aquele... Uma típica cidade do interior mineiro mesmo. Eu vejo assim. Eu não conheço nenhum ponto turístico de lá, a não ser as cachaças famosas que vêm de lá. Tem até um campeonato das melhores cachaças de lá. Ponto desfavorável eu não consigo identificar, não.

Entrevistador: Agradecimentos

Advogada [entrevistada2] de Viçosa em 23/04/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistada2]: Meu nome é [entrevistada2], sou advogada e moro em Viçosa.

Entrevistador: Ô [entrevistada2], e qual sua opinião sobre viajar para conhecer alguma cultura diferente, um estilo de vida diferente do seu hoje?

[entrevistada2]: eu acho importante, assim, porque quando a gente tem uma vivência só em um local, né, com certo tipo de pessoas, quando a gente viaja para conhecer outras culturas a gente enriquece como ser humano, a gente compreendendo outras realidades, a gente tem uma empatia maior.

Entrevistador: e quais as considerações que você tem a fazer sobre a cachaça artesanal, seu processo de fabricação, os alambiques?

[entrevistada2]: eu não tenho muito conhecimento sobre a produção da cachaça, como é que é feito, mas eu sei do valor cultural da cachaça, porque eu já viajei para fora do Brasil e quando, a minha irmã fez intercâmbio, e nós conhecemos a família que ela morou. Ela morou três meses com uma família nos Estados Unidos e quando nós fomos, nós levamos uma cachaça daqui, porque a gente sabe que eles não têm costume de beber cachaça lá, que lá não tem não tem cachaça né. E eles gostaram muito, acharam forte demais. A gente levou umas cachaças com sabor, sabe, diferentes. Então a gente achou importante para mostrar um pouquinho do que a gente tem de diferente aqui, a gente levou doce de leite, a gente leva realmente para poder compartilhar, da mesma forma que a gente traz uma bagagem a gente tenta levar também.

Entrevistador: e como você avaliaria a oportunidade de se hospedar numa cidade predominantemente rural? Conhecer as fazendas, os costumes, o dia a dia desses camponeses, degustar comidas e bebidas típicas, vivenciar as paisagens, florestas, cachoeiras?

[entrevistada2]: como eu te falei eu não tenho... Seria uma oportunidade para eu conhecer, porque eu não sei realmente como funciona a produção, como é que funciona para pessoas que produzem cachaça, que vivem disso, que vivem em fazendas, que têm essa fonte de renda, né, esse trabalho, eu não tenho conhecimento de como é que funciona. Então para mim seria uma oportunidade, igual eu falei no início, de ter essa empatia, de ver como que é feito aquele tipo de trabalho, qual a importância para eles, porque a gente só vê a cachaça assim, como parte da nossa cultura, mas a gente só vê o produto pronto, a gente não vê como que é produzido.

Entrevistador: e quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistada2]: A cachaça. [já conhecia a cidade?] Não, eu não conheço a cidade, é porque uma menina que é de Presidente Bernardes, estudou comigo no terceiro ano, então o pessoal ficava chamando ela de cachaceira (risos), sabe.

Entrevistador: e considerando os cursos e benefícios, você vê algum ponto favorável de fazer um turismo em Presidente Bernardes e algum desfavorável atualmente?

[entrevistada2]: desfavorável não. Não sei, além da cachaça, sei que ainda tem umas festas lá que são exatamente para impulsionar a produção da cachaça e para poder, para região divulgar mesmo a cachaça. Mas seria para conhecer como é que funciona a produção, como é que funciona essa realidade do pessoal de lá, mas desvantagens não têm, não [diria que a carência de informações?] A carência de informações, exatamente.

Entrevistador: Agradecimentos

Bombeiro Militar [entrevistada2] de Juiz de Fora em 26/04/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistada3]: [entrevistada3], Bombeiro Militar, Juiz de Fora, Minas Gerais

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre o turismo cultural, ou seja, viajar para conhecer alguma cultura ou estilo de vida diferente do seu dia a dia?

[entrevistada3]: Viajar é vida, amo conhecer lugares, pessoas e culturas diferentes.

Entrevistador: Como você avaliaria a oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer fazendas, alambiques e costumes, degustar comidas e bebidas típicas do local e vivenciar a paisagem, florestas e cachoeiras?

[entrevistada3]: Viajar é sempre bom, viajar para ambientes interiorano, de aspecto rural remete descanso e ar puro. Conhecer alambiques e costumes locais, degustar de bebidas e comidas que somente encontramos nestes locais seria algo revolucionário, tendo em vista que geralmente essa atmosfera é vivenciada de forma restrita com amigos e familiares.

Entrevistador: Quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, em Minas Gerais, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistada3]: Família. Área onde meu pai nasceu, viveu boa parte de sua vida e iniciou sua família. Além disso, tenho parentes na região, o que me faz, ainda, ter forte vínculo com a cidade.

Entrevistador: Quais considerações você tem a fazer sobre cachaça artesanal, sobre seu processo de fabricação e sobre esta tradição?

[entrevistada3]: Tem gosto de coisa que não tem gosto, coisa sentimental sabe? Família, amigos, amor, aconchego, coisas que não são conquistadas em grandes fábricas de

cachaça, que possuem grandes máquinas, com tecnologia avançada e amplo quadro de funcionários. Lembro que, quando em passeio com meu pai pelas casas de amigos de Presidente Bernardes, sempre era oferecido o café com broas e roscas caseira e a cachaça com porções de torresmo, mandioca e/ou a famosa e deliciosa “carne de lata”. Ótimas lembranças.

Entrevistador: Na sua opinião, o que mais dificultaria e o que mais facilitaria a sua escolha pelo turismo em Presidente Bernardes comparando a outras cidades?

[entrevistada3]: O que dificultaria, em comparação com outras cidades, seria o longo trajeto de estrada de chão e, atualmente, por não ter uma estrutura turística, ficando as viagens apenas para passeios de visita à familiares e amigos. Facilitaria ter um roteiro turístico, com alambiques cadastrados que realizassem visitas guiadas com explicação do processo de fabricação, os petiscos tão queridos de Minas Gerais, como o já citado torresmo e a carne de lata.

Entrevistador: Agradecimentos

Microempreendedor [entrevistado4] de Viçosa em 26/04/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar

[entrevistado4]: [entrevistada4] e eu sou microempreendedor.

Entrevistador: Ô [entrevistado4], e qual sua opinião sobre o turismo cultural? Sobre oportunidade de viajar, conhecer uma cultura diferente, conhecer um estilo de vida diferente do seu do dia a dia hoje?

[entrevistado4]: A parte de viajar, ela me toca bastante. Eu gosto muito de viajar. Eu gosto muito de está conhecendo outros lugares, outras comidas, é, o jeito de outras pessoas. Eu gosto bastante. A cultura do pessoal da roça para mim é bem interessante. Eu gosto bastante.

Entrevistador: Você até tocou num assunto que a próxima pergunta também, como que você avaliaria essa oportunidade de poder viajar para uma cidade predominantemente rural? Conhecer as comidas típicas, bebidas, conhecer alambiques, desfrutar da paisagem natural, as cachoeiras, as matas?

[entrevistado4]: É, aí tocou em outra parte que eu também gosto muito. Eu gosto muito de comer e a comida mineira, ela é muito boa. E a comida da roça é sensacional. Quando tem essas festas de roça, que faz essas comidas típicas, é assim maravilhoso. O fato de estar na roça, as frutas, pra a gente que não está lá convivendo não sabe a realidade lá, mas quando a gente está lá, a fartura é bem interessante. Em termos de alambique, assim, eu já

tive oportunidade de estar conhecendo locais que têm alambique, o pessoal faz a cachaça, que faz o requeijão. É bem interessante ali. Parece ser um um serviço sofrido, mas para gente que estava lá vendo, é bem interessante. Eu já tive oportunidade também de estar em Portugal visitando os alambiques lá, de vinho, adegas, e fazer degustação. É bem interessante, mas não compara a estar um dia na roça para poder, é totalmente diferente.

Entrevistador: E a experiência de visita em alambique que você teve foi em Portugal?

[entrevistado4]: Isso. Adegas em Portugal. Eu tive no Porto e tive a oportunidade de estar conhecendo lá, mas é passeio para uma vez na vida. Já a roça não. A roça se puder tá todo fim de semana. Todo fim de semana é um, uma hora você está cortando um cacho de banana, uma hora você está subindo num pé de manga, numa outra hora tem uma cachacinha boa, ou então tem uma comidinha boa no fogão de lenha, tem a oportunidade de estar matando uma galinha. Muito mais opções, com certeza.

Entrevistador: e quando fala na cidade de Presidente Bernardes, aqui em Minas Gerais mesmo, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistado4]: Presidente Bernardes, é... [você já conhece?] Já, acho que é a cachaça né? A cachaça também é uma coisa que eu gosto já bastante tempo que eu tomo, e falou comigo que é uma cachacinha é boa, eu tomo. Eu não questiono não (risos) Cachacinha eu gosto.

Entrevistador: Você falou também da facilidade, da oportunidade de visitar alambique aqui mais perto, que é uma coisa mais frequente, e por outro lado, o que você acha que torna mais difícil, hoje, fazer essa visitação em alambiques, visitar uma cidade como Presidente Bernardes, por exemplo?

[entrevistado4]: na verdade, para esse tipo de visita, como normalmente é sítio, a gente precisa ter a influência com as pessoas. Por exemplo, eu tive a oportunidade de há uns anos atrás aí, consumir a [cachaça omitida] por uns quatro anos. Mas é porque era um tio meu que comandava a fazenda. Então o acesso fica liberado, o acesso, o consumo, para comprar, né. Então fica fácil. Mas eu sei de cachaça que tem por aí que eu não tenho a possibilidade de tá chegando, porque eu não tenho contato. Aqui na saída da cidade, perto de Cajuri, tem a [fazenda omitida] também, que eu tive oportunidade de estar tendo amizade com pessoal lá, passei uma noite lá, na época de frio, né, a gente tomou uns caldos lá. Tem um alambique de cinco mil litros e, na ocasião, tinha mil litros lá que era reservado só para família. Então a gente teve lá a possibilidade de tá consumindo dessa cachaça, que é uma cachaça de primeira. Então, se me convidar eu vou mesmo, vou mesmo.

Entrevistador: Você diria então que, igual Presidente Bernardes que é uma cidade que tem muito alambique, falta mais essa abertura, essa divulgação...?

[entrevistado4]: É, primeiro a gente ter a condição de tá indo lá e, como chegar lá, né. Porque uma coisa é você ir em Ouro Preto, visitar uma igreja, ela tá aberta. Agora é saber se você. Por exemplo, a gente tem vontade de andar de maria-fumaça, aí a gente fica falando que vai ir lá, vai, mas vários fatores impedem a gente de ir. É o calendário, dinheiro. E a mesma coisa é se, um dia quem sabe, se a gente pegar um contato, a intimidade com quem tá lá, tá indo ou tá fazendo a viagem, é totalmente diferente.

Entrevistador: agradecimentos

Analista de Relacionamento [entrevistada5] de Viçosa em 28/04/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistada5]: [entrevistada5], analista de relacionamento e Viçosa.

Entrevistador: Ô [entrevistada5], e qual que é a sua opinião sobre o turismo cultural, sobre esta experiência de viajar para conhecer outras culturas, estilo de vida, diferente do seu dia a dia?

[entrevistada5]: Na verdade é uma oportunidade que a gente tem de conhecer outras culturas. É uma riqueza mesmo que a gente adquire e eu acho muito importante.

Entrevistador: E como você avaliaria a oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer as comidas típicas, bebidas típicas do local, as fazendas, alambiques, os costumes, degustar essas comidas e bebidas, vivenciar também a paisagem, cachoeiras, florestas?

[entrevistada5]: Eu acho bem interessante também. Eu gosto dessa oportunidade de conhecer outras culturas e também esta parte rural. Eu também gosto. E principalmente da comida (risos).

Entrevistador: E quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, aqui em minas, qual que é a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistada5]: Cachaça [já conhecia?]. Já.

Entrevistador: Na sua opinião, hoje, o que mais dificulta a visitação a Presidente Bernardes? O que você vê mais assim como dificuldade para visitar Presidente Bernardes em vez de outras cidades?

[entrevistada5]: A estrada mesmo, né. Não sei, acho que sim [informações?] É, também. Você está falando de ir a cidade né, de visitar a cidade [de escolher a cidade?] Assim, é mais também de divulgação, que a gente não vê, falando muita coisa da cidade, eu particularmente não vejo, e até da região mesmo.

Entrevistador: Agradecimentos

Autônomo/ Corretor de imóveis [entrevistado6] de Viçosa em 02/05/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistado6]: Nome é [entrevistado6], minha profissão é autônomo, trabalho como corretor de imóveis e a cidade, Viçosa, que é relativamente próxima a cidade de Presidente Bernardes.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre o turismo cultural, ou seja, viajar para conhecer alguma cultura ou estilo de vida diferente do seu dia a dia?

[entrevistado6]: Turismo rural, que eu até já faço um tanto, já fiz em outros lugares, tanto próximo quanto longe de Viçosa, pra mim é um turismo saudável, é um turismo histórico também. Porque toda cidade foi feita pelo, pelas coisas que vem do rural antes, né. Porque a população era rural antes e agora a população maior é urbana. Então o turismo rural é um turismo histórico, é uma forma de sair da rotina, né, de renovar a alma pra quem vive na cidade. E é bom também tudo isso porque, conhecendo outro lugar, que a gente tem a oportunidade de conhecer nós mesmos. Pra saber quem você é você precisa conhecer outro lugar, outra forma de viver, né. Isso é conceitos também, mesmo sendo clichê, é verdade poder dizer que viajar abre a cabeça da pessoa. Amplia seus horizontes, conhecimento, além do entretenimento, da pessoa poder curtir ali seu momento de folga. E também não só o contato com a natureza, as coisas que são belas e boas, mas também visita ao trabalho do campo, como eles trabalham, o que que eles produzem, o que tem de melhor né. É legal isso. E também experimentar novas sensações, novos sabores, comida.

Entrevistador: Como você avaliaria a oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer fazendas, alambiques e costumes, degustar comidas e bebidas típicas do local e vivenciar a paisagem, florestas e cachoeiras?

[entrevistado6]: A pergunta é interessantíssima. Hospedagem rural, né. É muito bom. Eu até disse no final, mas enfim, é um lugar que propicia contato direto com os habitantes, sem contar que as pessoas do interior são muito mais humanas, acolhedoras, né, com as pessoas que vêm de fora do que a cidade grande. Quando você faz turismo lá em São Paulo, cidade grande, ninguém te recebe, conversa com você. Ao contrário, turismo rural, numa cidade do interior ou na própria roça, a pessoa te recebe como um amigo. Prazer de bater uma prosa com você. Isso é muito legal. Propicia o contato direto com os habitantes, contato direto com a natureza, que não tem preço. E é muito barato de se fazer, porque, pelo menos a nível do contato com a natureza, como já disse, reforma a alma de quem vive na cidade, naquele estresse do dia a dia. E o turismo rural você tem a oportunidade de voltar renovado para casa. Essa é minha opinião. E tem outra coisa, para as crianças

também, as crianças hoje em dia, cada vez menos têm contato com a natureza. E tendo esse contato, quando criança, ela pode crescer com a consciência maior da responsabilidade de conservar o meio ambiente. Porque quando, as vezes, questão de noção, a pessoa vê quão belo é o meio ambiente, assim, em termos ligados a natureza, então ela tem a sensação maior de responsabilidade de que aquilo ali tem que ser preservado. Aqui em Minas mesmo tem produtos especiais, como o café, né, cachaça, são produtos natos. Cajuri também tem um exemplo muito interessante, que eles promoveram lá, eu até conheço o prefeito, a cidade de Cajuri tinha uma certa produção de tomate, a cidade, um pequeno destaque, mudas cítricas e tomate. Aí o prefeito resolveu fazer uma festa anual lá, chamada FESTA DO TOMATE. E, dois anos, os produtores de tomate dobraram a produção. Porque, tendo aquela festa de Cajuri, Cajuri e sua festa anual de tomate, as pessoas começaram a ir lá comprar tomate. Então a demanda, teve que aumentar a oferta. Porque ele não só pegou um produto genuíno, que era o tomate, como que, por meio da festa, dobrou-se a produção. Isso gerou emprego. Ali no turismo interno mesmo. Eu achei essa ideia excelente.

Entrevistador:- Quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, em Minas Gerais, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistado6]: O que vem primeiro à cabeça sobre essa cidade é que o presidente do Brasil nasceu lá, uai. Ele foi viçosense porque aquela região não era uma cidade ainda, não tinha sido emancipada. E a cidade pertencia a comarca de Viçosa. Então ele foi registrado como viçosense. Mas na verdade ele nasceu lá, na zona rural lá. Tem uma fazenda lá. Eu até conheci por fotografias. O primeiro então é porque o presidente nasceu lá. É por isso que a cidade deve ter esse nome, né? E a segunda coisa que me vem a cabeça é a cachaça, né, que é um potencial imenso, aí. Brasil já começou a exportar cachaça aí para o planeta inteiro, algumas feiras, começaram há uns dez anos atrás. Feiras que órgãos nacionais de turismo fizeram pra espalhar pelo mundo, se não me engano Minas Gerais tem um selo oficial da cachaça. Quem não gosta de uma cachacinha? A pessoa não só quer ir lá pra beber, mas a pessoa sempre vai trazer uma garrafa de lembrança, pra consumir, uai. Porque lá vai ter oportunidade de contato com vários, a pessoa vai consumir e comprar pra levar pra casa. Eu acredito nisso. E conciliar um ou outro produto com a cachaça é muito fácil. Quem não queria ter hoje uma região no Brasil, um turismo rural que falasse assim: ah! produz cachaça, produz café? E são produtos que são consumidos no mundo inteiro. E aqui em Cala, cidade de Presidente Bernardes, nessa nossa região de Minas Gerais, que é a verdadeira Minas Gerais, tem esses dois produtos. Quando eu digo a verdadeira Minas Gerais é porque sul de Minas, é São Paulo, né, leste, Juiz de Fora, é Rio de Janeiro, triângulo mineiro é Goiás, norte de Minas é Bahia. Verdadeira Minas Gerais é aqui onde nós

estamos, onde Presidente Bernardes está. Que é Minas Gerais da culinária, da cachacinha, que Minas Gerais do jeito rural de ser, do pão de queijo com café, todo produzido aqui. Verdadeira Minas Gerais das montanhas, das alterosas, do jeito introvertido do mineiro de ser. Da literatura, da história. Tá dentro do mineiro da gema. Então é isso que me vem Presidente Bernardes.

Entrevistador: Quais considerações você tem a fazer sobre cachaça artesanal, sobre seu processo de fabricação e sobre esta tradição?

[entrevistado6]: Hoje a cachaça num é mais uma coisa, uma coisa muito menos pejorativa que já foi no passado. As pessoas consomem cachaça. E tem todo tipo de preço. Artesanal, mesmo que ela envasada industrialmente, todo mundo quer aquela cachacinha especial. Minas Gerais tem muita fama disso. E, além do desenvolvimento econômico, que nem, ou que se for a cidade da cachaça, as pessoas não querem a cachaça de Salinas, porque lá é capital mineira da cachaça? Então se outra cidade também começar a promover esse produto como um patrimônio cultural da cidade, todo mundo vai pensar: ah, vou tomar uma cachaça de tal cidade, porque lá tem a fama de que essa cachaça é boa. E assim vai dobrar, imaginando, né, vai multiplicar a venda. E eleva o nome da cidade. Amanhã a pessoa quer montar uma pequena fábrica, investir algum dinheiro, ela vai lembrar daquela cidade que tem um turismo organizado, que as pessoas fazem aquela imagem de que a cidade lá é bonita e propaga o nome da cidade. O turismo não só dá aquele dinheiro imediato, mas propaga a longo prazo, o bom nome da cidade. Se o turismo for organizado, a cidade limpinha, isso é muito legal. E dá orgulho para os moradores. Morador poder se sentir reconhecido, né. E com meio de turismo. E turismo não é só pegar um ônibus, um carro e se locomover, tem uma série de coisas que fazem valorizar o cidadão ali. E assim eu acredito que, indiretamente, faz uma cidade mais feliz.

Entrevistador: Na sua opinião, o que mais dificultaria e o que mais facilitaria a sua escolha pelo turismo em Presidente Bernardes comparando a outras cidades?

[entrevistado6]: Com certeza o que mais facilitaria, para mim, é porque é próximo a Viçosa. E o que mais dificultaria é a falta de divulgação, a falta de informação, né. Pra saber quais são as atrações que têm lá, ligadas a ruralidade, as atrações ligadas a natureza. E também ligado a lida do homem do campo. É, por ser uma cidade simples também, talvez facilitaria no preço, né, um preço mais acessível, né, porque cidade de Presidente Bernardes. E, a falta de informação é o que mais dificultaria mesmo. E o que pode ser comparado é que lá a cachaça, agora que entendi a pergunta anterior, a cachaça lá já tem um certo nome mesmo.

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistada7]: [entrevistada7], enfermeira e empreendedora, Ponte Nova, Minas Gerais.

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre o turismo cultural, ou seja, viajar para conhecer alguma cultura ou estilo de vida diferente do seu dia a dia?

[entrevistada7]: eu acho maravilhoso, é válido conhecer povos e culturas diferentes às nossas, tanto a nível de lazer, conhecimento e do próprio respeito em relação à diversidade cultural.

Entrevistador: Como você avaliaria a oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer fazendas, alambiques e costumes, degustar comidas e bebidas típicas do local e vivenciar a paisagem, florestas e cachoeiras?

[entrevistada7]: eu avaliaria como positiva, e importante no momento em que estamos vivendo, visto que estas culturas tenham ficado de lado. Isso é mais que passeio, é história, e visitando também é fazer parte dela.

Entrevistador: Quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, em Minas Gerais, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistada7]: vixe.... que vergonhha, nao sei (risos). [Conhece, nunca ouviu falar?] já ouvi falar.

Entrevistador: Certo. E quais considerações você tem a fazer sobre cachaça artesanal, sobre seu processo de fabricação e sobre esta tradição?

[entrevistada7]: particularmente é uma bebida que não bebo, mas ouço muito falar, e já experimentei inclusive cachaça artesanal, e é gostosa, tem um gosto diferenciado. Sobre o processo de fabricação não sei muito a fundo, mas sobre a tradição é algo que merece valor, que merece ser apreciado e valorizado.

Entrevistador: Na sua opinião, o que mais dificulta o conhecimento das pessoas sobre Presidente Bernardes, que fica a cerca de 120 km de Ponte Nova e uns 60 km de Viçosa, principalmente quanto a seus diversos alambiques?

[entrevistada7]: talvez seja a divulgação. Nem sabia que era tão perto (risos). Ou talvez seja pela minha linha de interesse, por eu não tomar cachaça, não conheço onde tem os alambiques.

Entrevistador: Agradecimentos

Auxiliar administrativo [entrevistado8] de Ubá em 06/05/2019

Entrevistador: Apresentações, orientações e convite para entrevistado se apresentar.

[entrevistado8]: [entrevistado9], Auxiliar administrativo, Ubá.

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre o turismo cultural, ou seja, viajar para conhecer alguma cultura ou estilo de vida diferente do seu dia a dia?

[entrevistado8]: Acho muito importante conhecer outras culturas, isso faz com que conheçamos melhor o mundo em que vivemos.

Entrevistador: Como você avaliaria a oportunidade de se hospedar em uma cidade predominantemente rural, conhecer fazendas, alambiques e costumes, degustar comidas e bebidas típicas do local e vivenciar a paisagem, florestas e cachoeiras?

[entrevistado8]: Bom, pra mim não é problema, porque fui criado na zona rural, moro há poucos anos na cidade.

Entrevistador: Ah sim. E quando se fala na cidade de Presidente Bernardes, em Minas Gerais, qual a primeira coisa que te vem à cabeça?

[entrevistado8]: Cachaça. Mas lá tem o outro nome de Calambau. A cidade também é conhecida como Calambau. Já ouvi falar da festa da cachaça de lá, mas nunca fui.

Entrevistador: É verdade. Entendi. E quais considerações você tem a fazer sobre cachaça artesanal, sobre seu processo de fabricação e sobre esta tradição?

[entrevistado8]: Tenho um amigo que produz cachaça, ele tem um alambique. E por causa dele conheço bastante o processo de fabricação, acho um trabalho extremamente difícil mas o resultado é espetacular.

Entrevistador: Ele faz em Ubá mesmo? Aí eu entro na última pergunta pra saber, na sua opinião, o que mais dificultaria e o que mais facilitaria a sua escolha pelo turismo em Presidente Bernardes, especialmente nos alambiques de lá?

[entrevistado8]: Zona rural de Visconde do Rio Branco. Facilitaria era conhecer a região que não conheço e a bebida também. E dificultaria seria a distância de onde moro até lá.

Entrevistador: Agradecimentos